

Secretaria de Estado da Saúde de Alagoas

# SAÚDE ALAGOAS

Análise da Situação de Saúde

# 2017

## 10ª REGIÃO

Maceió - AL  
2017

Governo de Alagoas  
Secretaria de Estado da Saúde  
Superintendência de Vigilância em Saúde  
Gerência de Informação e Análise da Situação de Saúde

**Saúde Alagoas:**  
Análise da Situação de Saúde 2017

Maceió – AL  
2017

**GOVERNADOR DO ESTADO**  
José Renan Vasconcelos Calheiros Filho

**VICE-GOVERNADOR**  
José Luciano Barbosa da Silva

**SECRETÁRIO DE ESTADO DA SAÚDE**  
Carlos Christian Reis Teixeira

**SECRETÁRIO EXECUTIVO DE AÇÕES DE SAÚDE**  
Paulo Luiz Teixeira Cavalcante

**SECRETÁRIO EXECUTIVO DE GESTÃO INTERNA**  
Delano Sobral Rolim

**SUPERINTENDÊNCIA DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE**  
Mardjane Alves de Lemos Nunes

**GERÊNCIA DE INFORMAÇÃO E ANÁLISE DA SITUAÇÃO DE SAÚDE**  
Herbert Charles Silva Barros

**ASSESSORIA TÉCNICA DE ANÁLISE DA SITUAÇÃO DE SAÚDE**  
Anna Cláudia de Araújo Peixoto Damasceno

**ASSESSORIA TÉCNICA DE SISTEMAS DE INFORMAÇÃO**  
Diego Pereira da Silva

2017 – Secretaria de Estado da Saúde de Alagoas

Todos os direitos reservados.

É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e que não seja para venda ou para qualquer fim comercial.

A responsabilidade pelos direitos autorais de textos e imagens desta obra é de seus autores e suas respectivas Áreas Técnicas.

Este editorial pode ser acessado na íntegra no site da Secretaria de Estado da Saúde:  
<http://www.saude.al.gov.br>

**Elaboração, edição e distribuição:**

SECRETARIA DE ESTADO DA SAÚDE DE ALAGOAS - SESAU  
Superintendência de Vigilância em Saúde - SUVISA  
Gerência de Informação e Análise da Situação de Saúde - GIANS  
Coordenação Técnica, Produção e Organização: GIANS  
Avenida da Paz, nº 1068. Salas: 201, 202 e 203 – Jaraguá  
CEP: 57022-050 – Maceió/ Alagoas

**Capa, Projeto Gráfico e Diagramação:**

Bruno Souza Lopes – GIANS

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	7
PERFIL DEMOGRÁFICO, DETERMINANTES E CONDICIONANTES DE SAÚDE .....	8
NATALIDADE.....	25
MORBIDADE .....	39
MORBIDADE HOSPITALAR.....	72
MORTALIDADE .....	95

## **ELABORADORES**

### **Saúde Alagoas: Análise da Situação de Saúde 2017**

#### **Capítulo 1 – Perfil demográfico, determinantes e condicionantes de saúde**

Rívia Rose da Silva Machado

#### **Capítulo 2 – Natalidade**

Merielle de Souza Almeida

#### **Capítulo 3 – Morbidade**

Bruno Souza Lopes

#### **Capítulo 4 – Morbidade Hospitalar**

Herbert Charles Silva Barros

#### **Capítulo 5 – Mortalidade**

Anderson Brandão Leite

## **APRESENTAÇÃO**

A Secretaria de Estado da Saúde de Alagoas apresenta o livro **Saúde Alagoas: Análise da Situação de Saúde 2017**, publicação preparada e organizada com muito carinho pela Superintendência de Vigilância em Saúde, através da Gerência de Informação e Análise da Situação de Saúde, abordando indicadores relevantes, que irão servir de subsídio para o planejamento baseado em evidências.

A vigilância em saúde tem por objetivo a observação e análise permanentes da situação de saúde da população, conjunto de ações destinadas a controlar determinantes, riscos e danos à saúde de populações que vivem em determinados territórios, garantindo a integralidade da atenção.

A situação atual não nos permite mais propor ações e metas sem demonstrarmos as reais necessidades, pois, se permanecermos nessa prática arcaica, estaremos replicando formas errôneas que deixarão o planejamento fadado ao fracasso e a população cada vez mais vulnerável.

Com isso, espera-se que técnicos e gestores utilizem este instrumento como um dos balizadores de suas programações plurianuais e anuais, refletindo com maior fidedignidade a realidade local e regional.

Que estes livros não se tornem a única fonte de análise de indicadores, mas um indutor para a busca, aprimoramento e utilização de todas as fontes de dados disponibilizadas pelas diversas esferas de gestão.

**Mardjane Alves de Lemos Nunes**  
Superintendente de Vigilância em Saúde



**PERFIL DEMOGRÁFICO, DETERMINANTES E  
CONDICIONANTES DE SAÚDE**

## ASPECTOS DEMOGRAFICOS

### População Residente

A 10ª Região de Saúde é composta por sete municípios. Os mais populosos, conforme tabela 1 abaixo, são: Delmiro Gouveia (32,26%), seguido por Mata Grande (15,78%). O Município mais populoso da 10ª RS, Delmiro Gouveia, apresenta uma economia baseada na indústria têxtil, comércio, agricultura e pecuária (IBGE, 2015).

**Tabela 01** – Percentual da população de 10ª Região de Saúde – AL, 2016.

LOCALIDADE	POPULAÇÃO	%
10ª RS	162.139	---
Água Branca	20.422	12,60
Delmiro Gouveia	52.306	32,26
Inhapi	18.637	11,49
Mata Grande	25.589	15,78
Olho d'Água do Casado	9.381	5,79
Pariconha	10.674	6,58
Piranhas	25.130	15,50

Fonte: Datasus/IBGE/2016

\*Dados obtidos com base da projeção da população do IBGE/ 2016.

### População residente segundo sexo

Observando a população residente segundo sexo, a 10ª RS apresenta um maior percentual da sua população com sexo feminino (50,5%). Dentre os municípios, Delmiro Gouveia possui o maior percentual da população feminina e a razão entre os sexos apresentada foi de 93,1 homens para cada 100 mulheres. O maior percentual de homens está em Olho d'Água do Casado (50,6%), quando comparado as mulheres, e uma razão de sexos de 102,5 (tabela 2).

**Tabela 02** – População residente em Alagoas por Municípios da 10ª Região de Saúde, segundo sexo, 2016.

LOCALIDADE	SEXO				RAZÃO DE SEXOS
	Masculino	%	Feminino	%	
10ª RS	79.850	49,5	81.620	50,5	97,8
Água Branca	10.302	50,4	10.129	49,6	101,7
Delmiro Gouveia	25.071	48,2	26.917	51,8	93,1
Inhapi	9.257	49,7	9.363	50,3	98,9
Mata Grande	12.919	50,5	12.666	49,5	102,0
Olho d'Água do Casado	4.705	50,6	4.592	49,4	102,5
Pariconha	5.322	50,2	5.279	49,8	100,8
Piranhas	12.274	49,2	12.674	50,8	96,8

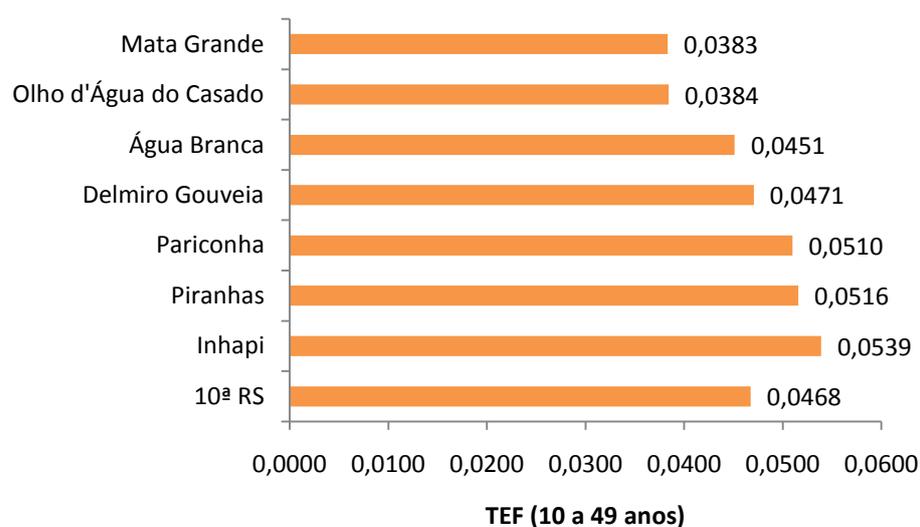
Fonte: Datasus/IBGE/2016

\*Dados obtidos com base da projeção da população do IBGE/ 2016 e RIPSA/2015.

### Taxa específica de fecundidade

Foram considerados para o cálculo, as mulheres em idade fértil (de 10 a 49 anos) e os nascidos vivos desse mesmo grupo etário. Essa taxa mede a intensidade de fecundidade a que as mulheres estão sujeitas em cada grupo etário do período reprodutivo. A maior taxa específica de fecundidade da 10ª RS no ano de 2016 foi no município de Inhapi (0,0539), e a menor taxa apresentada foi em Mata Grande (0,0383) (figura 02).

**Figura 02** – Taxa específica de fecundidade, segundo Municípios da 10ª Região de Saúde de Alagoas e faixa etária. 2016.

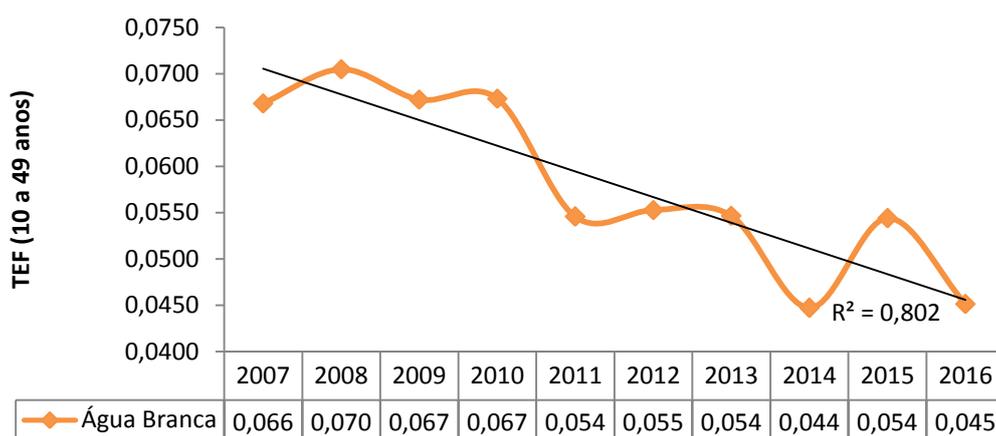
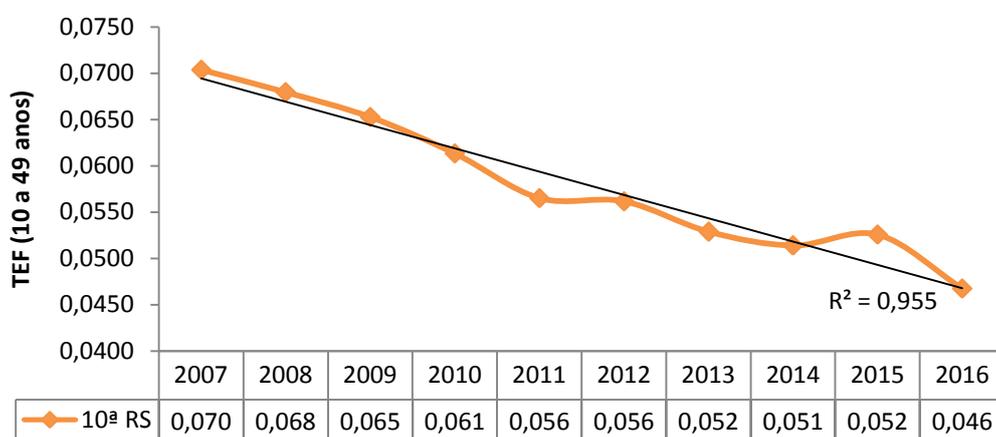


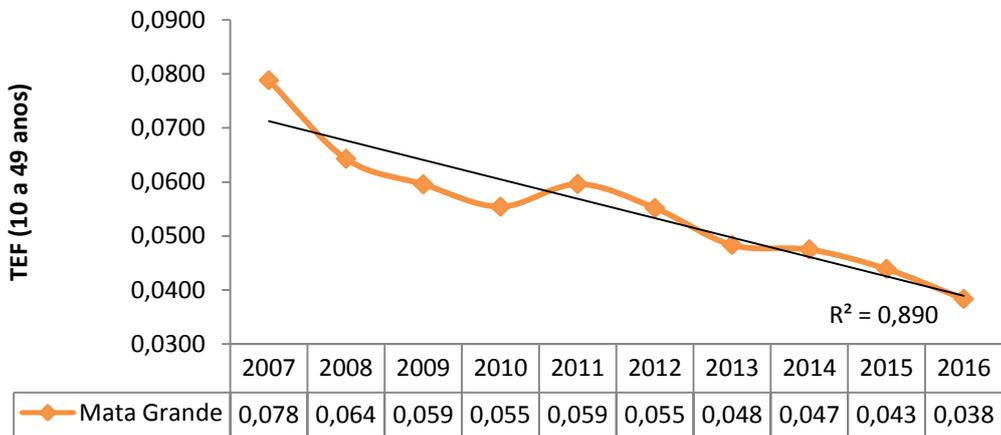
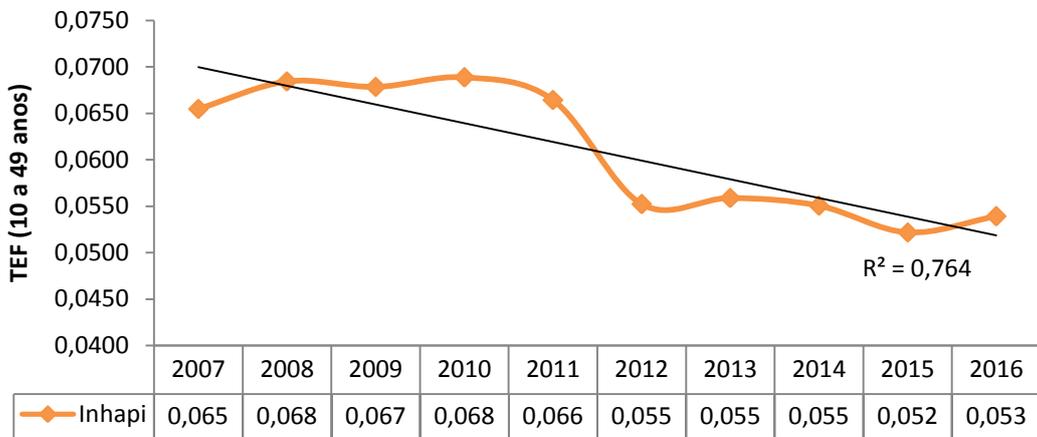
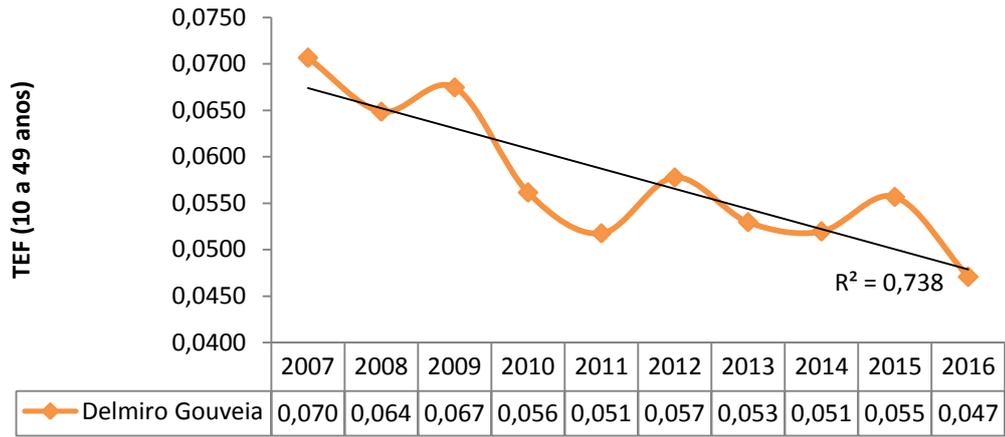
Fonte: Datasus/RIPSA/2016/SINASC, tabulado em 10.07.17.

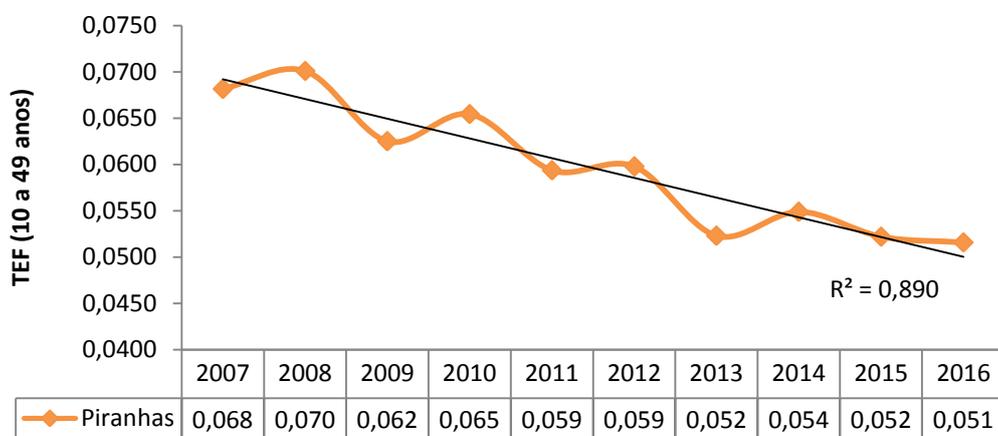
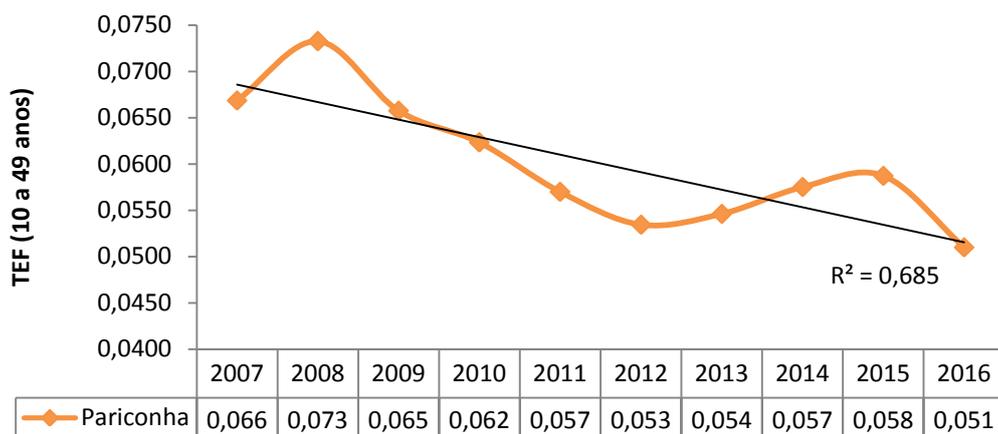
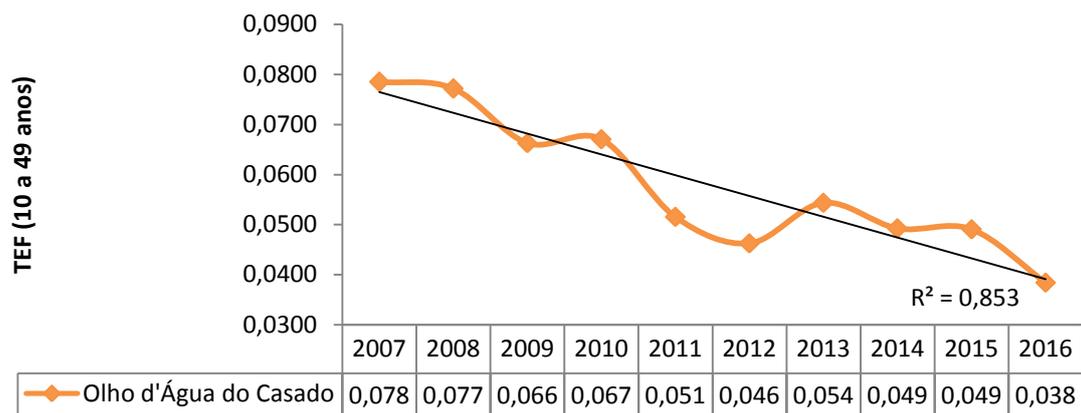
\*Dados obtidos através de projeção.

Ao observar a taxa em uma análise temporal, no período de 2007 a 2016, é possível visualizar que a 10ª RS apresenta uma forte tendência de redução ao longo dos anos ( $R^2 = 0,955$ ). Todos os Municípios, quando avaliados, apresentam redução nas taxas específicas de fecundidade, e tais Municípios foram representados por gráficos na figura 3 abaixo. Porém, chamam a atenção pela maior redução das taxas ao longo do período avaliado, Mata Grande ( $R^2 = 0,890$ ) e Piranhas ( $R^2 = 0,890$ ) (figura 03).

**Figura 03** – Taxa específica de fecundidade, segundo Municípios da 10ª Região de Saúde de Alagoas e faixa etária. 2007 a 2016.







Fonte: Datasus/RIPSA/2007 a 2016/SINASC, tabulado em 10.07.17.

\*Dados obtidos através de projeção.

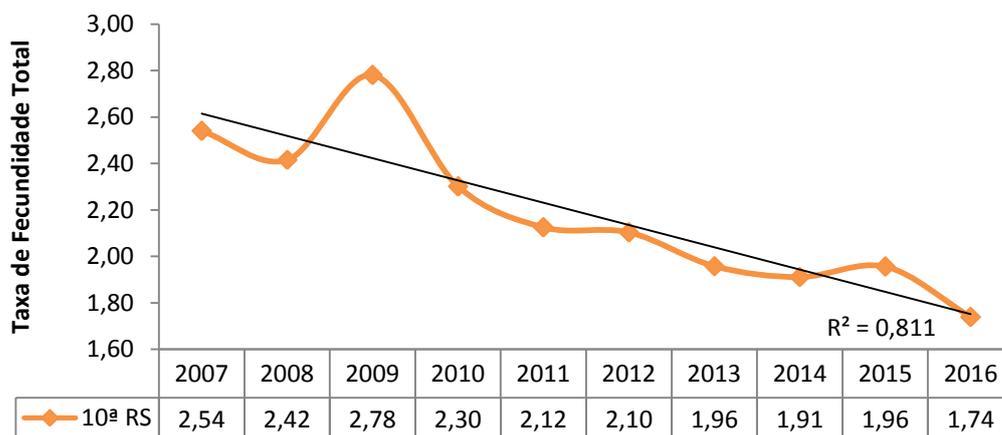
## Taxa de fecundidade total

Essa taxa expressa o número médio de filhos nascidos vivos, tidos por uma mulher ao final do seu período reprodutivo, na população residente em determinado espaço geográfico, no ano. Ela foi calculada usando-se o grupo etário de mães com

faixa etária de 10 a 49 anos. Quando essa taxa é inferior a 2,1 é sugestiva de fecundidade insuficiente para assegurar a reposição populacional.

Ao avaliar a 10ª RS, durante o período de 2007 a 2016, observou-se uma forte tendência de redução da taxa de fecundidade total ao longo do tempo (figura 04).

**Figura 04** - Taxa de fecundidade total da 10ª Região de Saúde de Alagoas, 2007 a 2016.

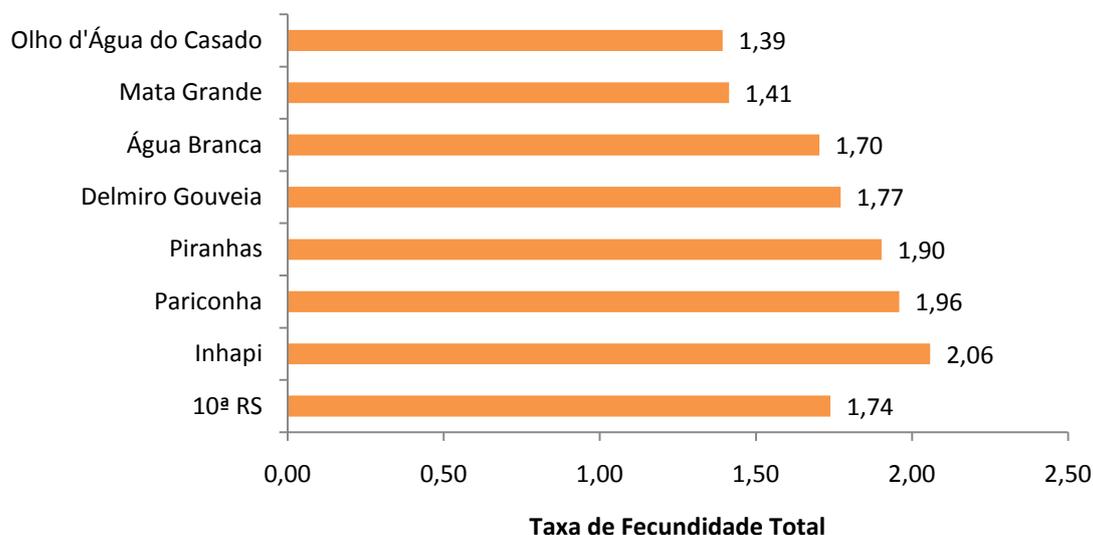


Fonte: Datasus/RIPSA/2007 a 2016/SINASC, tabulado em 10.07.17.

\*Dados obtidos através de projeção.

Em 2016, a maior fecundidade observada foi no Município de Inhapi (2,06 filhos/mulher). Já o Município de Olho d'Água do Casado apresenta a menor taxa (1,39 filhos/mulher). Nenhum Município da Região apresentou a taxa de fecundidade igual ou superior a 2,1 (figura 05).

**Figura 05** – Taxa de fecundidade total segundo Municípios da 10ª Região de Saúde de Alagoas, 2016.



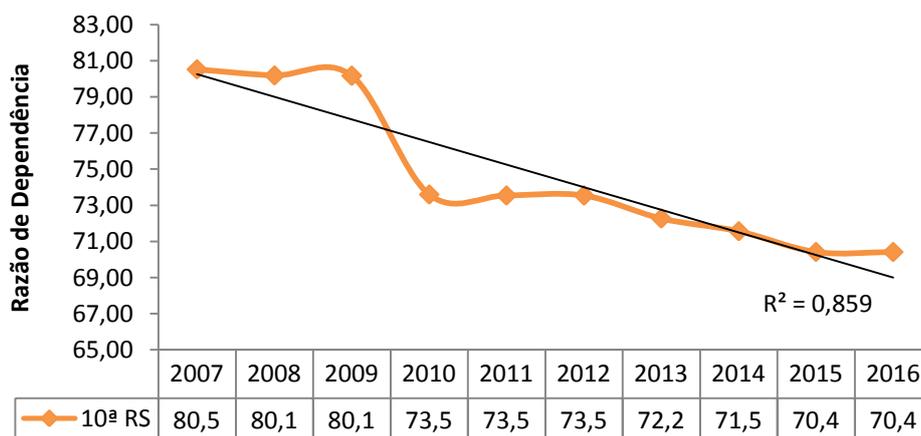
Fonte: Datasus/RIPSA/2016/SINASC, tabulado em 10.07.17.  
\*Dados obtidos através de projeção.

## Razão de dependência

Valores elevados da razão de dependência indicam que a população em idade produtiva (entre 15 e 59 anos de idade) deve sustentar uma grande proporção de dependentes (os menores de 15 anos de idade e os de 60 e mais anos de idade), o que significa consideráveis encargos assistenciais para a sociedade.

Na figura 06 é possível visualizar que a razão de dependência vem caindo fortemente ao longo dos anos na 10ª Região de Saúde ( $R^2=0,859$ ).

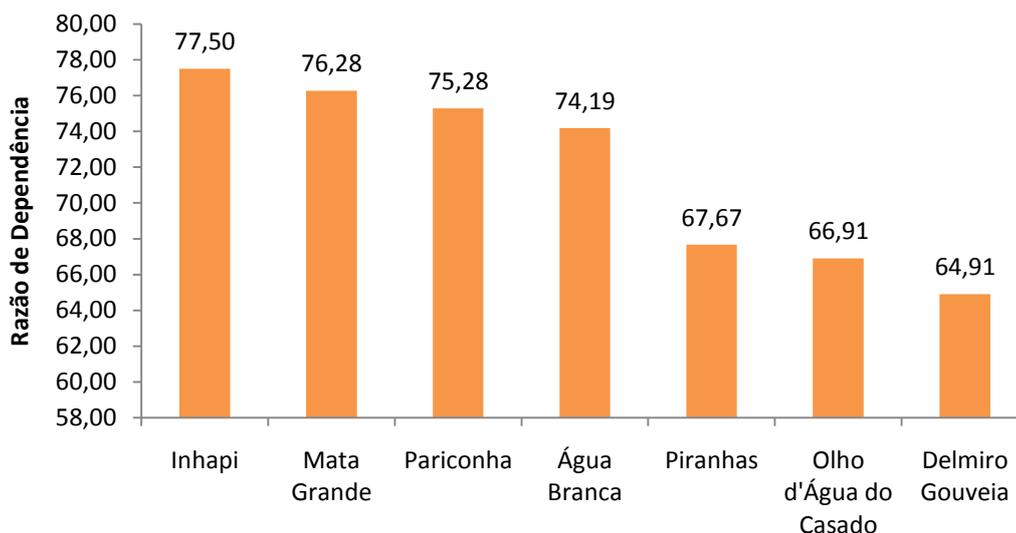
**Figura 06** – Razão de Dependência da população da 10ª Região de Saúde. Alagoas. 2007 a 2016.



Fonte: DATASUS/IBGE/RIPSA/2007 a 2016.

Ao observar a razão de dependência dos municípios no ano de 2016, Inhapi apresenta a maior razão (77,50%). Já o município de Delmiro Gouveia possui a menor razão de dependência (64,91%) (figura 07).

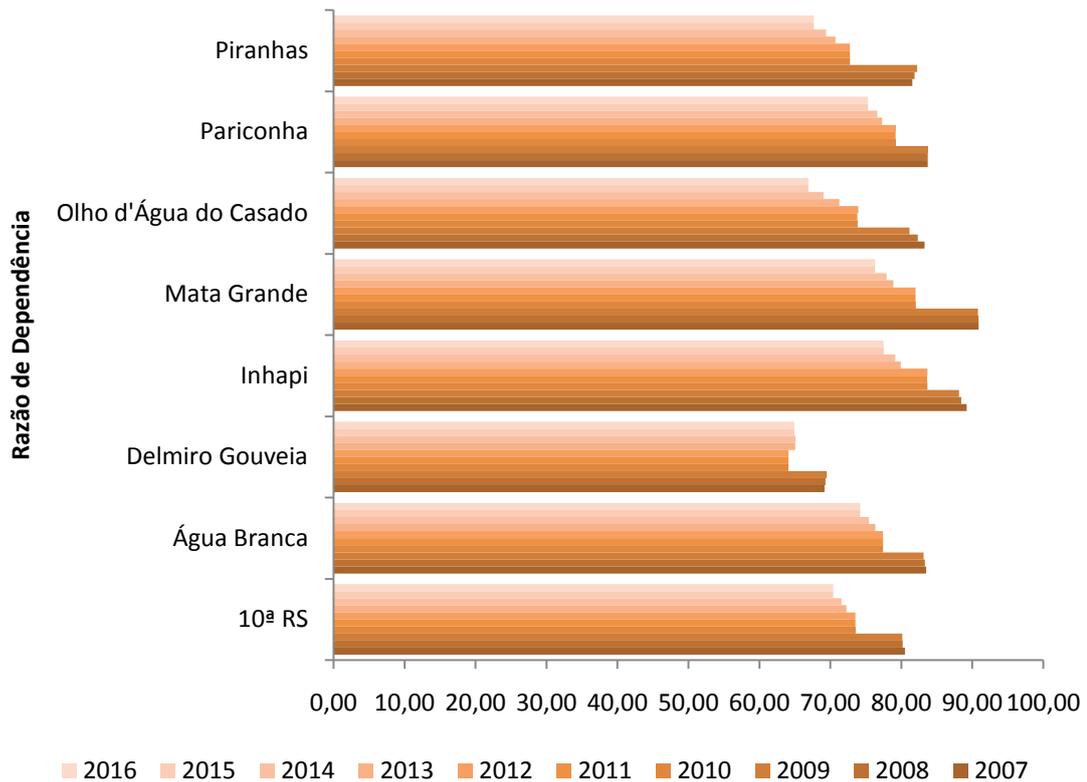
**Figura 07** – Razão de Dependência dos Municípios da 10ª Região de Saúde, Alagoas. 2016.



Fonte: DATASUS/IBGE/RIPSA/ 2016.

Quando os municípios são visualizados segundo os anos de 2007 a 2016, é possível verificar uma redução na dependência ao longo dos anos, apresentando uma maior dependência entre os anos de 2007 a 2009 (figura 08).

**Figura 08** – Razão de Dependência dos Municípios da 10ª Região de Saúde, Alagoas. 2007 a 2016.

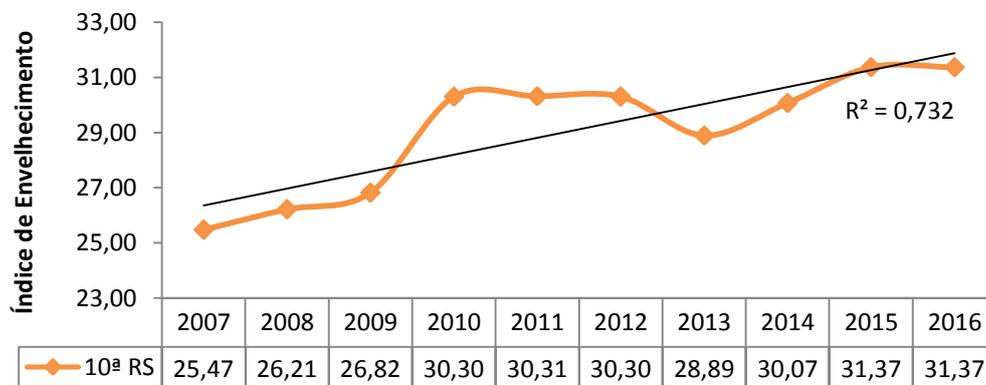


Fonte: DATASUS/IBGE/RIPSA/ 2007 a 2016.

### Índice de envelhecimento

Na figura 09 é possível visualizar que o índice de envelhecimento vem aumentando ao longo dos anos na 10ª Região de Saúde ( $R^2=0,732$ ). Valores elevados desse índice indicam que a transição demográfica encontra-se em estágio avançado.

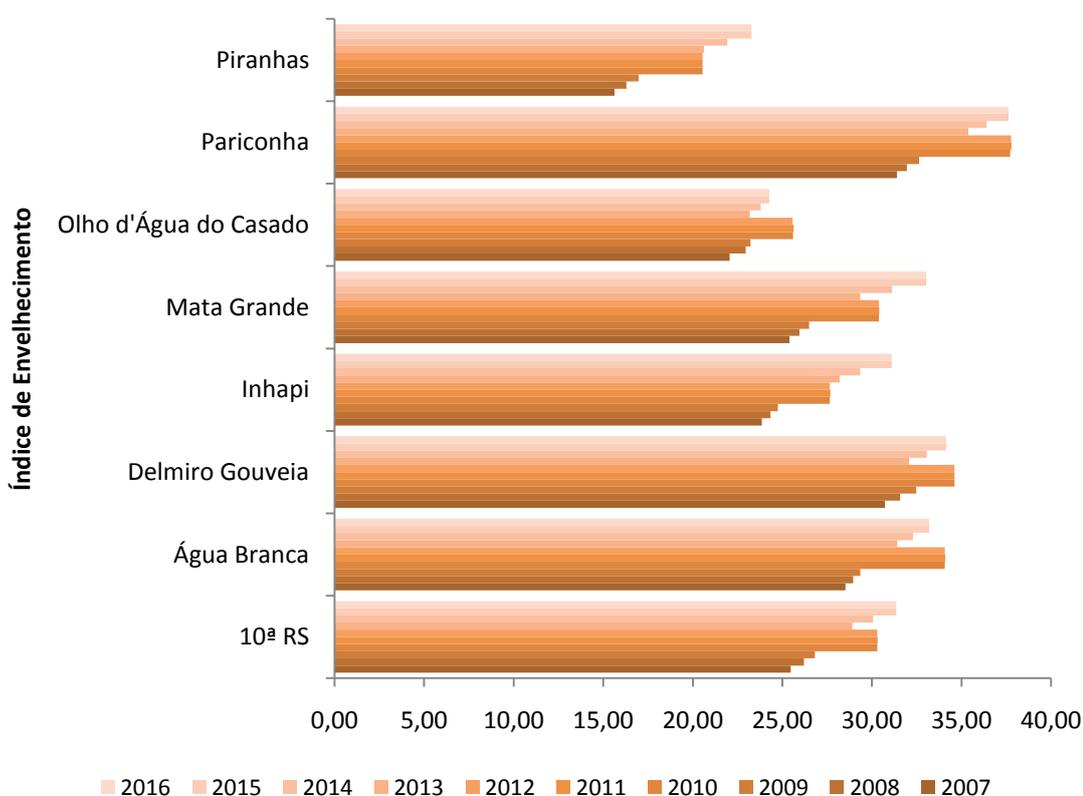
**Figura 09** – Índice de envelhecimento da 10ª Região de Saúde, Alagoas. 2007 a 2016.



Fonte: DATASUS/IBGE/RIPSA/ 2007 a 2016.

Ao Observar os municípios segundo os anos de 2007 a 2016, é possível verificar um aumento no índice de envelhecimento ao longo dos anos, principalmente nos Municípios de Inhapi e Piranhas. Verificando que há um maior índice entre os anos de 2014 a 2016 nos municípios da 10ª Região de Saúde (figura 10). Pariconha apresenta em 2016 o maior índice de envelhecimento (37,64%) e o menor observado foi em Piranhas (23,27%).

**Figura 10** – Índice de envelhecimento dos Municípios da 10ª Região de Saúde, Alagoas. 2007 a 2016.

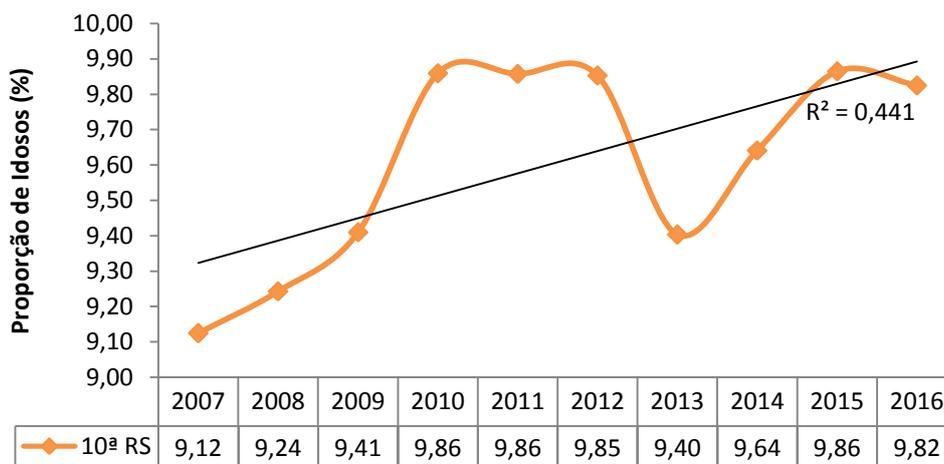


Fonte: DATASUS/IBGE/RIPSA/ 2007 a 2016.

### Proporção de idosos

Esse indicador reflete o ritmo de envelhecimento da população. O crescimento da população de idosos está associado à redução das taxas de fecundidade e de natalidade e ao aumento da esperança de vida. Na 10ª RS, observa-se uma moderada tendência de aumento dessa proporção ao longo dos anos de 2007 a 2016 ( $R^2=0,441$ ) (figura 11).

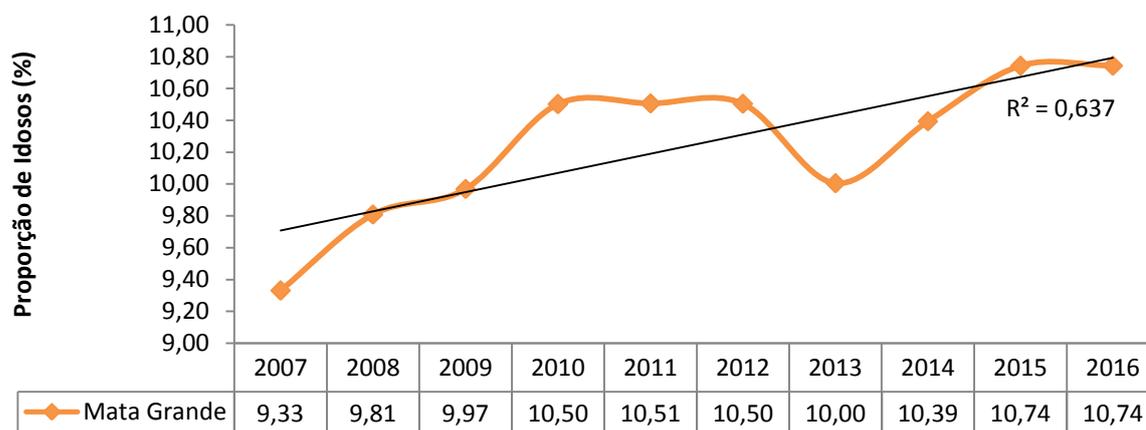
**Figura 11** – Proporção de idosos da 10ª Região de Saúde, Alagoas. 2007 a 2016.



Fonte: DATASUS/IBGE/RIPSA/ 2007 a 2016.

Ao Observar os municípios segundo os anos de 2007 a 2016, é possível verificar que apenas dois Municípios apresentaram uma tendência de aumento na proporção de idosos ao longo dos anos: Mata Grande ( $R^2=0,637$ ) e Piranhas ( $R^2=0,858$ ) (figura 12).

**Figura 12** – Proporção de idosos dos Municípios da 10ª Região de Saúde, Alagoas. 2007 a 2016.





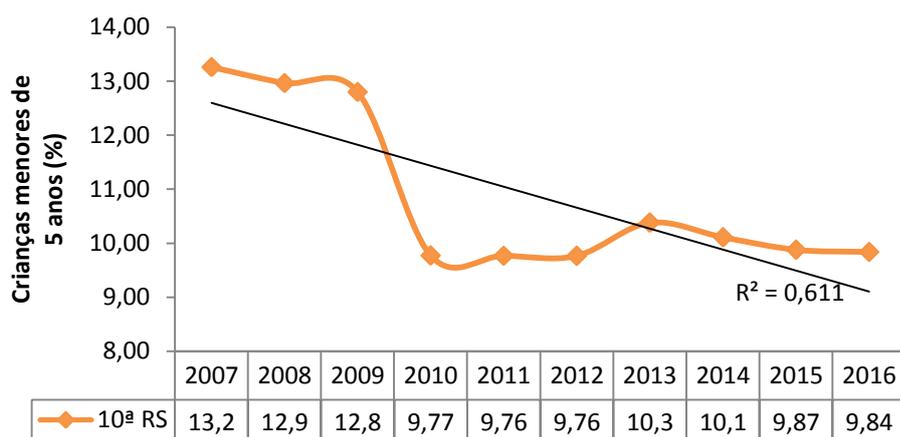
Fonte: DATASUS/IBGE/RIPSA/ 2007 a 2016.

### Proporção de menores de 5 anos de idade na população

Esse indicador está associado aos níveis de fecundidade e natalidade, que repercutem na estrutura etária da população. Regiões com reduzidas taxas de fecundidade apresentam menor proporção de crianças abaixo de cinco anos de idade.

Na 10ª RS, observa-se uma moderada tendência de redução dessa proporção ao longo dos anos de 2007 a 2016 ( $R^2=0,611$ ) (figura 13).

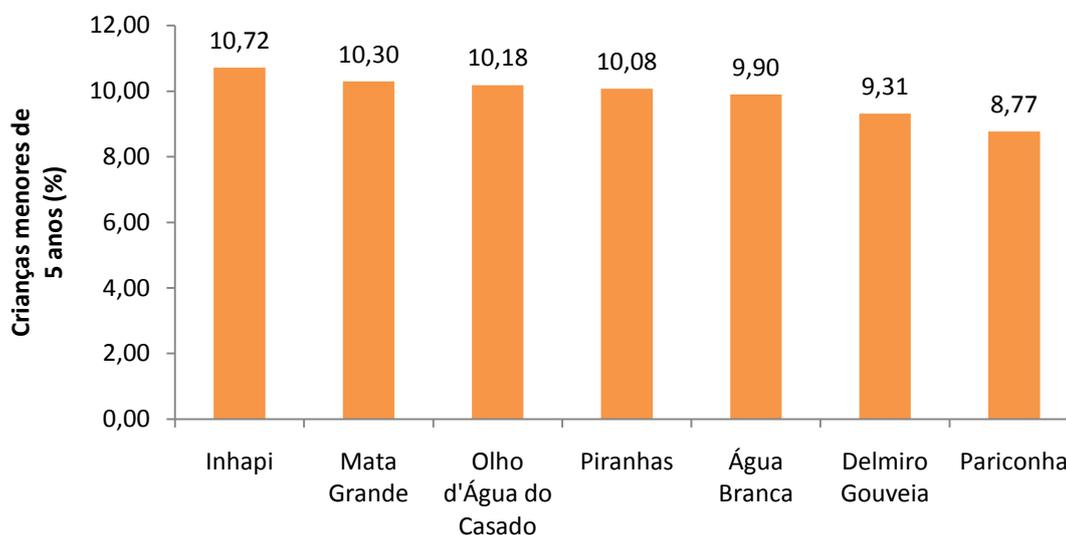
**Figura 13** – Proporção de crianças menores de 5 anos na 10ª Região de Saúde, Alagoas. 2007 a 2016.



Fonte: DATASUS/IBGE/RIPSA/ 2007 a 2016.

A proporção de crianças menores de 5 anos nos Municípios da 10ª RS, apresenta-se menor em Pariconha e maior em Inhapi (figura 14).

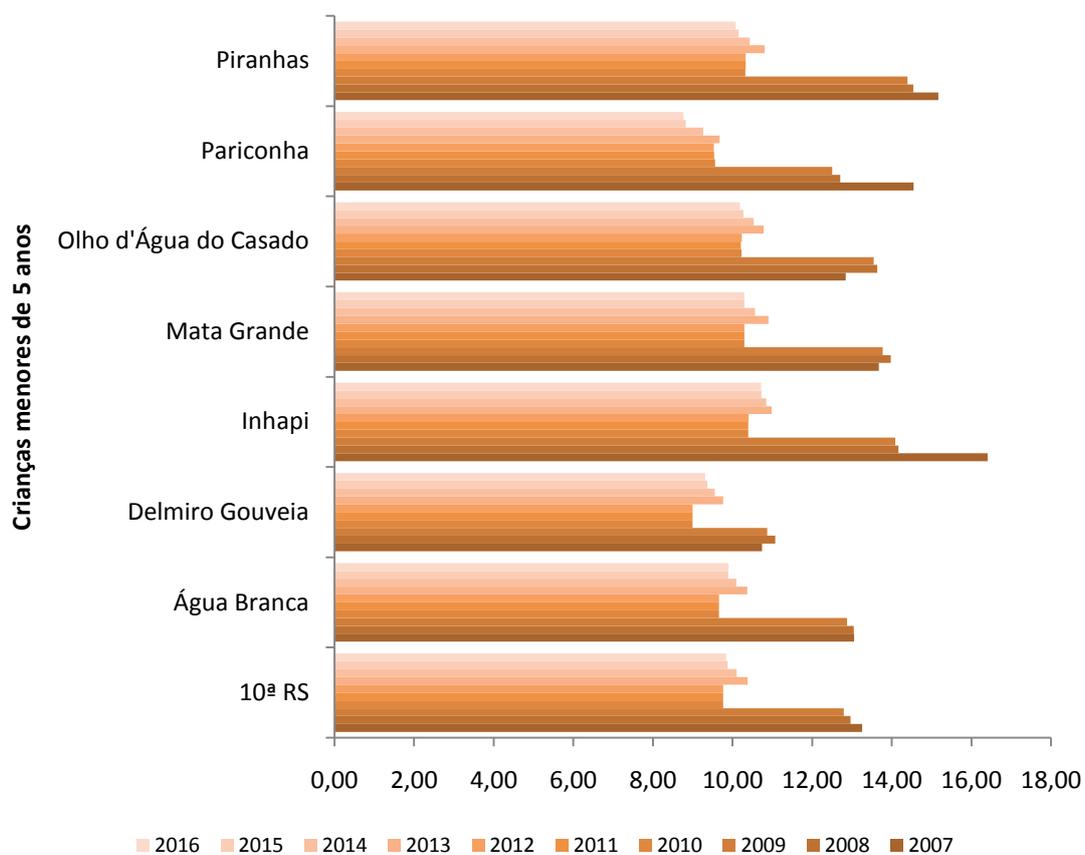
**Figura 14** – Proporção de crianças menores de 5 anos na 10ª Região de Saúde, Alagoas. 2016.



Fonte: DATASUS/IBGE/RIPSA/ 2016.

Quando os municípios são visualizados segundo os anos de 2007 a 2016, é possível verificar uma redução na proporção de crianças menores de 5 anos ao longo dos anos. Verificando que havia uma maior proporção entre os anos de 2007 a 2009, em todos os municípios da 10ª Região de Saúde (figura 15).

**Figura 15** – Proporção de crianças menores de 5 anos na 10ª Região de Saúde, Alagoas. 2007 a 2016.



Fonte: DATASUS/IBGE/RIPSA/ 2007 a 2016.

## DETERMINANTES E CONDICIONANTES DE SAÚDE

### Aspectos Socioeconômicos

De acordo com o panorama dos Municípios fornecido pelo IBGE (2017), alguns aspectos socioeconômicos relevantes foram listados na tabela 03 abaixo. Observa-se que o número de salários mínimos mensais dos trabalhadores formais é maior no Município de Pariconha (2,0 salários), já o menor é em Olho d'Água do Casado (1,5 salários). Com relação ao percentual da população ocupada, Delmiro Gouveia apresenta o maior percentual (10,0%), e o menor é Mata Grande (3,3%).

Ao avaliar o PIB per capita, o último disponível em 2014, Delmiro Gouveia aparece com o maior PIB (9.370,66 R\$), já o menor PIB está apresentado no Município de Pariconha (5.013,2R\$) (tabela 03).

O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) é uma medida composta de indicadores de três dimensões do desenvolvimento humano: longevidade, educação e renda. O índice varia de 0 a 1. Quanto mais próximo de 1, maior o desenvolvimento humano (PNUD, 2010). Na tabela 03 é possível observar que o maior IDHM é de Delmiro Gouveia (0,612). Já o menor é do Município de Inhapi (0,484).

**Tabela 03** - Indicadores Socioeconômicos da população dos Municípios da 10ª Região de Saúde de Alagoas. 2017.

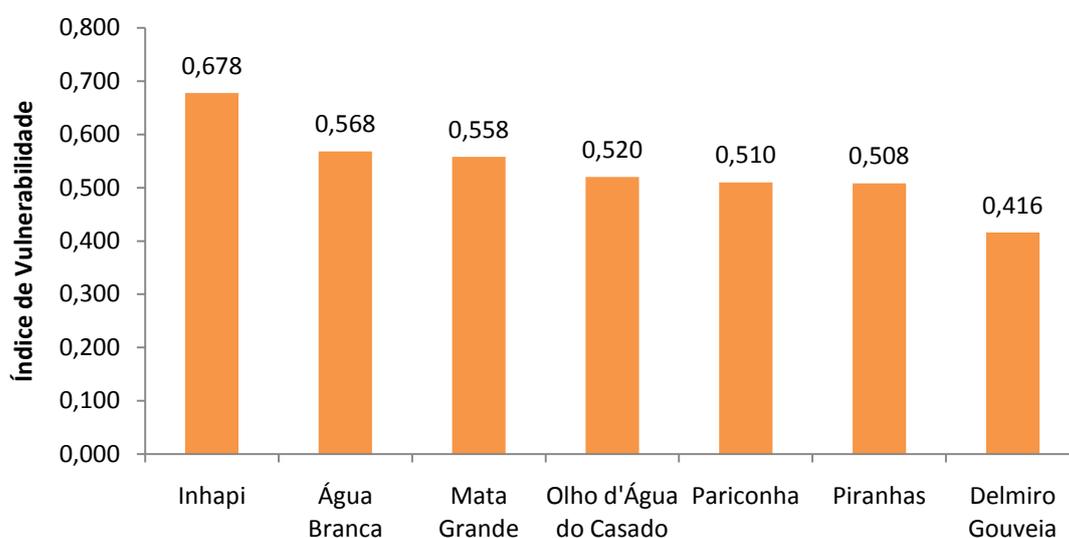
LOCALIDADE	Salário médio mensal dos trabalhadores formais [2015]*	População ocupada % [2015]	PIB per capita R\$ [2014]	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) [2010]
Água Branca	1,7	6,2	5.453,11	0,549
Delmiro Gouveia	1,7	10,0	9.370,66	0,612
Inhapi	1,8	3,6	5.104,70	0,484
Mata Grande	1,7	3,3	5.689,36	0,504
Olho d'Água do Casado	1,5	5,9	5.818,47	0,525
Pariconha	2,0	5,1	5.013,20	0,548
Piranhas	1,9	5,9	6.664,07	0,589

IBGE/2017

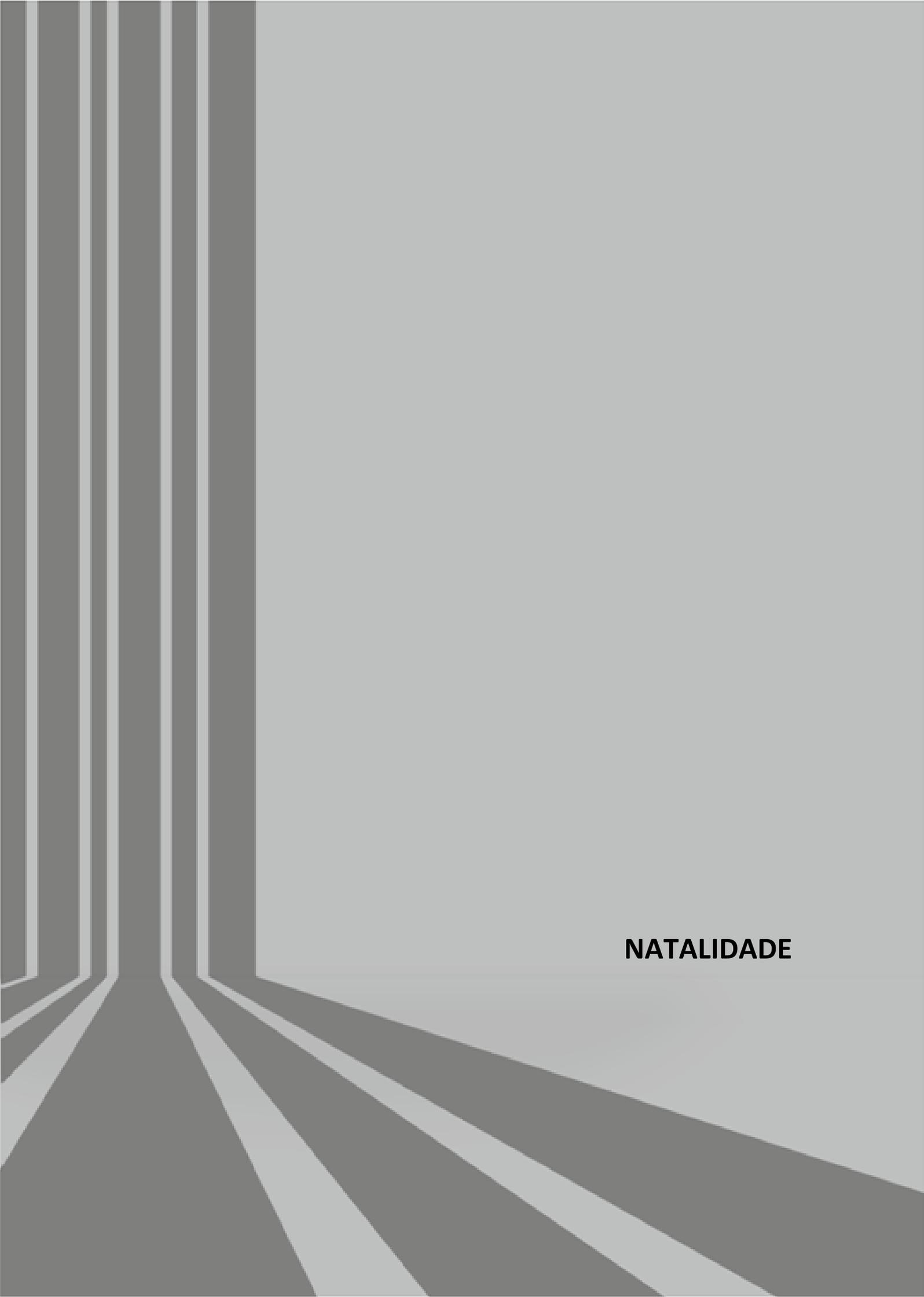
\*Salários Mínimos

Em 2015, o Instituto de Pesquisa Econômica (IPEA), lançou o Atlas de Vulnerabilidade Social nos Municípios brasileiros. O índice de Vulnerabilidade Social (IVS) destaca as situações que indicam exclusão e vulnerabilidade social no território brasileiro, sendo complementar ao Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM). É composto por 3 subíndices: infraestrutura urbana, capital humano e renda e trabalho (IPEA, 2015). Segundo observa-se na figura 16, dentre os municípios da 10ª RS, Inhapi possui o maior IVS (0,678), e Delmiro Gouveia o menor índice (0,416).

**Figura 16** – Índice de Vulnerabilidade dos Municípios da 10ª Região de Saúde, Alagoas. 2010.



Fonte: IPEA,2015.



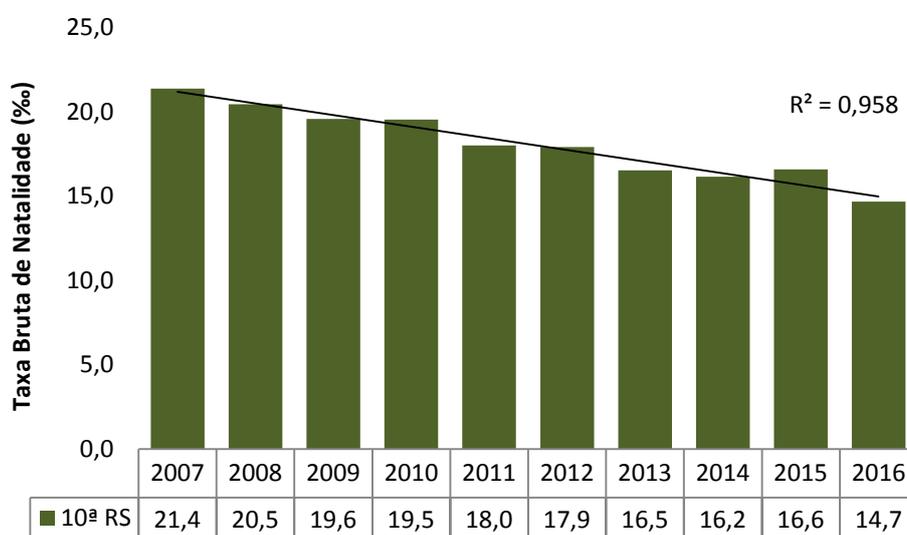
**NATALIDADE**

## NATALIDADE

No período de 2007 a 2016, a 10ª Região de Saúde (RS) de Alagoas apresentou forte redução em sua Taxa Bruta de Natalidade (TBN) ( $R^2 = 0,9585$ ).

A Rede Interagencial de Informações para a Saúde – RIPSAs – destaca que a TBN pode subsidiar processos de planejamento, gestão e avaliação de políticas públicas relativas à atenção materno-infantil. É comum associar taxas elevadas a condições socioeconômicas precárias e a aspectos culturais da população.

**Figura 01** – Taxa bruta de natalidade. 10ª Região de Saúde. Período, 2007 a 2016\*.



\*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 10/07/2017.

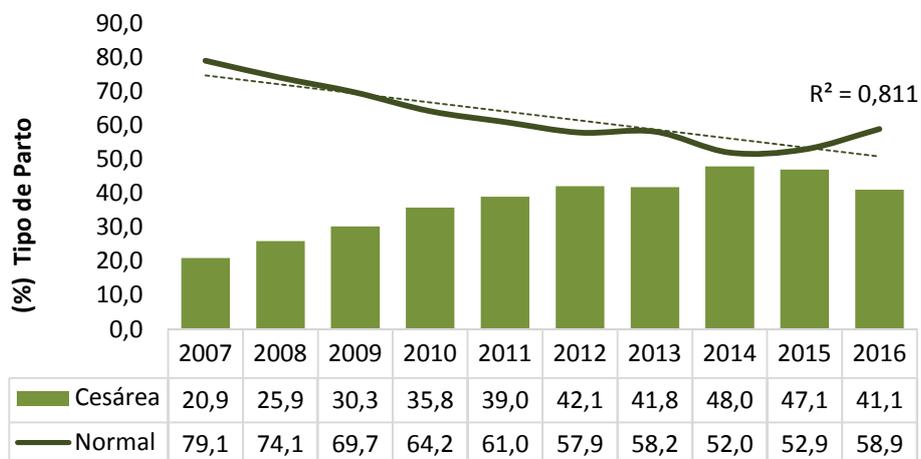
Fonte: DATASUS/SINASC

Dos municípios que integram essa região, Mata Grande destaca-se por apresentar mais forte tendência de queda dessa taxa ( $R^2 = 0,8585$ ).

## TIPO DE PARTO

O tipo de parto predominante em todo o período de 2007 a 2016 nessa RS foram partos normais, porém seus valores seguem moderada tendência de redução. Quando destacado os quatro últimos anos verifica-se que essa redução continua moderada (Figura 02).

**Figura 02** – Proporção de nascidos vivos segundo tipo de parto.10ª Região de Saúde. Período, 2007 a 2016\*.



\*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 10/07/2017.

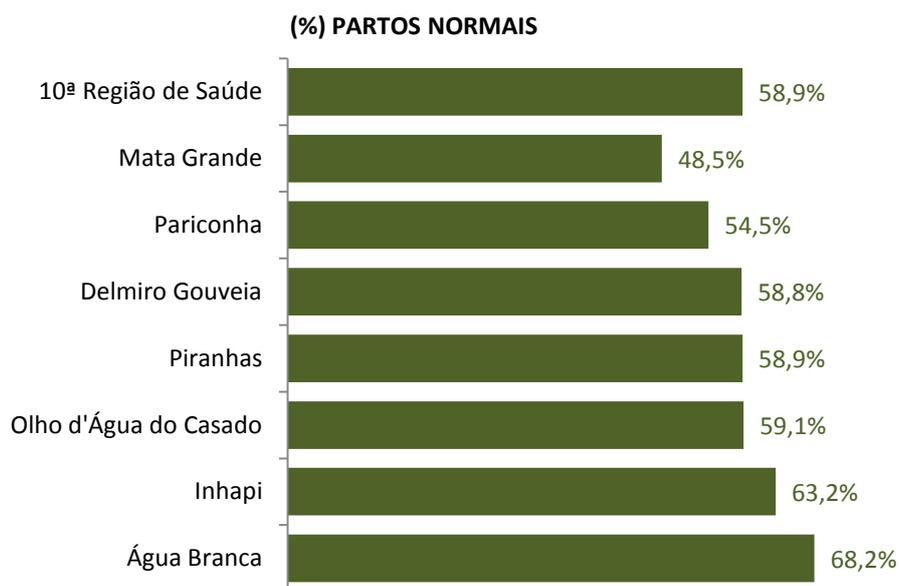
Fonte: SINASC

Entre as regiões de saúde do estado, a 10ª RS apresentou em 2016 a terceira maior proporção de partos normais (58.9%).

Em 2016, os municípios de Água Branca (68,2%) e Inhapi (62,2%) registraram as maiores proporções de Partos Normais (PN) dessa região. Enquanto que Mata Grande, a menor (48,5%) (Figura 03).

De acordo com o Ministério da Saúde a proporção de cesáreas é crescente em todo o país. Diversos fatores têm contribuído para esse crescimento: o aprimoramento das técnicas cirúrgicas e anestésicas, a diminuição do risco de complicações pós-operatórias, fatores demográficos e nutricionais, a pedido da mulher (medo da dor, busca da integridade vaginal e crenças de que o parto vaginal é mais arriscado para o feto do que uma cesárea), organização da atenção obstétrica (conveniência e segurança do médico) e a esterilização cirúrgica durante o procedimento operatório da cesárea.

**Figura 03** – Proporção de nascidos vivos por parto normal.10ª Região de Saúde, 2016\*.



\*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 10/07/2017.

Fonte: SINASC

## **BAIXO PESO AO NASCER**

Analisar o Baixo Peso ao Nascer (BPN) é fundamental para avaliar a sobrevivência infantil, pois quanto menor o peso ao nascer, maior a possibilidade de morte precoce.

Em 2016, 7,0% dos NV dessa região apresentavam BPN (Tabela 01), 11,4% menor que o do estado. O município de Olho d'Água do Casado (12,5%) registrou o maior valor desse ano.

Nessa região, os valores apresentados no período de 2007 a 2016 demonstraram fraca tendência de aumento.

O município de Olho d'Água do Casado foi apresentado valores com variação mais significativa ao longo do período avaliado ( $R^2 = 0,4308$ ). Nele ocorreu moderada redução na proporção de nascidos vivos com baixo peso ao nascer.

**Tabela 01** – Proporção de nascidos vivos com baixo peso ao nascer por município. 10ª Região de Saúde, 2017\*.

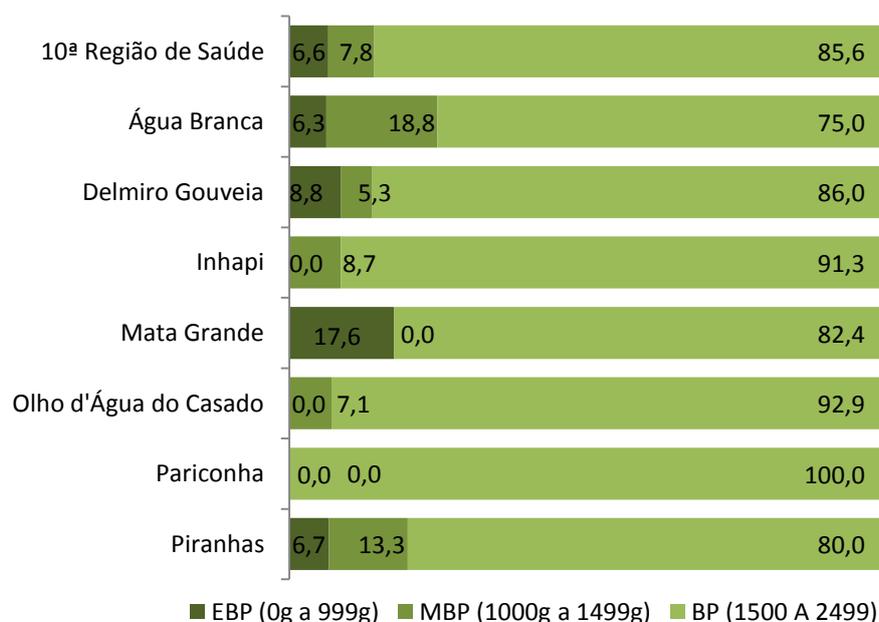
LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
10ª Região de Saúde	6,3	6,3	6,4	6,6	6,3	5,6	7,2	7,0	6,8	7,0
Água Branca	4,6	7,6	5,1	8,5	7,4	6,3	8,6	5,8	4,8	5,8
Delmiro Gouveia	6,1	6,4	7,2	5,6	7,5	5,0	6,9	6,5	5,3	7,2
Inhapi	6,5	5,6	6,5	6,5	4,6	3,9	8,5	7,3	9,6	7,4
Mata Grande	4,5	5,7	5,2	6,5	8,5	5,9	7,4	6,3	7,6	5,7
Olho d'Água do Casado	5,6	7,2	6,0	3,9	2,8	7,0	6,5	7,7	9,1	12,5
Pariconha	5,4	7,7	4,5	6,8	2,8	3,6	3,4	8,1	5,8	6,1
Piranhas	10,1	5,6	7,6	7,8	5,2	7,5	7,4	8,5	8,4	7,1

\*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 10/07/2017.

Fonte: SINASC

Dos NV com baixo peso, em 2016, 6,6% apresentavam Extremo Baixo Peso (EBP), ou seja, com peso abaixo de 1000g. Esta condição de peso foi maior no município de Mata Grande (17,6%). Água Branca destaca-se por apresentar a maior ocorrência de NV com Muito Baixo Peso (MBP) (18,8%), ou seja, pesando de 1000g a 1499g (Figura 04). No município de Pariconha, todos que nasceram com BP pesava de 1500g a 2499g.

**Figura 04** – Proporção de nascidos vivos de Extremo Baixo Peso (EBP), Muito Baixo Peso (MBP) e Baixo Peso (BP) ao nascer por município. 10ª Região de Saúde, 2016\*.



\*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 10/07/2017.

Fonte: SINASC

Importa ressaltar que oBP reflete a qualidade do atendimento à gestante, no âmbito nutricional, acompanhamento pré-natal e assistência ao parto.

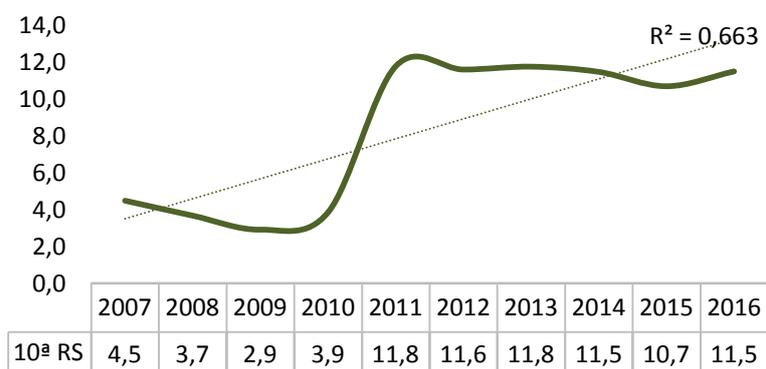
## PREMATURIDADE

Na 10ª RS, como em todas as regiões, somente a partir de 2011 houveram maiores registros de NV prematuros.

Ao avaliar a tendência histórica dessa taxa observa-se que nos últimos dez anos segue-se moderado aumento de nascimentos prematuros nessa RS ( $R^2 = 0,6636$ ) (Figura 05).

Nos municípios dessa região a prematuridade vem aumentando, porém essa condição é mais evidente em Pariconha (Tabela 02).

**Figura 05** - Tendência temporal da taxa de prematuridade dos nascidos vivos residentes na 10ª Região de Saúde. Período, 2007 a 2016\*.



\*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 10/07/2017.

Fonte: SIM/SINASC.

**Tabela 02** – Taxa de prematuridade por município. 10ª Região de Saúde, período de 2007a 2016\*.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
10ª Região de Saúde	4,5	3,7	2,9	3,9	11,8	11,6	11,8	11,5	10,7	11,5
Água Branca	3,7	4,3	2,5	4,2	11,8	12,7	13,4	10,9	7,9	15,4
Delmiro Gouveia	5,4	2,7	3,1	4,6	12,0	11,7	11,2	11,8	9,7	10,8
Inhapi	3,9	2,9	3,5	2,8	12,5	15,7	12,7	13,8	14,9	9,5
Mata Grande	2,3	3,4	1,4	2,1	14,3	8,7	12,4	10,3	10,2	10,8
Olho d'Água do Casado	3,3	4,5	4,1	4,8	7,0	10,9	7,1	6,9	20,5	9,6
Pariconha	5,3	4,0	2,0	3,1	10,0	10,2	14,8	14,9	11,5	12,0
Piranhas	6,1	5,3	3,8	4,5	10,4	11,2	10,7	10,5	8,9	12,6

\*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 10/07/2017.

Fonte: SIM/SINASC.

A prematuridade é de grande importância na vigilância da morbimortalidade neonatal e perinatal. Estudos comprovam que é a segunda causa de morte de crianças com menos de cinco anos de idade.

Os dados apresentados indicam a necessidade de avaliar esse indicador de forma ampla, sendo de grande importância analisar a alimentação desses dados no sistema, além das situações obstétricas e neonatais que possam contribuir nas suas causas.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) destaca as induções médicas desnecessárias e cesarianas antes do tempo como fatores que têm contribuído para o aumento do número de nascimentos prematuros.

A proporção de prematuros nascidos com baixo peso vem apresentando moderado decréscimo nos últimos dez anos (Figura 06).

**Figura 06** - Proporção de nascidos vivos prematuros com baixo peso ao nascer. 10ª Região de Saúde, período, 2007 a 2016.

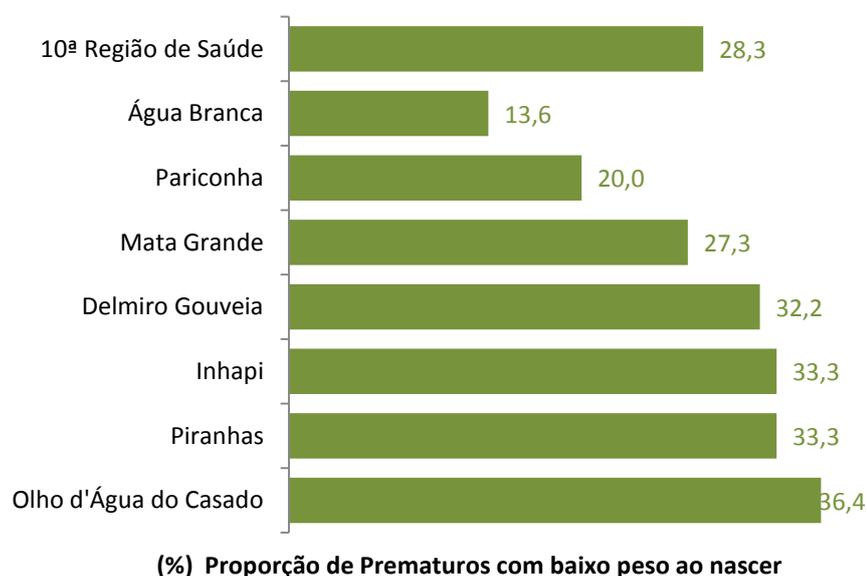


\*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 10/07/2017.

Fonte: SIM/SINASC

Em 2016, o município de Água Branca registrou a menor ocorrência de prematuros com BPN (13,6%), enquanto que Olho d'Água do Casado a maior (36,4%), 28,6% acima do valor apresentado em toda RS (Figura 07).

**Figura 07** –Proporção de prematuros com baixo peso ao nascer segundo município de residência. 10ª Região de Saúde, 2016.



\*Dados sujeitos

a alterações; Tabulados em 10/07/2017.

Fonte: SIM/SINASC

## IDADE MATERNA

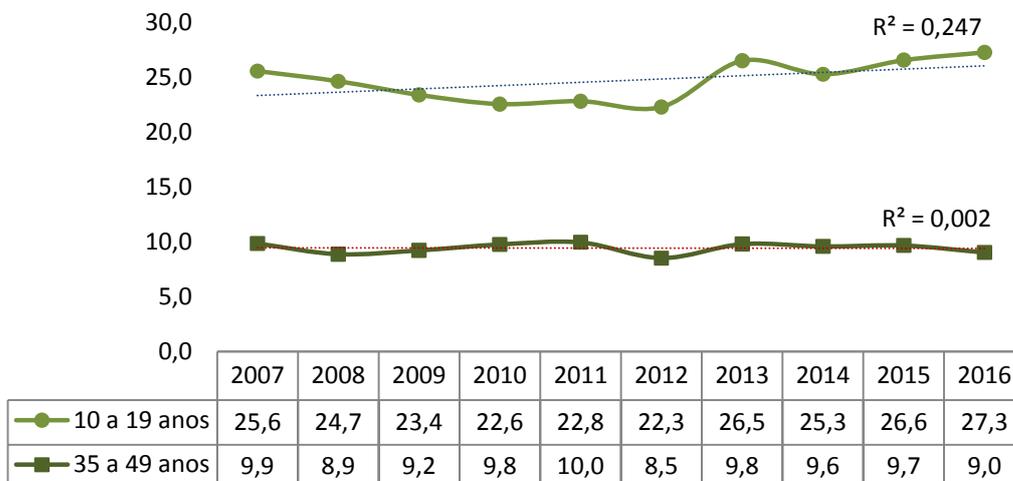
Na análise da idade materna, consideraram-se as faixas etárias de 10 a 19 anos - mães adolescentes, fase em que a mulher ainda em desenvolvimento enfrentatransformações físicas, biológicas, sociais e emocionais; e as de 35 a 49 anos, considerada gravidez tardia, apresenta fator de risco para a morbidade materna e fetal.

Nos últimos dez anos, a proporção de mães adolescentes residentes na 10ª RS apresentou fraca tendência de aumento, (Figura 08).

No ano de 2016, o município de Pariconha apresentou a maior proporção de mães adolescentes dessa região (30,3%).

A proporção de mães com faixa etária de 35 a 49 anos não apresentou variação significativa durante o período avaliado.

**Figura 08** – Proporção de nascidos vivos segundo idade materna – 10 a 19 anos e 35 a 49 anos – 10ª Região de Saúde. Período, 2007 a 2013\*.

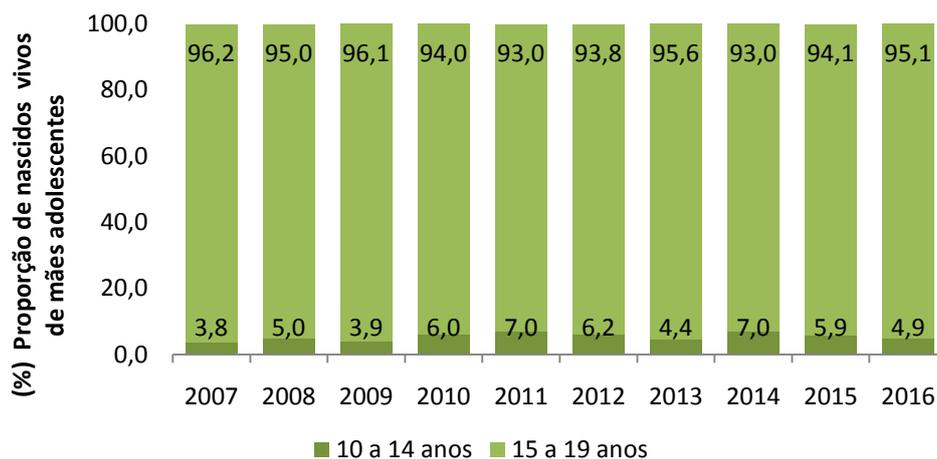


\*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 10/07/2017.

Fonte: SINASC.

Ao estratificar a proporção de mães adolescentes, observa-se que na 10ªRS a ocorrência de gravidez entre as adolescentes de 10 a 14 anos é a quarta menor dentre as regiões do estado, com uma média de 5,4%/ano (Figura 09).

**Figura 09** -Proporção de nascidos vivos filhos de mães adolescentes. 10ª Região de Saúde. Período, 2007 a 2016\*.



\*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 10/07/2017.

Fonte: SINASC

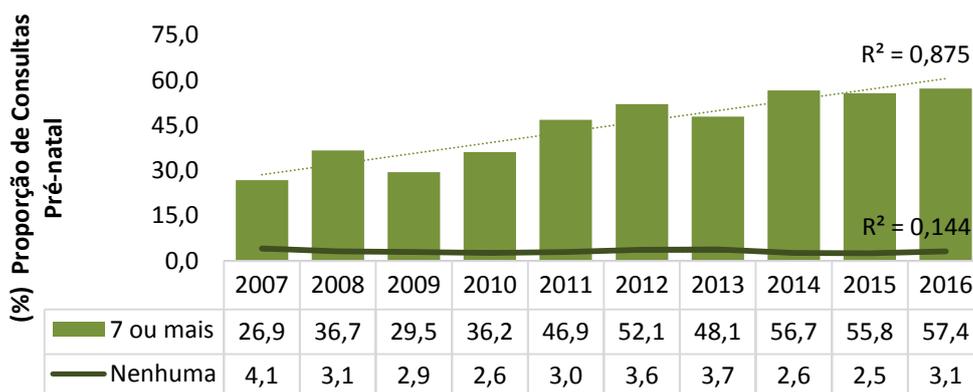
Em 2016, os municípios de Pariconha (11,5%) e Inhapi (10,9%) registraram a maior proporção de gravidez tardia dessa região.

A ocorrência de gestação em mulheres com essa faixa etária, considerada avançada, é resultado de um melhor nível socioeconômico e maior nível de escolaridade, pois atualmente maior parte das mulheres dão prioridade a sua carreira profissional, ocasionando adiamento do casamento e diminuição da paridade. Mesmo com esses aspectos que favorecem a gravidez nessa fase da vida da mulher, ela ainda está associada a complicações relacionadas à gravidez e ao parto, como: hipertensão gestacional, diabetes mellitus gestacional, maior frequência de partos cesáreos e nascimentos prematuros, e outras; como também a condição física.

### CONSULTA PRÉ-NATAL

Na 10ª RS a proporção de gestantes com 7 ou mais consultas pré-natais segue forte tendência de aumento. Ao destacar os últimos quatro anos vê-se a continuidade dessa condição, o que possibilita o alcance desejado para uma melhor assistência a mãe e seu bebê (Figura 10).

**Figura 10** - Proporção de nascidos vivos que compareceram a 7 ou mais consultas pré-natais ou nenhuma. 10ª Região de Saúde. Período, 2007 a 2016.



\*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 10/07/2017.

Fonte: SINASC

No período de 2007 a 2016, houve forte aumento na proporção de gestantes com 7 ou mais consultas pré-natais, sendo maior no município de Pariconha ( $R^2 = 0,978$ ).

Em 2016, o município de Pariconha (75,8%) apresentou a maior proporção de mães com essa frequência de consultas.

Essa região de saúde apresentou uma média baixa de mães que não tiveram nenhuma consulta (3,1%), porém sua tendência não segue variação significativa.

É importante ressaltar que existem diversas limitações para definir esses valores como indicadores da real situação do acompanhamento pré-natal no nosso estado, pois de acordo com a RIPSAs – Rede Interagencial de Informações para Saúde - há possibilidade de equívoco da gestante ao informar o número de consultas no momento da captação desse dado; São Desconsideradas, por restrição da fonte de dados, as consultas de pré-natal relativas a gestações que deram origem a natimortos e abortos; A ocorrência de partos gemelares resulta em contagem cumulativa de mulheres; A representatividade populacional do indicador pode estar comprometida nas áreas que apresentam insuficiente cobertura do sistema de informação sobre nascidos vivos e a possibilidade de nascidos vivos que morrem logo após o nascimento serem declarados como natimortos, subenumerando o total de nascidos vivos.

## **ESCOLARIDADE**

Quanto a escolaridade das mães dos nascidos vivos dessa RS, foi avaliado os anos de estudos apenas das adolescentes, pois espera-se que a maternidade nessa fase de suas vidas, interfira na continuidade da carreira educacional delas.

A tendência temporal das mães adolescentes com 8 a 11 anos de estudo vem apresentando forte aumento ao longo dos últimos dez anos ( $R^2 = 0,9492$ ). Conseqüentemente tem ocorrido redução na proporção das que não possuem nenhum ano de estudo ( $R^2 = 0,5052$ ). Isso demonstra que apesar de encarar o desafio da maternidade numa fase tão precoce de suas vidas, essas jovens tem se empenhado na continuidade de seus estudos, e a busca de melhores condições socioeconômicas.

**Tabela 03** - Proporção de nascidos vivos filhos de mães adolescentes segundo escolaridade. 10ª Região de Saúde. Período, 2007 a 2016.

Mães adolescentes - 10 a 19 anos										
ESCOLARIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
Nenhuma	2,2	2,8	1,1	1,6	1,3	2,5	1,2	1,2	0,7	0,6
01 a 03 anos	18,8	15,9	14,7	12,3	13,8	8,1	7,7	5,4	3,4	2,2
04 a 07 anos	58,6	60,3	59,2	57,9	60,5	56,1	56,5	49,8	49,2	48,5
08 a 11 anos	18,1	18,5	21,3	25,0	23,9	32,7	34,3	43,1	46,2	48,0
12 ou mais anos	2,2	2,5	3,7	3,1	0,5	0,7	0,4	0,5	0,6	0,6

\*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 10/07/2017.

Fonte: SINASC

## ANOMALIA CONGÊNITA

Nos últimos dez anos a 10ª RS registrou apenas 181 nascimentos de crianças com algum tipo de anomalia congênita.

O município de Delmiro Gouveia registrou 28 casos de NV nessa condição, durante todo o período analisado. O município de Olho d'Água do Casado destaca-se por apresentara menor ocorrência de nascimentos de crianças com má formação congênita, durante todo esse período, apenas 4 casos (Tabela 04),

**Tabela 04** -Frequência de nascidos vivos com anomalia congênita segundo município. 10ª Região de Saúde. Período, 2007 a 2016\*.

NASCIDOS VIVOS COM ANOMALIA CONGÊNITA										
LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
10ª Região de Saúde	8	14	12	8	16	8	13	6	16	20
Água Branca	1	0	0	1	3	1	2	0	2	4
Delmiro Gouveia	3	5	3	2	1	2	1	1	3	7
Inhapi	1	4	2	0	2	2	3	2	1	2
Mata Grande	1	1	2	2	3	1	2	1	3	2
Olho d'Água do Casado	0	1	1	0	0	0	0	0	1	1
Pariconha	1	3	0	1	3	1	1	0	2	0
Piranhas	1	0	4	2	4	1	4	2	4	4

\*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 10/07/2017.

Fonte: SINASC

## APGAR

No período de 2007 a 2016, cerca de 9,0%/ano dos nascimentos ocorridos nessa região, apresentaram pontuação do APGAR igual ou menor que 7 pontos durante o exame realizado no 1º minuto de vida da criança.

Seus valores não apresentaram tendência significativa dessa pontuação ( $\leq 7$  pontos) no exame do 1º minuto (Figura 13).

**Figura 13** - Tendência temporal dos nascidos vivos que tiveram 7 ou menos pontos no exame de APGAR. 10ª Região de Saúde. Período, 2007 a 2016\*.

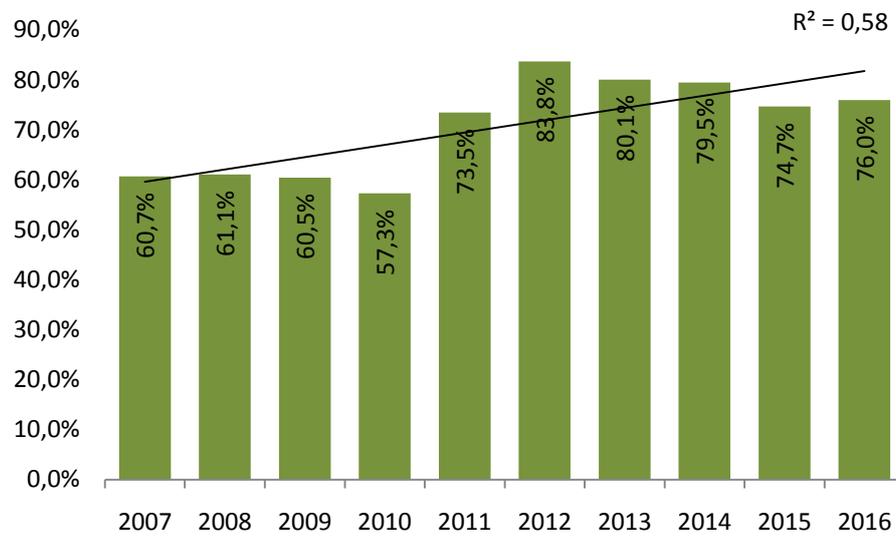


\*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 10/07/2017.

Fonte: SINASC

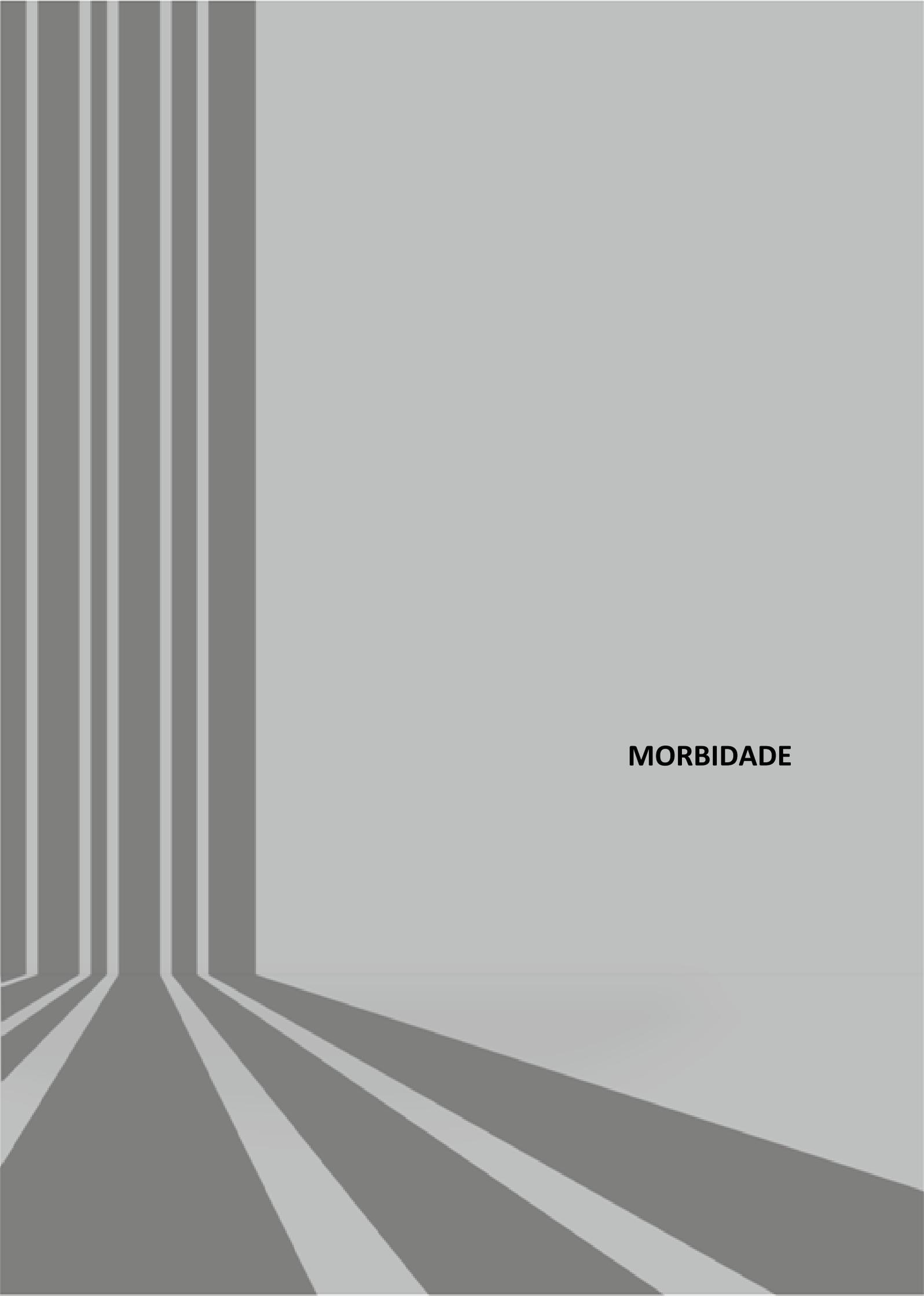
Observa-se que ao repetir o exame de APGAR no 5º minuto de vida, boa parte recuperaram sua pontuação, em média 70,7%/ano.

**Figura 12** - Tendência temporal da proporção de nascidos vivos com 8 ou mais pontos no exame de APGAR do 5º minuto. 10ª Região de Saúde. Período, 2007 a 2016\*.



\*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 10/07/2017.

Fonte: SINASC



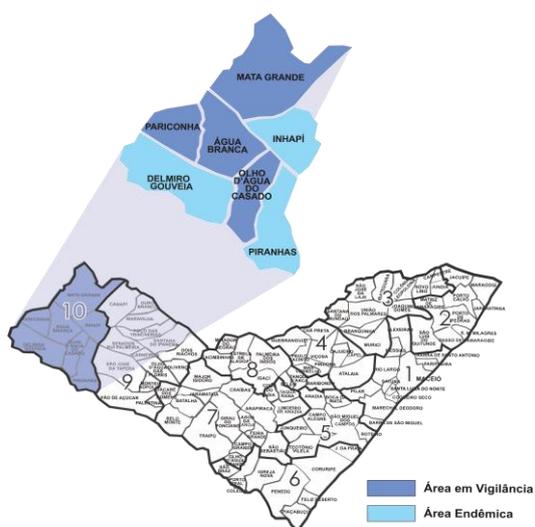
**MORBIDADE**

## DOENÇAS TRANSMISSÍVEIS

### Áreas endêmicas

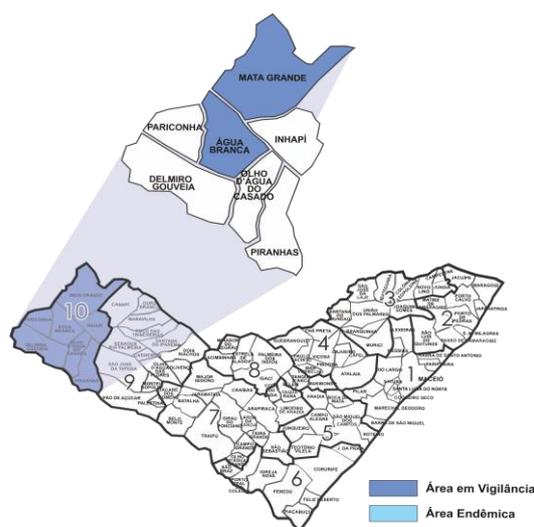
A 10ª Região de Saúde (RS) é endêmica para dengue, doença de chagas e leishmaniose tegumentar americana. Para esquistossomose todos os municípios fazem parte da área de vigilância (área sem caso ou com casos esporádicos que necessita de vigilância ininterrupta); para leishmaniose visceral, 3 municípios são endêmicos e 4 são da área de vigilância (Figura 01); para peste, nenhum município é endêmico e 2 fazem parte da área de vigilância (Figura 02).

**Figura 01** – Situação epidemiológica da leishmaniose visceral na 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2016.



Fonte: GIANS/SUVISA/SESAU-AL – sujeito à revisão.

**Figura 02** – Situação epidemiológica da peste na 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2016.



Fonte: GIANS/SUVISA/SESAU-AL – sujeito à revisão.

### Dengue

Dados de 2016 revelam que a 10ª RS apresentava-se em situação de alerta, com um índice de infestação predial de 2,1% (entre 0 e 1% – satisfatório; entre >1% e 3% – em situação de alerta; e > 3% - risco de surto), o município de Mata Grande foi o único que apresentou risco de surto (Tabela 01). Vale destacar que tal situação para os

municípios da RS pode estar mascarada pela não realização a contento dos ciclos de visitas domiciliares para controle da dengue ao longo dos anos (Tabela 02).

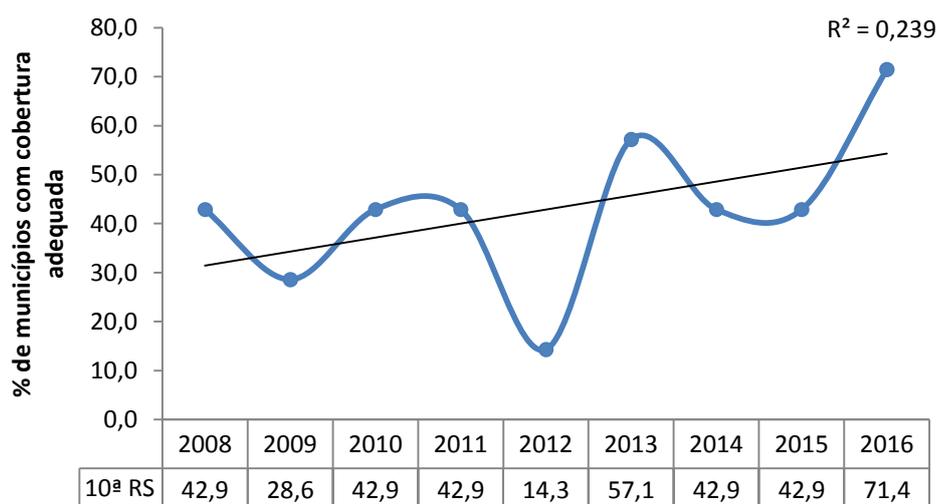
**Tabela 01** - Índice de Infestação predial, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
<b>10ª Região de Saúde</b>	3,1	2,7	3,2	2,9	2,3	1,8	2,3	2,8	3,2	2,1
Água Branca	3,0	3,0	3,8	3,5	2,4	1,8	3,6	4,1	3,2	2,3
Delmiro Gouveia	6,1	3,3	5,4	5,1	3,2	2,7	S/R	S/R	S/R	S/R
Inhapi	4,4	2,1	2,9	2,6	1,4	0,6	0,5	0,1	1,1	1,0
Mata Grande	1,3	2,4	1,8	1,5	1,1	1,2	0,6	0,6	4,8	3,1
Olho d'Água do Casado	1,6	0,7	2,7	2,4	1,6	3,0	4,0	6,6	6,0	1,7
Pariconha	2,4	5,2	3,1	2,2	2,7	4,0	3,7	5,7	5,0	2,8
Piranhas	1,5	1,5	2,4	2,2	2,5	1,0	1,3	1,0	0,4	0,0

Fonte: SISFAD/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

Avaliando o indicador proporção de imóveis visitados em, pelo menos, 04 ciclos de visitas domiciliares para controle da dengue, onde os municípios deveriam alcançar pelo menos 80% de cobertura em cada ciclo, não é observada ao longo dos anos tendência significativa na curva (Figura 03). Vale destacar que os municípios de Inhapi e Pariconha realizaram pelo menos 04 ciclos de visitas domiciliares para controle da dengue com cobertura adequada nos últimos 4 anos (Tabela 02).

**Figura 03** – Percentual de municípios com pelo menos 4 ciclos de visitas domiciliares para controle da dengue com 80% ou mais de cobertura, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2008 – 2016.



Fonte: SISFAD/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

**Tabela 02** – Número de ciclos de visitas domiciliares para controle da dengue com 80% ou mais de cobertura, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2008 – 2016.

LOCALIDADE	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
Água Branca	5	2	5	6	5	5	4	3	2
Delmiro Gouveia	4	1	0	0	0	3	3	2	5
Inhapi	1	0	1	0	0	6	6	5	5
Mata Grande	5	6	5	1	0	4	3	3	5
Olho d'Água do Casado	3	2	3	4	0	0	0	0	3
Pariconha	3	5	4	4	3	4	4	4	5
Piranhas	0	0	0	0	0	0	2	6	6

Fonte: SISFAD/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

Em 2016 os municípios da 10ª Região de Saúde registraram 1.403 casos suspeitos de dengue, sendo confirmados 857 (61,1%) destes, nenhum caso grave e nenhum óbito. Ressalta-se que apenas 1,1% dos casos notificados não foram investigados, demonstrando boa oportunidade na investigação e encerramento dos casos (Tabela 03).

**Tabela 03** – Classificação final dos casos notificados de dengue, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2016.

LOCALIDADE	DEN	%	DSA	%	DG	%	DESC	%	INC	%
10ª Região de Saúde	856	61,0	1	0,1	0	0,0	531	37,8	15	1,1
Água Branca	20	30,8	0	0,0	0	0,0	41	63,1	4	6,2
Delmiro Gouveia	121	92,4	0	0,0	0	0,0	9	6,9	1	0,8
Inhapi	89	96,7	0	0,0	0	0,0	1	1,1	2	2,2
Mata Grande	600	61,5	1	0,1	0	0,0	374	38,4	0	0,0
Olho d'Água do Casado	9	81,8	0	0,0	0	0,0	0	0,0	2	18,2
Pariconha	12	10,3	0	0,0	0	0,0	104	88,9	1	0,9
Piranhas	5	41,7	0	0,0	0	0,0	2	16,7	5	41,7

DEN – dengue, DSA – dengue com sinais de alarme, DG – dengue grave, DESC – Descartados, INC – Inconclusivos.

Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

A 10ª RS apresentou em 2016 uma taxa de incidência de 528,6 casos por 100.000 habitantes. Os municípios de Mata Grande e Delmiro Gouveia foram o que mais contribuíram para esta taxa (Tabela 04). Analisando o diagrama de controle da dengue em 2016, foi visualizado picos epidêmicos da 1ª a 9ª semanas epidemiológicas (Figura 04).

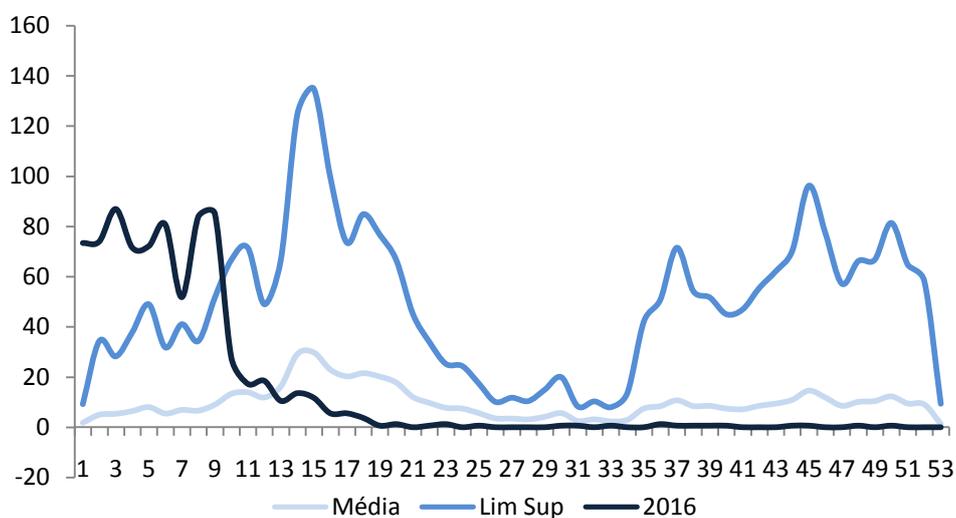
**Tabela 04** – Casos notificados e confirmados de dengue, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2013 - 2016.

LOCALIDADE	2013			2014			2015			2016		
	NOT	CONF	%	NOT	CONF	%	NOT	CONF	%	NOT	CONF	%
<b>10ª Região de Saúde</b>	189	71	37,6	186	79	42,5	5095	4435	87,0	1403	857	189
Água Branca	7	1	14,3	6	1	16,7	286	31	10,8	65	20	7
Delmiro Gouveia	69	52	75,4	85	45	52,9	489	382	78,1	131	121	69
Inhapi	29	6	20,7	21	20	95,2	1694	1571	92,7	92	89	29
Mata Grande	19	0	0,0	15	4	26,7	2418	2388	98,8	975	601	19
Olho d'Água do Casado	9	3	33,3	8	1	12,5	36	14	38,9	11	9	9
Pariconha	40	7	17,5	22	3	13,6	120	22	18,3	117	12	40
Piranhas	16	2	12,5	29	5	17,2	52	27	51,9	12	5	16

NOT – Notificados, CONF – Confirmados.

Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

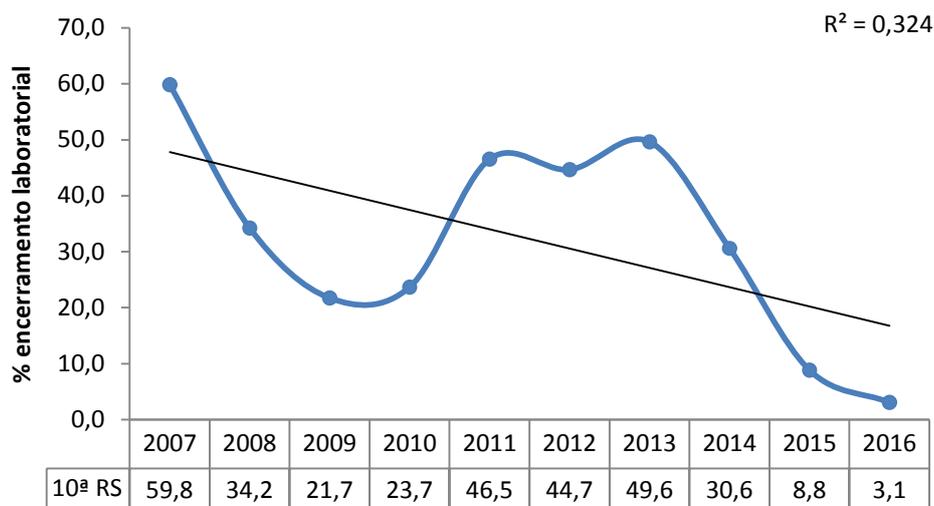
**Figura 04** – Diagrama de controle da dengue, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2016.



Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

O encerramento laboratorial dos casos de dengue não apresenta tendência significativa na curva (Figura 05).

**Figura 05** – Percentual de encerramento laboratorial dos casos de dengue, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.



Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

A faixa etária mais atingida em todos os anos do período avaliado foi a de 20 a 29 anos, com 19,9% dos casos (Tabela 05). Em relação ao sexo, o mais atingido foi o feminino com 60,3% dos casos.

**Tabela 05** – Percentual dos casos de dengue por faixa etária, 10ª Região de Saúde Alagoas, 2007 – 2016.

FAIXA ETÁRIA	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
< 1 ano	1,4	2,7	0,0	1,5	1,6	3,3	5,6	2,5	4,1	3,5
1 a 4 anos	2,9	10,2	0,0	10,7	11,1	4,2	7,0	6,3	7,1	4,1
5 a 9 anos	2,9	17,8	0,0	10,0	7,9	6,1	7,0	11,4	8,6	6,1
10 a 14 anos	8,6	13,2	9,1	11,1	7,9	11,3	8,5	11,4	10,1	9,8
15 a 19 anos	8,6	8,6	9,1	13,3	9,5	9,0	7,0	21,5	9,2	11,7
20 a 29 anos	27,1	18,6	45,5	19,3	20,6	17,5	32,4	22,8	17,7	17,5
30 a 39 anos	25,7	12,7	18,2	9,3	20,6	23,1	11,3	12,7	15,7	14,2
40 a 49 anos	8,6	8,2	9,1	11,5	6,3	11,3	12,7	6,3	11,1	10,7
50 a 59 anos	8,6	4,7	0,0	8,5	7,9	10,8	2,8	1,3	7,8	8,8
60 a 69 anos	5,7	1,6	0,0	4,4	3,2	2,4	1,4	1,3	4,5	7,1
70 a 79 anos	0,0	1,4	0,0	0,4	1,6	0,5	2,8	2,5	3,3	4,2
≥ 80 anos	0,0	0,1	9,1	0,0	1,6	0,5	1,4	0,0	0,9	2,3

Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

## Esquistossomose

A 10ª RS, por não fazer parte da área endêmica, não possui registros no SISPC.

## Doença de Chagas, Leishmaniose Tegumentar Americana e Leishmaniose Visceral

De 2007 a 2016 a 10ª RS notificou e confirmou apenas 1 caso de chagas agudo. No mesmo período, também notificou 3 casos de leishmaniose tegumentar americana (Tabela 06). Para leishmaniose visceral foram notificados e confirmados 28 casos, a maioria em Piranhas (39,2%) (Tabela 07), atingindo principalmente as crianças entre 1 e 4 anos (28,5%), sendo registrado 3 óbitos no período. Não foi registrada nenhuma notificação para peste.

**Tabela 06** – Número de casos de leishmaniose tegumentar americana, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
<b>10ª Região de Saúde</b>	0	0	0	1	1	0	0	0	1	0
Água Branca	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Delmiro Gouveia	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Inhapi	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
Mata Grande	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Olho d'Água do Casado	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Pariconha	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
Piranhas	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0

Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

**Tabela 07** – Número de casos de leishmaniose visceral, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
<b>10ª Região de Saúde</b>	3	1	2	1	2	3	3	8	3	2
Água Branca	0	0	1	0	0	1	0	2	0	0
Delmiro Gouveia	1	0	0	0	1	0	0	3	1	0
Inhapi	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
Mata Grande	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
Olho d'Água do Casado	0	0	1	0	0	0	2	1	0	0
Pariconha	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Piranhas	1	1	0	0	1	2	0	2	2	2

Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

## Hanseníase

Em 2016 a 10ª RS apresentou uma taxa de detecção de 10,5/100.000 habitantes, sendo considerada alta de acordo com os parâmetros da RIPSA, 2010 (baixa: menor que 2,00; média: 2,00 a 9,99; alta: 10,00 a 19,99; muito alta: 20,00 a 39,99; e situação

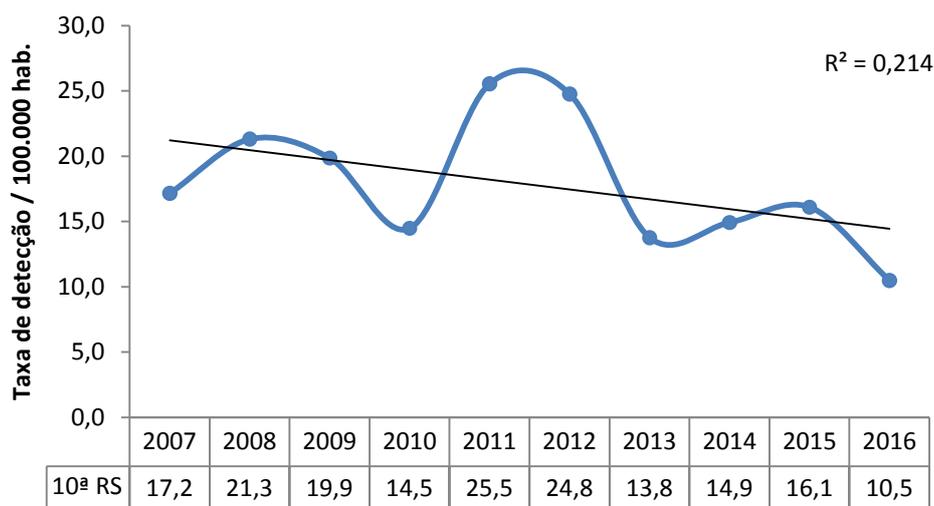
hiperendêmica: maior ou igual a 40,00). Analisando a série histórica, não é visualizada tendência significativa na taxa de detecção. O município de Delmiro Gouveia foi o que mais contribuiu para esta taxa (Tabela 08 e Figura 06).

**Tabela 08** – Número de casos novos de Hanseníase, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
<b>10ª Região de Saúde</b>	26	33	31	22	39	38	22	24	26	17
Água Branca	1	0	0	0	1	3	1	1	1	0
<b>Delmiro Gouveia</b>	15	15	14	15	20	20	12	16	17	15
Inhapi	2	3	1	4	3	7	2	0	0	0
Mata Grande	1	5	5	3	5	6	4	2	2	1
Olho d'Água do Casado	0	0	1	0	3	0	0	0	0	0
Pariconha	3	7	8	0	5	0	1	2	4	0
Piranhas	4	3	2	0	2	2	2	3	2	1

Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

**Figura 06** – Tendência temporal da taxa de detecção da hanseníase, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.



Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

Avaliando todos os casos notificados que deveriam estar encerrados em 2016 na 10ª RS, o percentual de cura alcançado foi de 89,7%, um pouco abaixo do preconizado pelo Ministério da Saúde (90%). Água Branca foi o único município que alcançou este percentual em todos os anos que apresentou casos (Tabela 09). Não é visualizada na 10ª RS tendência significativa no percentual de cura da doença (Figura 07).

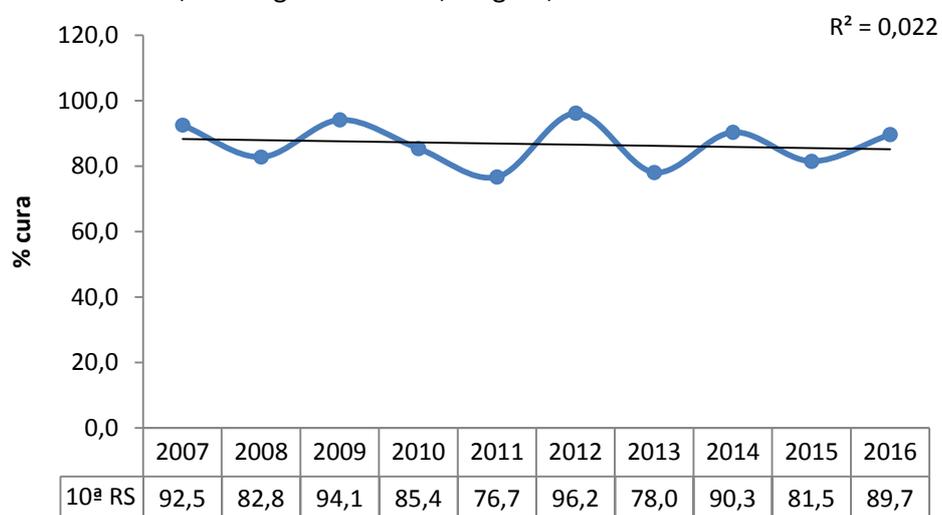
**Tabela 09** - Percentual de cura dos casos notificados de hanseníase, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
<b>10ª Região de Saúde</b>	92,5	82,8	94,1	85,4	76,7	96,2	78,0	90,3	81,5	89,7
Água Branca	100,0	S/C	100,0	S/C	S/C	S/C	100,0	100,0	100,0	100,0
Delmiro Gouveia	96,0	93,3	100,0	89,5	83,3	100,0	84,2	100,0	75,0	88,9
Inhapi	S/C	100,0	100,0	100,0	100,0	80,0	100,0	80,0	66,7	100,0
Mata Grande	100,0	100,0	100,0	83,3	50,0	100,0	40,0	50,0	100,0	66,7
Olho d'Água do Casado	66,7	66,7	S/C	50,0	0,0	S/C	66,7	S/C	S/C	S/C
Pariconha	100,0	100,0	85,7	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Piranhas	87,5	25,0	66,7	66,7	S/C	S/C	60,0	100,0	100,0	100,0

S/C – Sem caso notificado

Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

**Figura 07** – Tendência temporal do percentual de cura dos casos notificados de hanseníase, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.



Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

A taxa de abandono do tratamento dos casos que deveriam estar encerrados em 2016 na 10ª RS foi de 3,4%, onde o percentual máximo aceitável é de 5%. (Tabela 10).

**Tabela 10** - Percentual de abandono dos casos notificados de hanseníase, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
<b>10ª Região de Saúde</b>	5,0	10,3	2,9	9,8	10,0	0,0	9,8	6,5	0,0	3,4
Água Branca	0,0	S/C	0,0	S/C	S/C	S/C	0,0	0,0	0,0	0,0
Delmiro Gouveia	4,0	6,7	0,0	5,3	5,6	0,0	0,0	0,0	0,0	5,6
Inhapi	S/C	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	20,0	0,0	0,0
Mata Grande	0,0	0,0	0,0	16,7	33,3	0,0	40,0	25,0	0,0	0,0
Olho d'Água do Casado	33,3	33,3	S/C	0,0	0,0	S/C	0,0	S/C	S/C	S/C
Pariconha	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Piranhas	0,0	25,0	33,3	33,3	S/C	S/C	40,0	0,0	0,0	0,0

S/C – Sem caso notificado

Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

Considerando que o percentual mínimo de exames dos contatos intradomiciliares dos casos novos para ser considerado bom é de 75%, ao longo dos anos, apenas os municípios de Água Branca e Pariconha alcançaram este valor em todos os anos que apresentaram notificações (Tabela 11). Avaliando a série histórica, não é visualizada tendência significativa na curva (Figura 08).

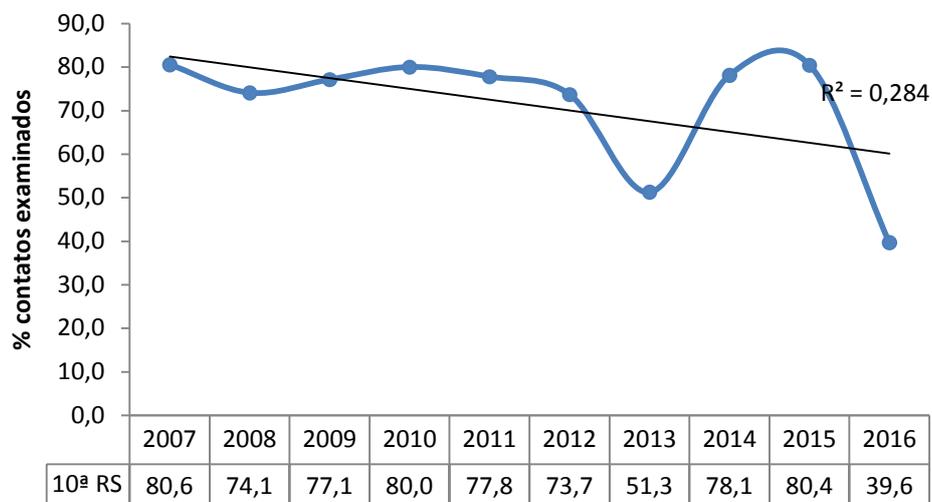
**Tabela 11** - Percentual de realização de exames dos contatos intradomiciliares dos casos novos de hanseníase, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
<b>10ª Região de Saúde</b>	80,6	74,1	77,1	80,0	77,8	73,7	51,3	78,1	80,4	39,6
Água Branca	100,0	S/C	S/C	S/C	100,0	75,7	100,0	100,0	75,0	S/C
Delmiro Gouveia	81,6	81,5	65,9	85,7	69,2	64,0	25,0	75,0	76,5	37,3
Inhapi	80,0	65,5	60,0	66,7	100,0	85,0	100,0	S/C	S/C	S/C
Mata Grande	100,0	60,0	53,3	40,0	91,3	93,8	17,6	100,0	100,0	S/C
Olho d'Água do Casado	S/C	S/C	S/C	S/C	25,0	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C
Pariconha	100,0	100,0	93,0	S/C	100,0	S/C	100,0	100,0	100,0	S/C
Piranhas	53,8	0,0	S/C	S/C	100,0	100,0	85,7	66,7	54,5	100,0

S/C – Sem contato e/ou notificação

Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

**Figura 08** – Tendência temporal do percentual de realização de exames dos contatos intradomiciliares dos casos novos de hanseníase, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.



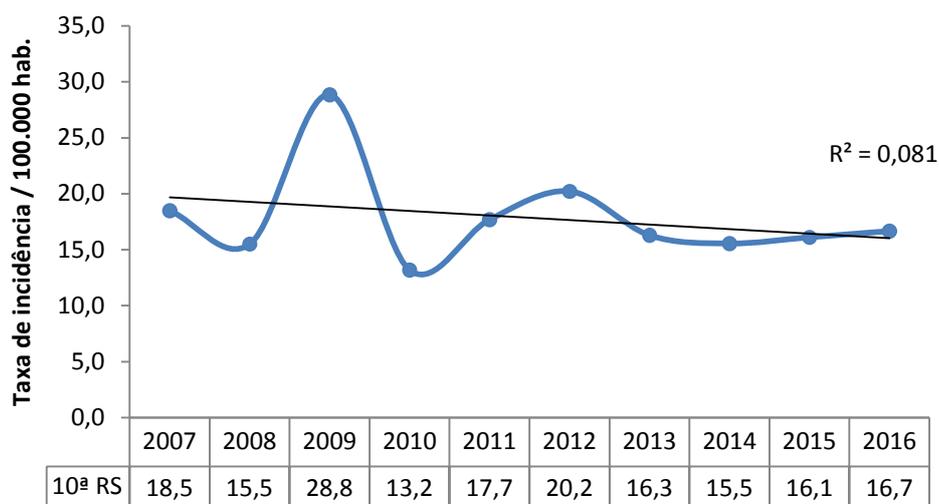
Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

## Tuberculose

Em 2016 foram notificados 38 casos na 10ª RS, dos quais 27 (71,1%) foram casos novos; 1 (2,6%) recidiva; 2 (5,3%) de reingressos após abandono; e 5 (13,2%) com o tipo de entrada transferência.

A taxa de incidência na 10ª RS foi de 16,7/100.000 habitantes. Não é visualizada tendência significativa na curva de incidência (Figura 09). O município de Delmiro Gouveia foi o que mais contribuiu para esta taxa (Tabelas 12 e 13).

**Figura 09** – Tendência temporal da taxa de incidência de tuberculose, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.



Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

**Tabela 12** – Número de casos novos de tuberculose, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
<b>10ª Região de Saúde</b>	28	24	45	20	27	31	26	25	26	27
Água Branca	1	3	8	2	0	1	2	4	3	6
Delmiro Gouveia	8	8	7	6	15	18	6	4	11	13
Inhapi	6	7	5	2	2	2	4	2	4	2
Mata Grande	4	5	3	0	1	0	2	3	1	1
Olho d'Água do Casado	2	0	4	1	1	0	2	2	0	1
Pariconha	3	0	5	0	3	3	5	5	1	0
Piranhas	4	1	13	9	5	7	5	5	6	4

Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

**Tabela 13** – Número de casos de tuberculose pulmonar bacilífera, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
<b>10ª Região de Saúde</b>	27	17	22	16	21	23	27	15	18	16
Água Branca	0	3	3	1	0	1	0	0	1	3
Delmiro Gouveia	10	6	4	5	11	12	8	2	9	9
Inhapi	2	1	1	1	1	2	5	1	4	2
Mata Grande	4	5	3	0	1	0	1	1	1	0
Olho d'Água do Casado	3	0	1	0	1	0	2	1	1	1
Pariconha	3	0	2	1	2	2	4	5	0	0
Piranhas	5	2	8	8	5	6	7	5	2	1

Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

O percentual de cura dos casos bacilíferos que deveriam estar encerrados em 2016 na 10ª RS foi de 55,6%, bem abaixo do mínimo preconizado pelo MS de 85%, meta necessária para promover a interrupção da transmissão. Na série analisada,

nenhum município conseguiu alcançar o percentual ideal em todos os anos que apresentaram notificações, em 2016 apenas dois municípios alcançaram a meta ideal (Tabela 14). Analisando a série histórica da Região, não é visualizada tendência significativa na proporção de cura (Figura 10).

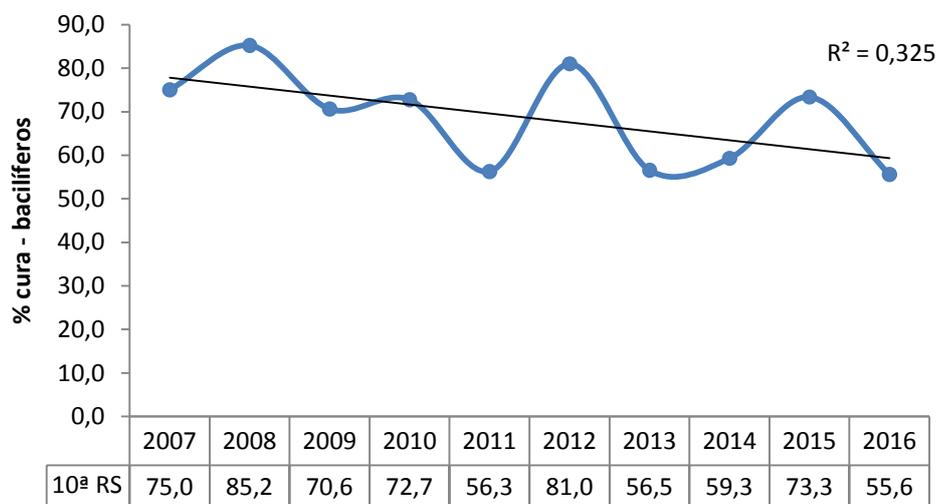
**Tabela 14** - Percentual de cura dos casos de tuberculose pulmonar bacilífera, Alagoas, 10ª Região de Saúde, 2007 – 2016.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
<b>10ª Região de Saúde</b>	75,0	85,2	70,6	72,7	56,3	81,0	56,5	59,3	73,3	55,6
Água Branca	80,0	S/C	33,3	100,0	100,0	S/C	0,0	S/C	S/C	100,0
Delmiro Gouveia	56,3	80,0	100,0	50,0	60,0	90,9	75,0	62,5	100,0	44,4
Inhapi	100,0	50,0	0,0	100,0	100,0	100,0	100,0	60,0	0,0	75,0
Mata Grande	100,0	100,0	100,0	100,0	S/C	0,0	S/C	0,0	100,0	100,0
Olho d'Água do Casado	100,0	100,0	S/C	100,0	S/C	0,0	S/C	0,0	0,0	0,0
Pariconha	90,0	66,7	S/C	100,0	100,0	100,0	0,0	100,0	100,0	S/C
Piranhas	66,7	100,0	0,0	50,0	37,5	80,0	33,3	57,1	60,0	50,0

S/C – Sem caso notificado

Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

**Figura 10** – Tendência temporal do percentual de cura dos casos de tuberculose pulmonar bacilífera, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.



Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

A taxa de abandono do tratamento dos casos que deveriam estar encerrados em 2016 foi de 0,0%, dentro do percentual aceitável (5%). Ressalta-se que os Municípios de Água Branca, Inhapi e Olho d'Água do Casado alcançaram o percentual ideal em todos os anos que apresentaram notificações (Tabela 15). Analisando a série histórica da 10ª RS, não é visualizada tendência significativa na curva (Figura 11).

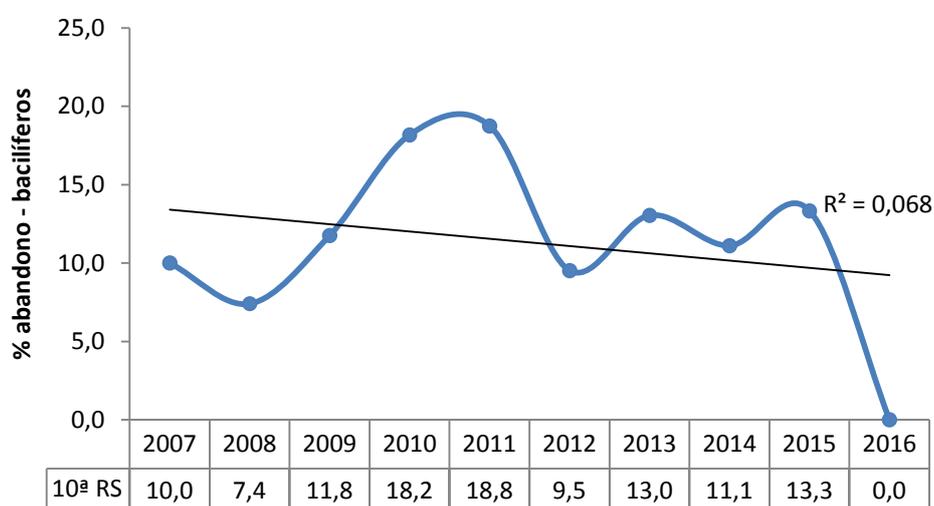
**Tabela 15** - Percentual de abandono de tratamento dos casos de tuberculose pulmonar bacilífera, Alagoas, 10ª Região de Saúde, 2007 – 2016.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
<b>10ª Região de Saúde</b>	10,0	7,4	11,8	18,2	18,8	9,5	13,0	11,1	13,3	0,0
Água Branca	0,0	S/C	0,0	0,0	0,0	S/C	0,0	S/C	S/C	0,0
Delmiro Gouveia	18,8	10,0	0,0	25,0	20,0	9,1	8,3	12,5	0,0	0,0
Inhapi	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Mata Grande	0,0	0,0	0,0	0,0	S/C	100,0	S/C	100,0	0,0	0,0
Olho d'Água do Casado	0,0	0,0	S/C	0,0	S/C	0,0	S/C	0,0	0,0	0,0
Pariconha	0,0	33,3	S/C	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	S/C
Piranhas	33,3	0,0	100,0	37,5	25,0	0,0	33,3	14,3	40,0	0,0

S/C – Sem caso notificado

Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

**Figura 11** – Tendência temporal do percentual de abandono de tratamento dos casos de tuberculose pulmonar bacilífera, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.



Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

Considerando que o percentual mínimo de exames dos contatos intradomiciliares dos casos pulmonares bacilíferos é de 90%, na série analisada, a 10ª RS não alcançou este valor em nenhum dos anos, assim como nenhum município alcançou este valor em todos os anos que apresentou casos (Tabela 16). Analisando a série histórica da 10ª RS, não é visualizada tendência significativa na curva (Figura 12).

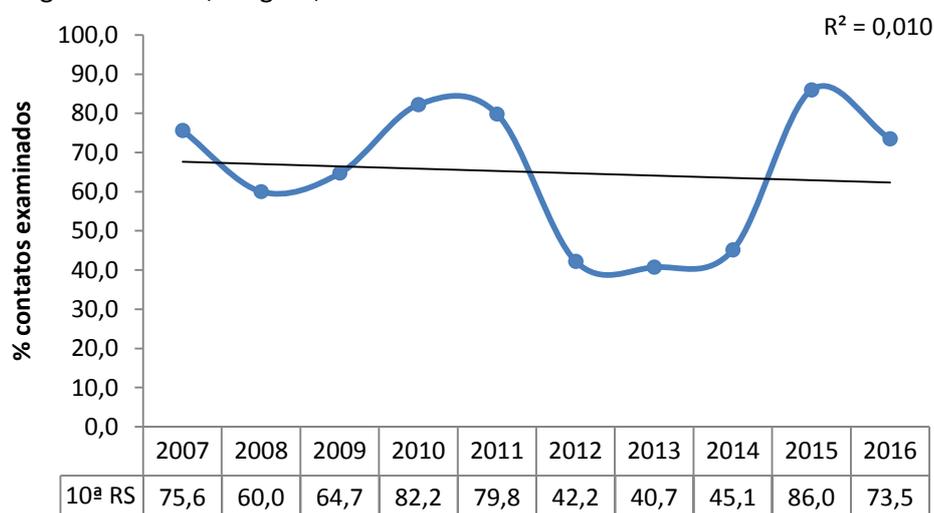
**Tabela 16** - Percentual de realização de exames dos contatos intradomiciliares dos casos de tuberculose pulmonar bacilífera, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
10ª Região de Saúde	75,6	60,0	64,7	82,2	79,8	42,2	40,7	45,1	86,0	73,5
Água Branca	S/C	30,8	0,0	100,0	S/C	S/C	S/C	S/C	100,0	100,0
Delmiro Gouveia	83,7	76,9	80,0	94,7	75,0	27,3	20,0	20,0	92,3	57,1
Inhapi	83,3	20,0	23,1	75,0	66,7	100,0	84,6	100,0	100,0	60,0
Mata Grande	76,5	71,4	100,0	S/C	80,0	S/C	0,0	100,0	100,0	S/C
Olho d'Água do Casado	28,6	S/C	100,0	S/C	0,0	S/C	0,0	S/C	0,0	S/C
Pariconha	100,0	S/C	95,0	28,6	100,0	100,0	100,0	100,0	S/C	S/C
Piranhas	42,1	85,7	76,5	92,3	93,8	27,8	0,0	0,0	42,9	60,0

S/C – Sem contato e/ou notificação

Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

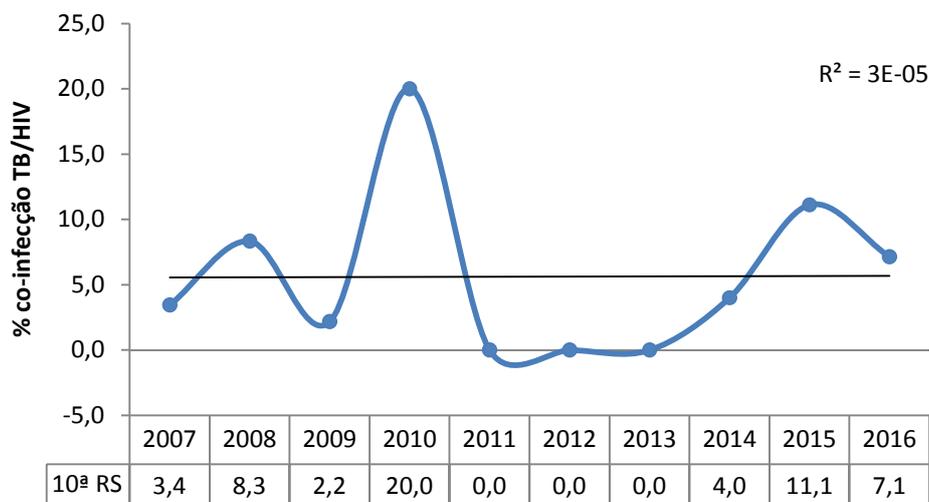
**Figura 12** – Tendência temporal do percentual de realização de exames dos contatos intradomiciliares dos casos de tuberculose pulmonar bacilífera, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.



Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

No que diz respeito a co-infecção dos casos novos de tuberculose com o vírus HIV, não é visualizada tendência significativa na série (Figura 13).

**Figura 13** – Tendência temporal do percentual de co-infecção dos casos novos de tuberculose com o vírus HIV, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.



Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

### Sífilis congênita/gestante

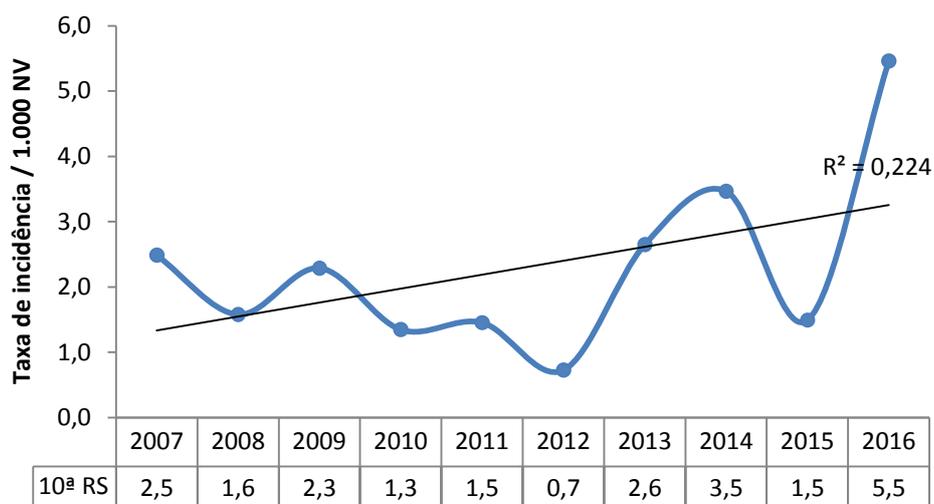
No ano de 2016, foram notificados 13 casos de sífilis congênita na 10ª RS (Tabela 17), o que representa uma taxa de incidência de 5,5 por 1.000 nascidos vivos. Analisando a série histórica da 10ª RS não é visualizada tendência significativa na curva (Figura 14). Para a eliminação desta doença como problema de saúde pública se faz necessário a redução de sua incidência a menos de um caso por mil nascidos vivos (RIPSA, 2010).

**Tabela 17** – Número de casos de sífilis congênita, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
<b>10ª Região de Saúde</b>	8	5	7	4	4	2	7	9	4	13
Água Branca	0	0	0	0	1	0	1	2	0	1
Delmiro Gouveia	8	4	3	3	2	1	2	4	4	6
Inhapi	0	1	1	1	0	1	1	2	0	2
Mata Grande	0	0	0	0	0	0	1	0	0	2
Olho d'Água do Casado	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0
Pariconha	0	0	2	0	0	0	0	1	0	0
Piranhas	0	0	0	0	1	0	1	0	0	2

Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

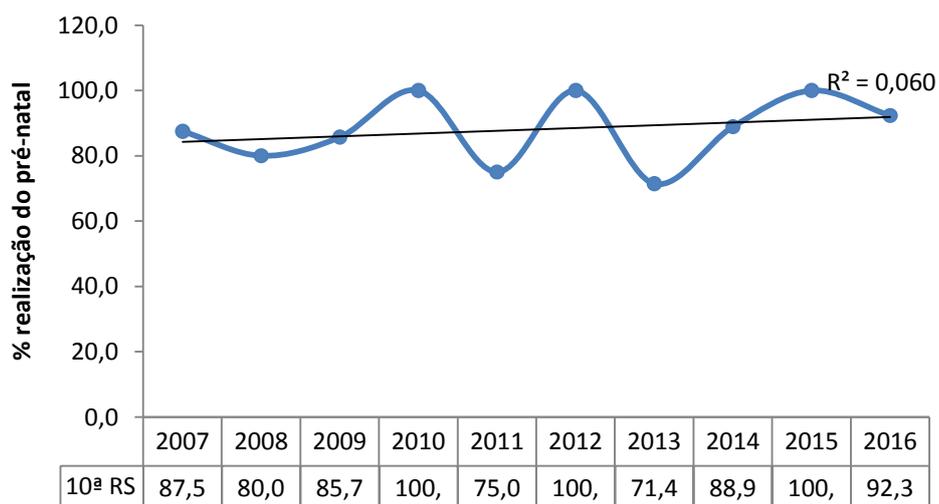
**Figura 14** – Tendência temporal da taxa de incidência de sífilis congênita, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.



Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

O percentual de realização do pré-natal pelas mães em 2016 foi de 92,3%, o que pode indicar má qualidade na assistência prestada às gestantes na 10ª RS. Analisando a série histórica, não é visualizada tendência significativa no percentual de realização do exame (Figura 15).

**Figura 15** – Tendência temporal da realização do pré-natal pelas mães dos casos de sífilis congênita, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.



Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

No que diz respeito aos parceiros, o percentual de não tratados na 10ª RS é alto, com uma média de 49,2%, favorecendo a reinfecção da gestante mesmo que ela tenha feito o tratamento adequado (Tabela 18).

**Tabela 18** – Percentual de parceiros não tratados de mães dos casos de sífilis congênita, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
<b>10ª Região de Saúde</b>	62,5	40,0	42,9	0,0	50,0	100,0	14,3	88,9	50,0	46,2
Água Branca	S/C	S/C	S/C	S/C	0,0	S/C	100,0	100,0	S/C	0,0
Delmiro Gouveia	62,5	50,0	33,3	0,0	50,0	100,0	0,0	75,0	50,0	16,7
Inhapi	S/C	0,0	100,0	0,0	S/C	100,0	0,0	100,0	S/C	50,0
Mata Grande	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	0,0	S/C	S/C	100,0
Olho d'Água do Casado	S/C	S/C	100,0	S/C	S/C	S/C	0,0	S/C	S/C	S/C
Pariconha	S/C	S/C	0,0	S/C	S/C	S/C	S/C	100,0	S/C	S/C
Piranhas	S/C	S/C	S/C	S/C	100,0	S/C	0,0	S/C	S/C	100,0

S/C – Sem caso notificado.

Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

O “Estudo Sentinela Parturiente”, Brasil, 2006 estabeleceu uma prevalência de sífilis em parturientes de 1,1%. Tomando como base esse dado e considerando-se 2.381 parturientes no ano de 2016 na 10ª RS, estima-se 26 casos de sífilis em gestante para este ano. Entretanto, no SINAN, foram registrados 24 casos, o que representa 91,6% dos casos esperados para esta doença (Tabela 19).

**Tabela 19** – Casos notificados e estimados de sífilis em gestante, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2013 – 2016.

LOCALIDADE	2013			2014			2015			2016		
	EST	NOT	%	EST	NOT	%	EST	NOT	%	EST	NOT	%
<b>10ª Região de Saúde</b>	29	12	41,3	29	20	70,0	29	15	50,9	26	24	91,6
Água Branca	4	1	27,1	3	5	164,1	4	2	54,3	3	1	32,7
Delmiro Gouveia	10	5	52,1	9	10	105,3	10	9	87,3	9	12	137,7
Inhapi	3	3	85,8	3	2	57,7	3	3	90,3	3	6	175,4
Mata Grande	4	1	24,8	4	1	24,7	4	0	0,0	3	3	91,5
Olho d'Água do Casado	2	1	58,7	2	0	0,0	2	0	0,0	1	1	81,2
Pariconha	2	0	0,0	2	1	48,9	2	0	0,0	2	1	55,1
Piranhas	5	1	21,7	5	1	20,4	5	1	21,1	5	0	0,0

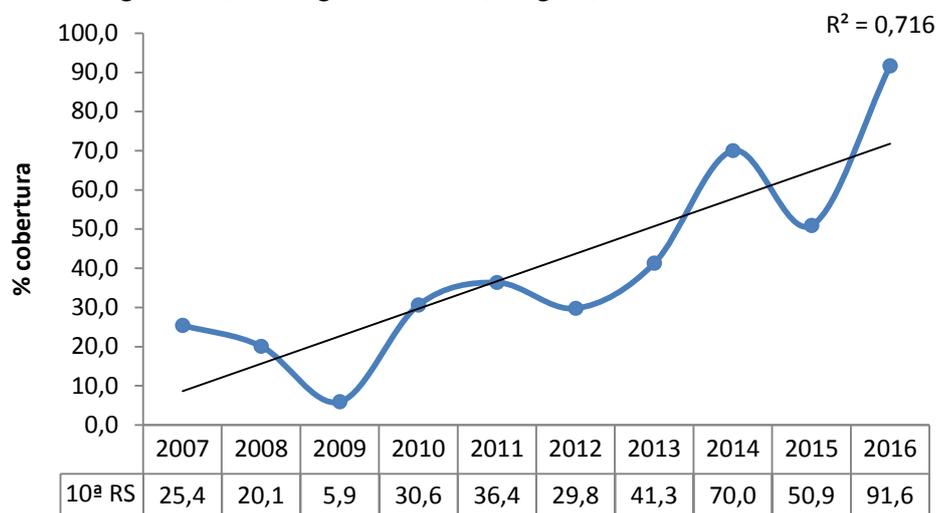
EST – Casos estimados; NOT – Casos notificados.

Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

Na 10ª RS o número de casos de sífilis em gestante de 2013 a 2016 é sempre superior aos casos de sífilis congênita, porém, o percentual de cobertura entre os casos notificados e estimados de sífilis em gestante ao longo dos anos é bem aquém

do ideal até 2015. Visualiza-se tendência forte de aumento do percentual da cobertura na série analisada (Figura 16).

**Figura 16** – Percentual de cobertura entre casos notificados e estimados de sífilis em gestante, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2017 – 2016.

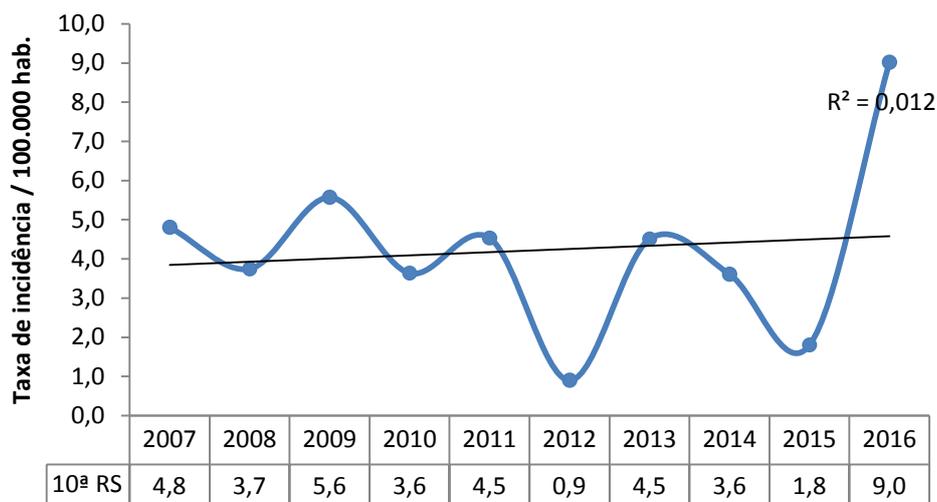


Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

## AIDS

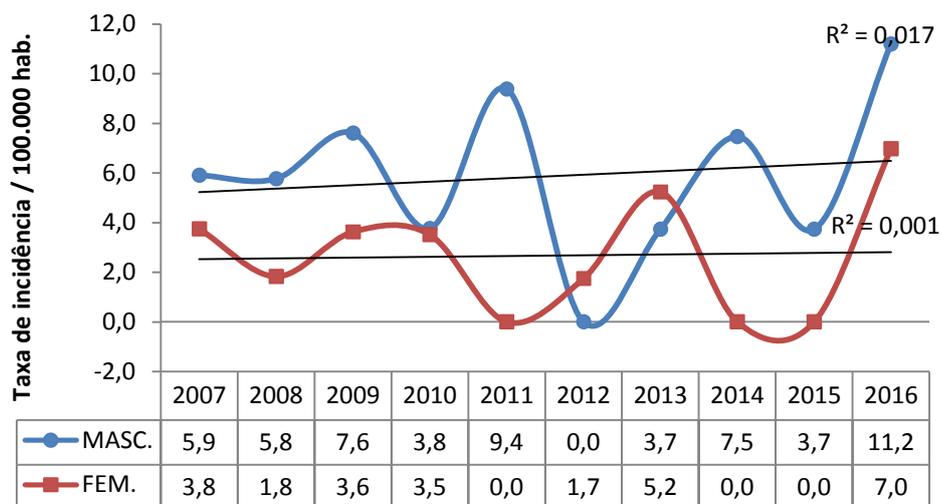
No ano de 2016 foram diagnosticados na 10ª RS 10 casos de AIDS, o que representa uma taxa de incidência de 9,0 casos por 100.000 habitantes. Analisando a série histórica, não é visualizada tendência significativa na taxa de incidência geral desta doença assim como na taxa por sexo, porém, percebe-se taxas bem mais altas entre os homens (Figuras 17 e 18). O município de Piranhas foi o que contribuiu para esta taxa (Tabela 20).

**Figura 17** – Tendência temporal da taxa de incidência de AIDS, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.



Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

**Figura 18** – Tendência temporal da taxa de incidência por sexo dos casos de AIDS, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.



Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

**Tabela 20** – Número de casos de AIDS, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
<b>10ª Região de Saúde</b>	5	4	6	4	5	1	5	4	2	10
Água Branca	1	0	3	0	0	0	0	0	0	1
Delmiro Gouveia	4	2	1	4	1	0	3	2	0	2
Inhapi	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Mata Grande	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
Olho d'Água do Casado	0	1	0	0	1	0	0	1	0	1
Pariconha	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Piranhas	0	1	2	0	3	1	2	0	2	5

Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

Na série analisada, em média, 67,3% dos casos são em homens. A faixa etária mais atingida foi a de 30 a 39 anos (Tabela 21). Dos 46 casos de AIDS diagnosticados no período, 14 foram a óbito (30,4%).

A partir de 2014 os casos de HIV+ começaram a ser inseridos no SINAN e nestes três últimos anos na 10ª RS já somam 28 casos.

**Tabela 21** – Percentual dos casos de AIDS por faixa etária, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.

FAIXA ETÁRIA	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
15 a 19 anos	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
20 a 29 anos	20,0	75,0	0,0	50,0	0,0	0,0	40,0	0,0	50,0	20,0
30 a 39 anos	60,0	25,0	16,7	25,0	40,0	100,0	20,0	50,0	0,0	30,0
40 a 49 anos	20,0	0,0	66,7	25,0	40,0	0,0	40,0	50,0	0,0	20,0
50 a 59 anos	0,0	0,0	0,0	0,0	20,0	0,0	0,0	0,0	0,0	20,0
60 a 69 anos	0,0	0,0	16,7	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	50,0	10,0
70 a 79 anos	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
≥80 anos	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0

Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

No que diz respeito às notificações de gestantes HIV positivo na 10ª RS, nos últimos 5 anos, percebe-se que a profilaxia Antirretroviral que deveria ser utilizada antes ou durante o pré-natal está sendo aplicada de forma satisfatória (Tabela 22).

**Tabela 22** – Número de casos e percentual de gestantes HIV positivo que usaram Antirretroviral antes ou durante o pré-natal, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2012 – 2016.

LOCALIDADE	2012		2013		2014		2015		2016	
	CASOS	%	CASOS	%	CASOS	%	CASOS	%	CASOS	%
10ª Região de Saúde	1	50,0	3	75,0	0	0,0	3	60,0	2	33,3
Água Branca	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C
Delmiro Gouveia	1	50,0	2	100,0	0	0,0	2	50,0	1	25,0
Inhapi	0	S/C	0	S/C	0	S/C	1	100,0	0	S/C
Mata Grande	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C
Olho d'Água do Casado	0	S/C	0	0,0	0	S/C	0	S/C	0	S/C
Pariconha	0	S/C	1	100,0	0	S/C	0	S/C	0	S/C
Piranhas	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C	1	50,0

S/C – Sem caso notificado

Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

## Meningites

O número de casos de meningites vem se mantendo dentro do esperado (Tabela 23). Em média, a letalidade é de 3,1%. Em relação ao sexo, 50,0% eram homens, já no que diz respeito a idade, 56,2% dos pacientes tinham menos de 15 anos.

**Tabela 23** – Número de casos de meningite, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
<b>10ª Região de Saúde</b>	4	5	2	9	1	2	3	2	2	2
Água Branca	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Delmiro Gouveia	0	2	0	3	1	1	1	1	1	0
Inhapi	0	1	1	3	0	0	0	1	0	0
Mata Grande	2	0	1	2	0	0	0	0	0	0
Olho d'Água do Casado	0	1	0	0	0	0	0	0	1	1
Pariconha	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
Piranhas	1	1	0	1	0	0	2	0	0	1

Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

Quando avaliamos por etiologia (Tabela 24), percebe-se que em torno de 64% dos casos são meningites bacterianas, destas, 30,0% foram classificadas como doença meningocócica.

**Tabela 24** – Número de casos de meningite por etiologia, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.

ETIOLOGIA	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
MCC	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
MM	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0
MM+MCC	0	1	0	1	0	1	0	0	0	0
MTBC	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0
MB	2	0	2	2	0	0	0	2	0	1
MNE	1	3	0	2	0	0	0	0	1	1
MV	0	0	0	1	0	0	2	0	0	0
MOE	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
MH	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
MP	1	0	0	1	0	1	0	0	0	0
<b>Total</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>2</b>	<b>9</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>2</b>	<b>2</b>	<b>2</b>

MCC – Meningococcemia; MM – Meningite Meningocócica; MM+MCC - Meningite Meningocócica com Meningococcemia; MTBC – Meningite Tuberculosa; MB – Meningite Bacteriana; MNE – Meningite não especificada; MV – Meningite Viral; MOE – Meningite por outras etiologias; MH – Meningite por Hemófilo; MP – Meningite Pneumocócica.

Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

Em relação a doença meningocócica, o número de casos mantêm-se dentro do esperado (Tabela 25). Não ocorreu óbito na série analisada. Em relação ao sexo, 66,7% eram mulheres, já no que diz respeito a idade, 50,0% dos pacientes tinham menos de 15 anos.

**Tabela 25** – Número de casos de doença meningocócica, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
<b>10ª Região de Saúde</b>	0	1	0	2	1	1	1	0	0	0
Água Branca	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Delmiro Gouveia	0	0	0	2	1	1	1	0	0	0
Inhapi	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Mata Grande	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Olho d'Água do Casado	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
Pariconha	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Piranhas	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

## Hepatites virais

Dados de 2016 revelam que a 10ª RS confirmou 1 casos de hepatite A, não sendo por sorologia.

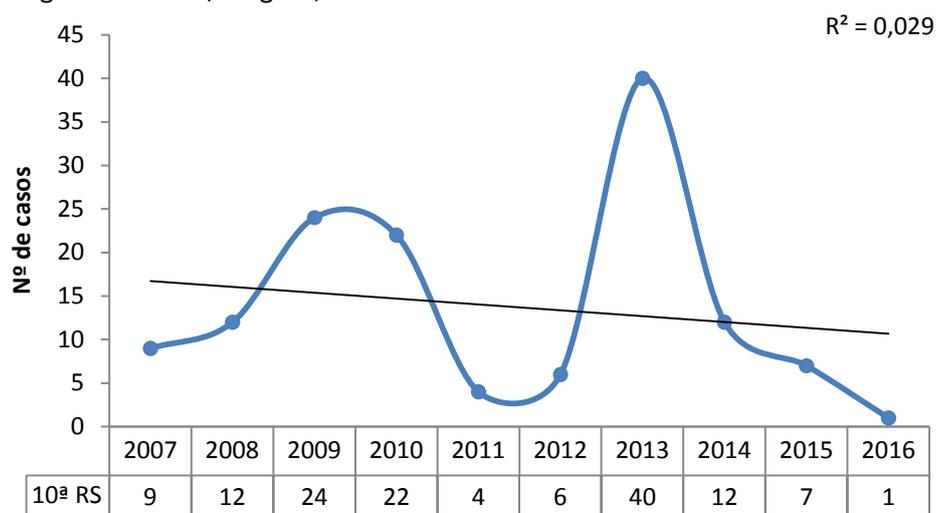
Em relação ao vírus A na série analisada, cerca de 34% dos casos ocorreram em Pariconha (Tabela 26). Não é visualizada tendência significativa na curva (Figura 19).

**Tabela 26** – Número de casos de hepatite A, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
<b>10ª Região de Saúde</b>	9	12	24	22	4	6	40	12	7	1
Água Branca	1	1	1	5	0	0	1	0	1	1
Delmiro Gouveia	1	0	7	1	1	0	5	7	3	0
Inhapi	3	2	0	0	0	3	2	0	0	0
Mata Grande	1	4	16	0	1	2	5	1	0	0
Olho d'Água do Casado	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
Pariconha	3	1	0	16	0	1	20	3	2	0
Piranhas	0	4	0	0	1	0	7	1	1	0

Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

**Figura 19** – Tendência temporal do número de casos de hepatite A, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.



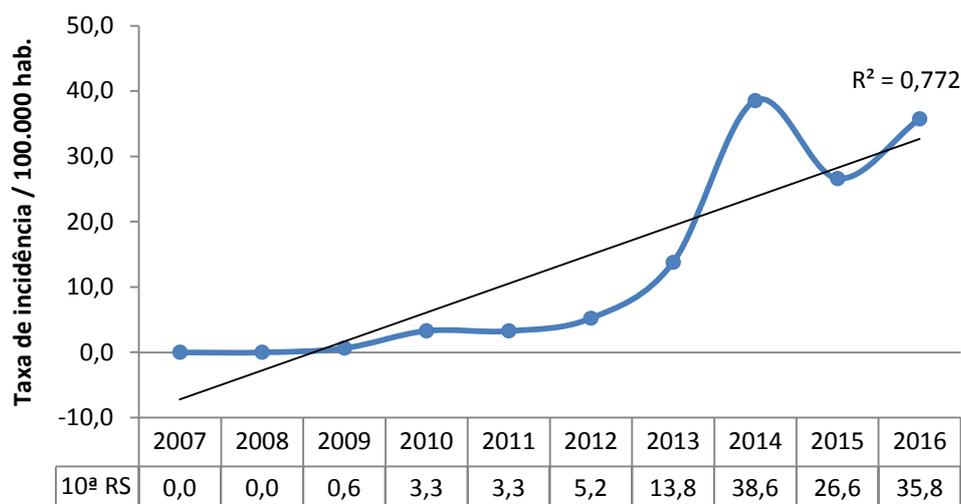
Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

## AGRAVOS A SAÚDE

### Escorpionismo

No ano de 2016 foram notificados 58 acidentes escorpionicos na 10ª RS, o que representa uma taxa de incidência de 35,8 por 100.000 habitantes. Analisando a série histórica, percebe-se uma tendência forte de aumento na taxa de incidência deste agravo (Figura 20). Os municípios de Delmiro Gouveia e Pariconha foram os que mais contribuíram para esta situação na 10ª RS (Tabela 27).

**Figura 20** – Tendência temporal da taxa de incidência dos acidentes escorpiônicos, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.



Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

**Tabela 27** – Número de acidentes escorpiônicos, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
<b>10ª Região de Saúde</b>	0	0	1	5	5	8	22	62	43	58
Água Branca	0	0	0	0	0	1	0	1	5	1
Delmiro Gouveia	0	0	0	1	2	0	10	37	21	34
Inhapi	0	0	0	0	1	1	2	0	1	1
Mata Grande	0	0	1	2	0	1	1	4	1	4
Olho d'Água do Casado	0	0	0	1	1	2	2	5	5	4
Pariconha	0	0	0	0	0	1	3	11	6	10
Piranhas	0	0	0	1	1	2	4	4	4	4

Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

Vale salientar que em média 86,2% dos acidentes registrados foram classificados como leves e 10,4% estão com a classificação do caso em branco. Não foi registrado óbito nos últimos 10 anos. O sexo feminino é o mais atingido com 53,4% dos casos e 69,1% destes acidentes são em pessoas na idade produtiva.

## Ofidismo

A 10ª RS apresenta em média 7 acidentes com serpentes na série analisada (Tabela 28), destes, nenhum dos casos foi classificado como grave, não sendo registrado óbito. Vale salientar que 73,3% dos casos são em pessoas na idade produtiva (29,0% na faixa etária de 20 a 29 anos) e 76,0% no sexo masculino.

**Tabela 28** – Número de acidentes por serpentes, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
<b>10ª Região de Saúde</b>	2	1	3	1	8	7	11	15	6	21
Água Branca	0	0	0	0	0	0	2	2	1	3
Delmiro Gouveia	1	0	0	0	2	1	1	4	4	8
Inhapi	0	0	0	0	0	0	0	3	0	0
Mata Grande	0	0	2	0	1	3	4	0	1	3
Olho d'Água do Casado	1	0	1	0	4	1	1	5	0	2
Pariconha	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2
Piranhas	0	1	0	1	1	2	3	1	0	3

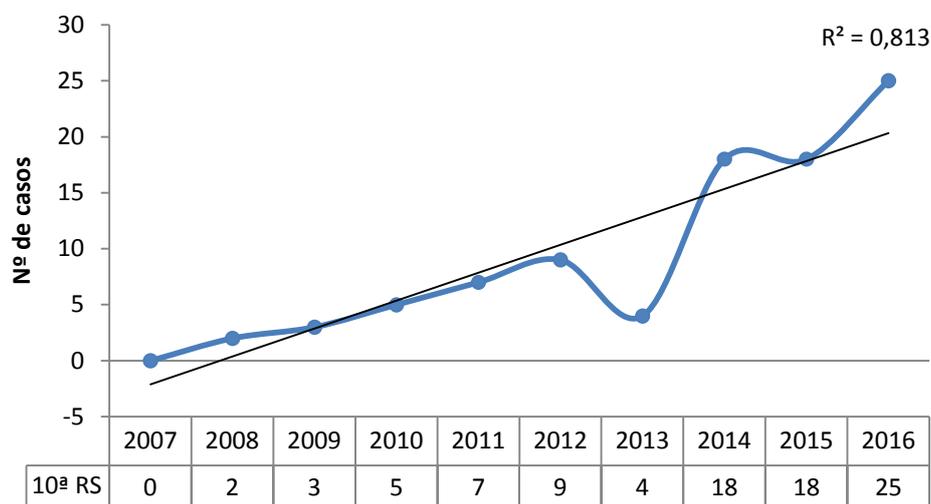
Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

## DOENÇAS E AGRAVOS RELACIONADOS AO TRABALHO

### Acidente de trabalho com exposição à material biológico

Em 2016 foram notificados na 10ª RS 25 acidentes de trabalho com exposição à material biológico, analisando a série, visualiza-se tendência forte no aumento do número de notificações (Figura 21 e Tabela 29).

**Figura 21** – Tendência temporal das notificações de acidentes de trabalho com exposição a material biológico, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.



Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

**Tabela 29** – Número de notificações por acidente de trabalho com exposição a material biológico, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
<b>10ª Região de Saúde</b>	0	2	3	5	7	9	4	18	18	25
Água Branca	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
Delmiro Gouveia	0	1	2	3	5	4	1	10	14	17
Inhapi	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2
Mata Grande	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1
Olho d'Água do Casado	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
Pariconha	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Piranhas	0	1	0	1	2	5	3	7	4	4

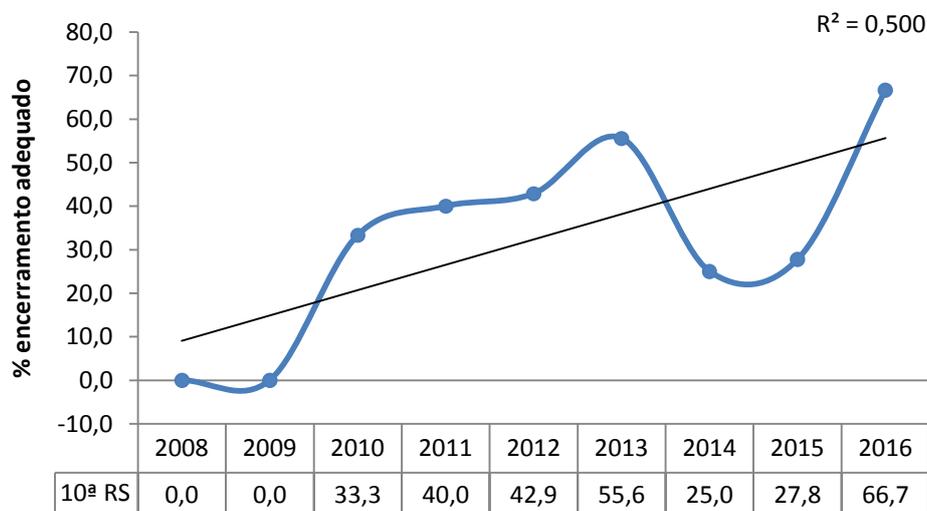
Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

A maioria dos profissionais acidentados era do sexo feminino, 82,4%; a faixa etária mais atingida foi a de 30 a 39 anos (27,4%), seguida pela de 40 a 49 anos (26,3%). Na categoria profissional, os mais atingidos foram os trabalhadores da área de enfermagem, 75,8%; seguidos pelos estudantes, 4,3%.

Nestes 10 anos de série histórica, observa-se que 13,1% dos acidentes foram provocados pelo descarte inadequado de material pérfuro-cortante.

Dos casos que deveriam estar encerrados em 2016 apenas 66,7% foram conclusos de forma adequada (alta paciente fonte negativo, alta sem conversão sorológica e alta com conversão sorológica). Analisando a série histórica visualiza-se tendência moderada de aumento na curva (Figura 22).

**Figura 22** – Percentual de encerramento concluso de forma adequada dos acidentes de trabalho com exposição a material biológico, 2ª Região de Saúde, Alagoas, 2008 – 2016.

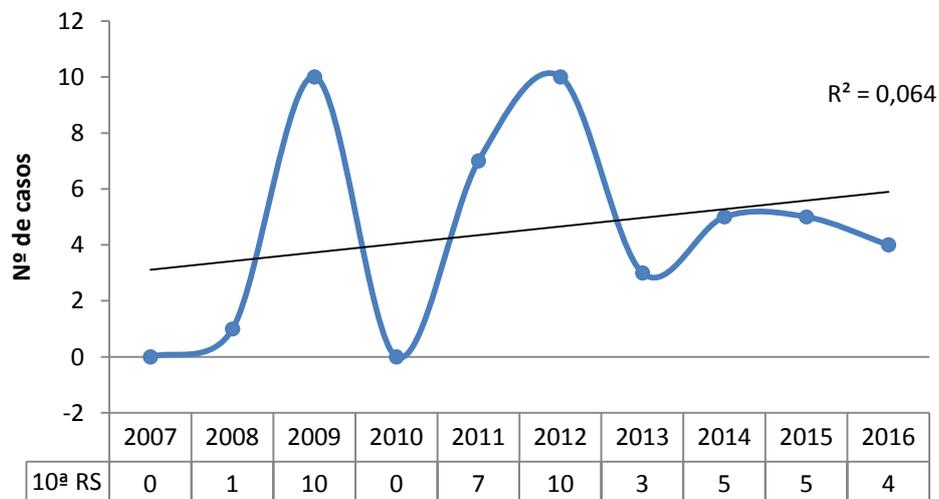


Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

### Acidente de trabalho grave

Em 2016 foram notificados na 10ª RS 4 acidentes de trabalho grave, analisando a série, não é visualizada tendência significativa quanto ao número de notificações (Figura 23 e Tabela 30).

**Figura 23** – Tendência temporal das notificações de acidentes de trabalho grave, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.



Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

**Tabela 30** – Número de notificações por acidente de trabalho grave, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
<b>10ª Região de Saúde</b>	0	1	10	0	7	10	3	5	5	4
Água Branca	0	0	1	0	0	1	1	1	0	0
Delmiro Gouveia	0	1	9	0	4	2	2	3	0	3
Inhapi	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
Mata Grande	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Olho d'Água do Casado	0	0	0	0	0	3	0	1	3	0
Pariconha	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
Piranhas	0	0	0	0	2	4	0	0	1	0

Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

Avaliando a evolução, percebe-se que o percentual de casos não encerrados não é tão alto comparando com o Estado, porém, chega a 100% em alguns municípios ao longo dos anos (Tabela 31).

**Tabela 31** – Percentual de casos de acidentes de trabalho grave não encerrados, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
<b>10ª Região de Saúde</b>	S/C	100,0	20,0	S/C	42,9	30,0	33,3	20,0	40,0	0,0
Água Branca	S/C	S/C	0,0	S/C	S/C	0,0	0,0	0,0	S/C	S/C
Delmiro Gouveia	S/C	100,0	22,2	S/C	25,0	50,0	50,0	33,3	S/C	0,0
Inhapi	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	100,0	S/C
Mata Grande	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	0,0
Olho d'Água do Casado	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	0,0	S/C	0,0	0,0	S/C
Pariconha	S/C	S/C	S/C	S/C	100,0	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C
Piranhas	S/C	S/C	S/C	S/C	50,0	50,0	S/C	S/C	100,0	S/C

S/C – Sem caso notificado e/ou sem caso não encerrado.

Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

Nos 10 anos avaliados 95,6% dos acidentes foram no sexo masculino e os adultos jovens (20 a 39 anos) foram os mais atingidos com 51,1%. Ocorreram 2 óbitos no período. A análise da variável ocupação ficou impossibilitada devido ao alto percentual de informações ignoradas.

### Demais doenças e agravos relacionados ao trabalho

Apenas a título de conhecimento, o número de notificações das seguintes doenças e agravos nos últimos 10 anos é pequeno, o que torna inviável uma análise mais detalhada de cada um deles: Intoxicação exógena, câncer relacionado ao

trabalho, dermatose ocupacional, LER/DORT, PAIR, pneumoconiose e transtorno mental.

## **VIOLÊNCIA DOMÉSTICA, SEXUAL E OUTRAS VIOLÊNCIAS**

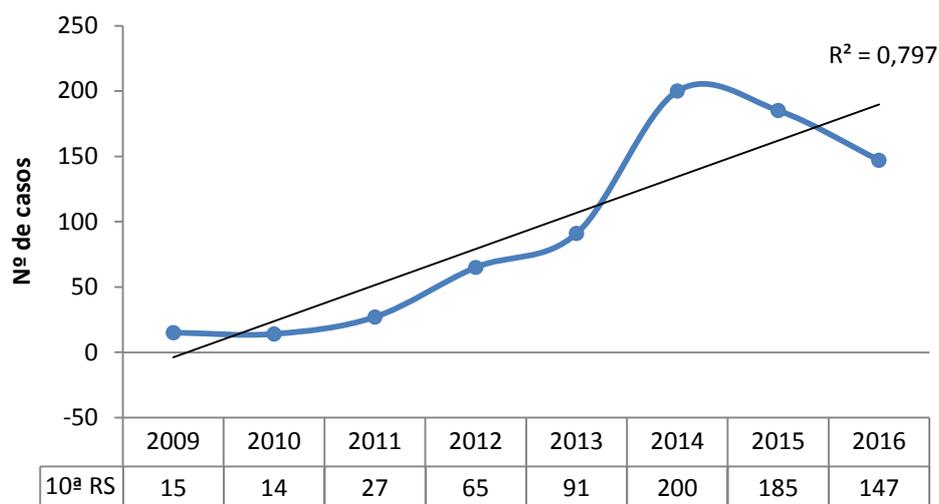
Na 10ª RS, de 2009 a 2016, foram notificados 744 casos de violência doméstica, sexual e/ou outras violências, sendo os municípios de Piranhas e Delmiro Gouveia os que apresentaram o maior número de casos (Tabela 32), visualiza-se tendência forte de aumento quanto ao número de notificações (Figura 24). Dentre as notificações foi relatada violência física em 69,0% dos casos; violência psicológica/moral, em 18,3%; tortura, em 3,6%; violência sexual, em 3,5%; violência financeira, em 0,1%; negligência/abandono, em 0,8%; trabalho infantil, em 0,0%; e outras violências, em 4,7%. Vale destacar que 23,7% das notificações não estão com os campos referentes ao tipo de violência preenchido. Quanto ao sexo, 58,1% dos casos ocorreram em mulheres e em relação a faixa etária o maior percentual dos casos ocorreram na faixa de 20 a 29 anos (30,7%), seguido pela faixa de 30 a 39 anos (21,5%). Quanto ao local de ocorrência, a residência foi onde ocorreu a maioria dos casos.

**Tabela 32** – Número de notificações por violência doméstica, sexual e/ou outras violências, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2009 – 2016.

<b>LOCALIDADE</b>	<b>2009</b>	<b>2010</b>	<b>2011</b>	<b>2012</b>	<b>2013</b>	<b>2014</b>	<b>2015</b>	<b>2016</b>
<b>10ª Região de Saúde</b>	15	14	27	65	91	200	185	147
<b>Água Branca</b>	0	1	4	3	4	10	7	4
<b>Delmiro Gouveia</b>	5	4	4	11	29	121	86	63
<b>Inhapi</b>	0	3	7	10	15	23	16	6
<b>Mata Grande</b>	2	2	5	16	14	10	8	8
<b>Olho d'Água do Casado</b>	1	1	0	1	4	11	5	7
<b>Pariconha</b>	1	0	1	4	4	7	30	36
<b>Piranhas</b>	6	3	6	20	21	18	33	23

Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

**Figura 24** – Tendência temporal das notificações de violência doméstica, sexual e/ou outras violências, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2009 – 2016.



Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

Avaliando as 513 notificações por violência física nos últimos 8 anos, em 65,7% dos casos foi relatado espancamento; em 2,7% enforcamento; em 15,4% objeto contundente; em 15,0% objeto perfuro cortante; em 1,6% queimadura; em 1,8% envenenamento; e em 9,7% arma de fogo. Quanto ao sexo, 64,7% dos casos ocorreram em mulheres e em relação a faixa etária o maior percentual dos casos ocorreram na faixa de 20 a 29 anos (30,6%), seguido pela faixa de 30 a 39 anos (21,1%). Quanto ao local de ocorrência, a residência foi onde ocorreu a maioria dos casos. O município de Delmiro Gouveia foi o que apresentou o maior número de casos (Tabela 33).

**Tabela 33** – Número de notificações por violência física, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2009 – 2016.

LOCALIDADE	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
<b>10ª Região de Saúde</b>	11	10	14	14	34	161	148	121
Água Branca	0	1	4	1	2	9	6	3
Delmiro Gouveia	5	1	2	4	22	111	75	55
Inhapi	0	2	1	1	1	17	15	5
Mata Grande	2	2	1	0	3	5	8	7
Olho d'Água do Casado	1	1	0	0	0	4	4	5
Pariconha	1	0	1	4	3	6	22	28
Piranhas	2	3	5	4	3	9	18	18

Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

No tocante as 26 notificações por violência sexual nos últimos 8 anos, em 80,8% dos casos foi relatado estupro; em 11,5% assédio sexual; em 7,7% atentado violento ao pudor; em 0,0% exploração sexual; e em 11,5% pornografia infantil. Quanto ao sexo, 80,8% dos casos ocorreram em mulheres e em relação a faixa etária o maior percentual dos casos ocorreram na faixa de 10 a 14 anos e 15 a 19 anos (26,9% cada). Quanto ao local de ocorrência, a residência e via pública foi onde ocorreu a maioria dos casos. A maioria dos casos ocorreram em Delmiro Gouveia e Pariconha (Tabela 34).

**Tabela 34** – Número de notificações por violência sexual, 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2009 – 2016.

LOCALIDADE	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
<b>10ª Região de Saúde</b>	0	1	0	2	3	5	9	6
Água Branca	0	0	0	0	2	0	0	0
Delmiro Gouveia	0	1	0	1	0	3	3	1
Inhapi	0	0	0	0	0	1	1	1
Mata Grande	0	0	0	0	0	0	2	0
Olho d'Água do Casado	0	0	0	0	0	0	0	1
Pariconha	0	0	0	1	1	1	3	3
Piranhas	0	0	0	0	0	0	0	0

Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

## VACINAÇÃO

Em 2016, na 10ª RS, a cobertura vacinal de rotina para o primeiro ano de vida foi alcançada, de acordo com as metas preconizadas pelo Ministério da Saúde (Pentavalente, Pneumocócica, Meningococo C, Hepatite B, Hepatite A, Tríplice Viral e Pólio –  $\geq 95\%$ ; BCG e Rotavírus –  $\geq 90\%$ ), somente para Tríplice Viral (105,0%) e Hepatite B (105,0%). Para as vacinas contra Pólio (84,4%), Hepatite A (70,2%), Rotavírus (87,5%), Pneumococo (92,6%), Meningococo C (90,2%), Pentavalente (85,8%) e BCG (76,9%) há necessidade de intensificação das ações de vacinação visando melhorar a cobertura.

Ressalta-se, no período avaliado, que a meta para vacina contra Rotavírus não foi atingida em nenhum dos anos (Tabela 35). Em 2016, o municípios de Mata Grande não atingiu a meta para nenhum dos imunobiológicos relacionados, Pariconha e Piranhas apenas para um (Tabela 36).

**Tabela 35** – Cobertura vacinal por Imunobiológico dos residentes na 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.

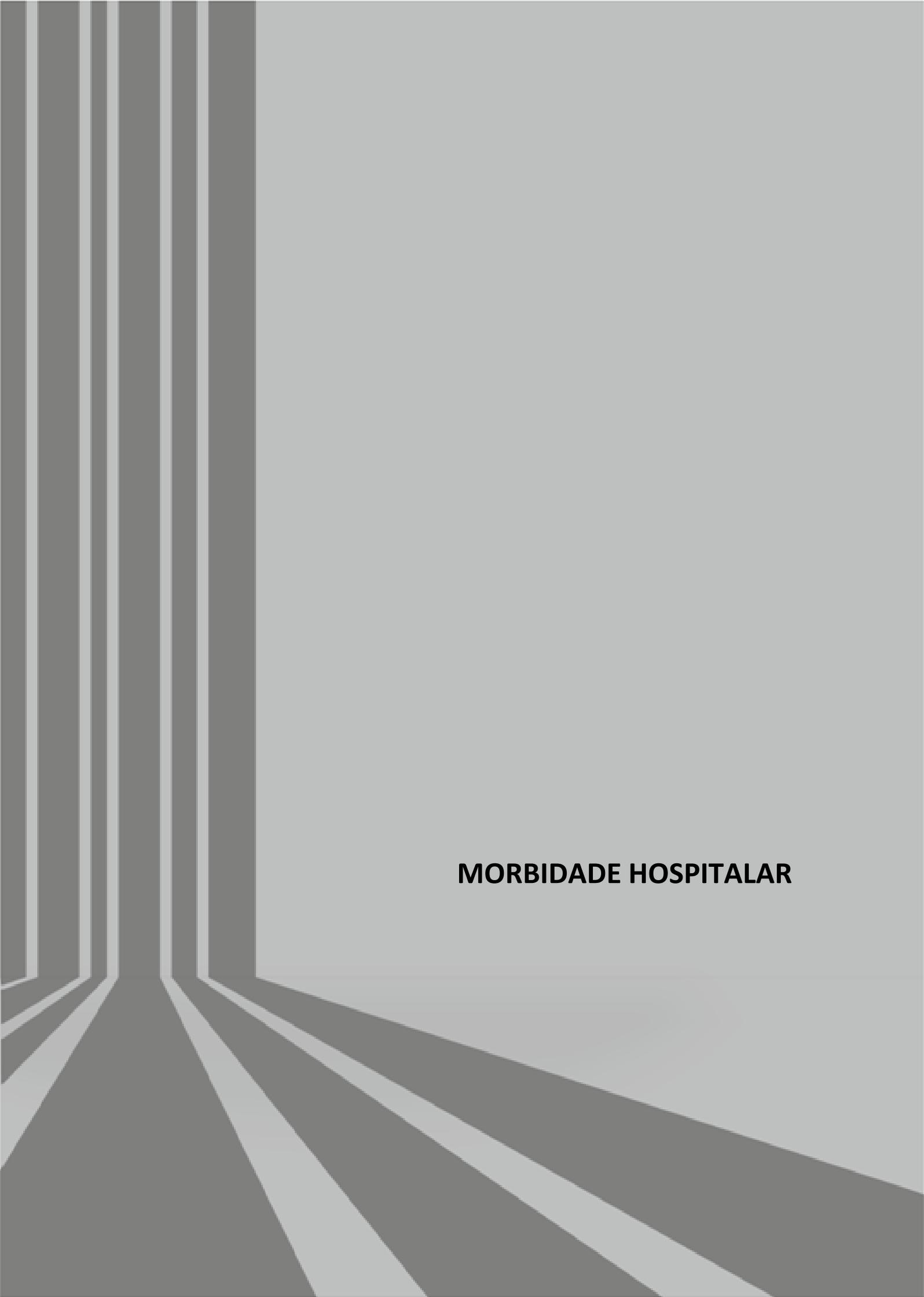
Imunobiológico	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
<b>BCG</b>	96,4	93,8	94,7	95,6	84,8	72,2	82,6	91,7	91,3	76,9
<b>Hepatite B</b>	94,6	101,0	105,9	99,5	95,7	90,0	96,0	91,2	93,6	105,0
<b>Rotavírus Humano</b>	62,8	70,6	75,2	70,5	67,2	69,2	84,1	84,2	87,9	87,5
<b>Pneumocócica 10V</b>	...	...	...	8,9	75,2	75,7	82,7	82,8	83,4	92,6
<b>Meningococo C</b>	...	...	...	2,1	95,4	87,4	94,7	90,4	99,7	90,2
<b>Pentavalente</b>	...	...	...	...	...	29,0	93,5	90,2	91,2	85,8
<b>Tríplice Viral D1</b>	97,8	97,2	109,1	96,6	107,2	87,7	103,7	112,6	99,1	105,0
<b>Poliomielite</b>	100,3	102,5	108,1	105,9	101,9	89,3	93,1	89,4	107,7	84,4
<b>Hepatite A</b>	...	...	...	...	...	...	...	48,5	103,2	70,2

Fonte: DATASUS - Dados tabulados em 03/07/2017.

**Tabela 36** – Cobertura vacinal por Região de Saúde e Imunobiológico dos residentes na 10ª Região de Saúde, Alagoas, 2016.

LOCALIDADE	BCG	Hepatite B	Rotavírus humano	Pneumocócica	Menin-gococo C	Penta	Tríplice Viral	Polio	Hepatite A
<b>10ª Região de Saúde</b>	76,9	105,0	87,5	92,6	90,2	85,8	105,0	84,4	70,2
<b>Água Branca</b>	78,0	123,8	81,6	104,7	105,8	103,3	105,8	98,6	77,3
<b>Delmiro Gouveia</b>	85,4	120,5	96,8	98,2	99,8	93,3	120,6	91,9	81,7
<b>Inhapi</b>	85,7	106,4	97,8	99,0	96,5	85,0	97,1	83,4	73,6
<b>Mata Grande</b>	56,1	86,9	65,7	67,9	63,2	63,5	71,4	61,9	64,0
<b>Olho d'Água do Casado</b>	87,9	92,2	101,4	111,4	96,5	85,8	129,8	92,9	88,7
<b>Pariconha</b>	66,1	86,9	85,3	90,7	80,3	79,8	98,9	80,9	55,7
<b>Piranhas</b>	71,7	88,5	80,2	84,9	81,6	82,0	102,0	79,1	46,3

Fonte: DATASUS - Dados tabulados em 03/07/2017.



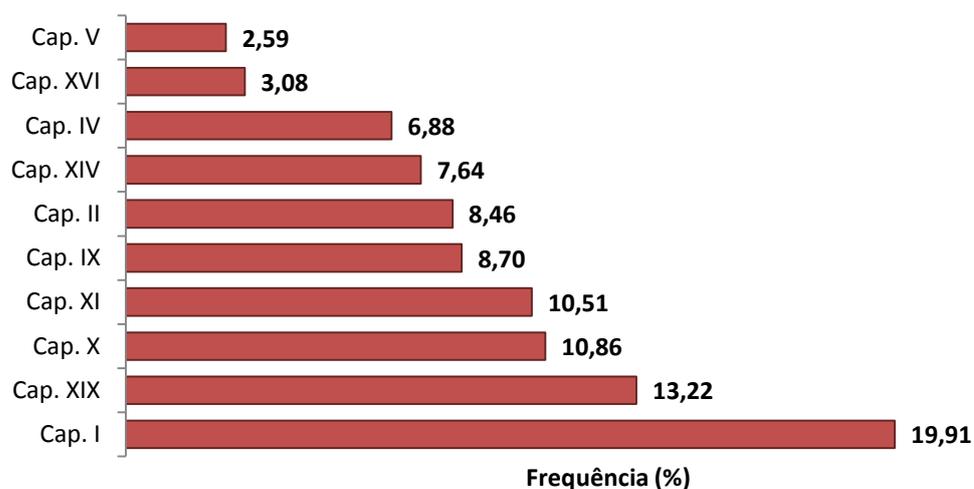
**MORBIDADE HOSPITALAR**

## MORBIDADE HOSPITALAR

Considerando as internações realizadas entre indivíduos residentes na 10ª Região de Saúde (RS), cujas internações ocorreram em qualquer localidade do estado em 2016, verifica-se que as causas mais frequentes de internação (considerando o diagnóstico primário, ou seja, aquele que justificou a emissão da Autorização de Internação Hospitalar – AIH) foram aquelas codificadas no Capítulo XV (Gravidez, Parto e Puerpério) (n=1.823; 27,23%). No entanto, para avaliar a morbidade hospitalar, foram excluídas da análise tais internações.

Assim, verifica-se que as maiores frequências de internações foram decorrentes de causas codificadas no Capítulo I (Doenças infecciosas e parasitárias) (n=970; 19,91%), seguidas dos Capítulos XIX (Lesões, envenenamentos e algumas outras consequências de causas externas) (n=644; 13,22%) e X (Doenças do aparelho respiratório) (n=529; 10,86%) (Figura 1).

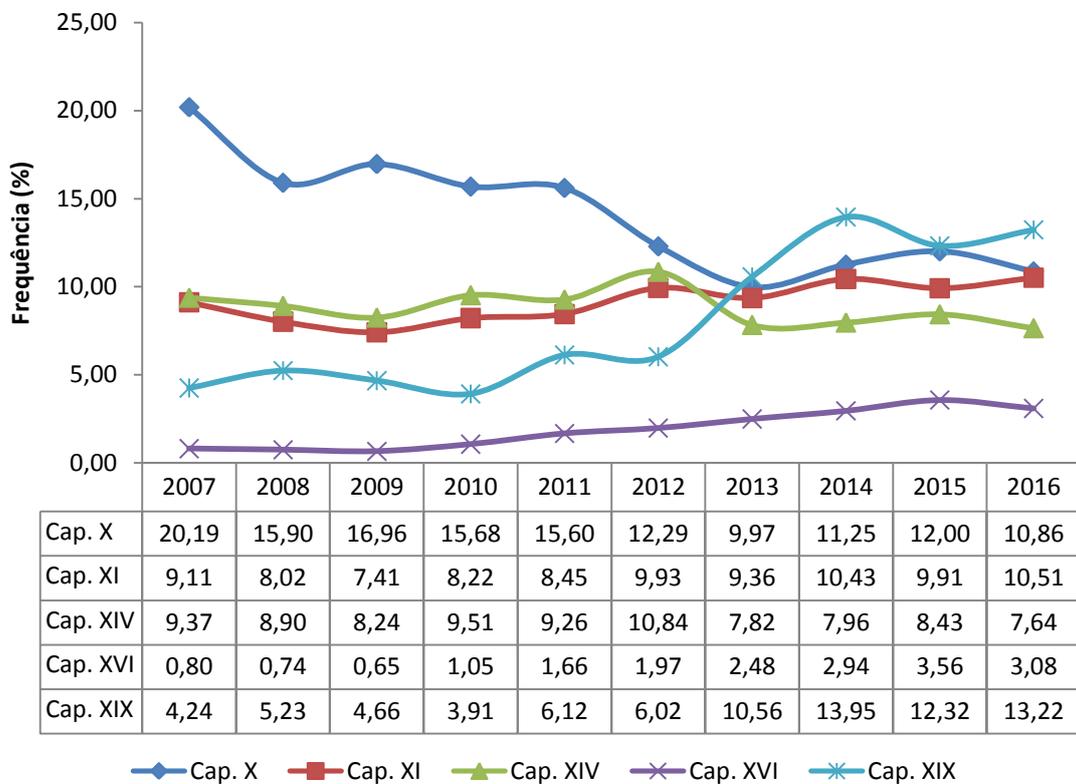
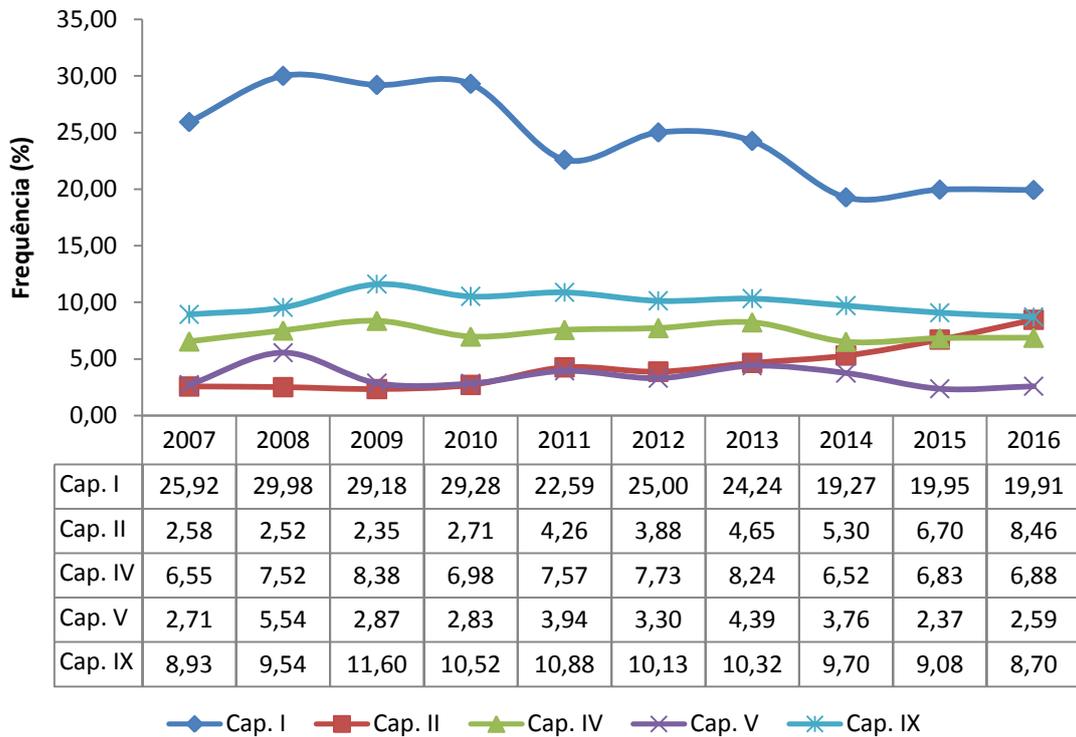
**Figura 1** – Proporção de internações hospitalares de residentes na 10ª Região de Saúde, segundo principais grupos de causas de internação (Cap. CID-10).



Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em Outubro/2017 e sujeitos à revisão.

Observando-se a dinâmica das internações por grupos de causas, considerando-se os dez principais grupos no período analisado, verifica-se que há aumento nas internações por neoplasias (Cap. II), pelas doenças do aparelho digestivo (Cap. XI), pelas lesões, envenenamentos e consequências de causas externas (Cap. XIX) e pelas afecções originadas no período perinatal (Cap. XVI). Vale destacar as elevadas proporções de internações por doenças infecciosas e parasitárias (Cap. I) (Figura 2).

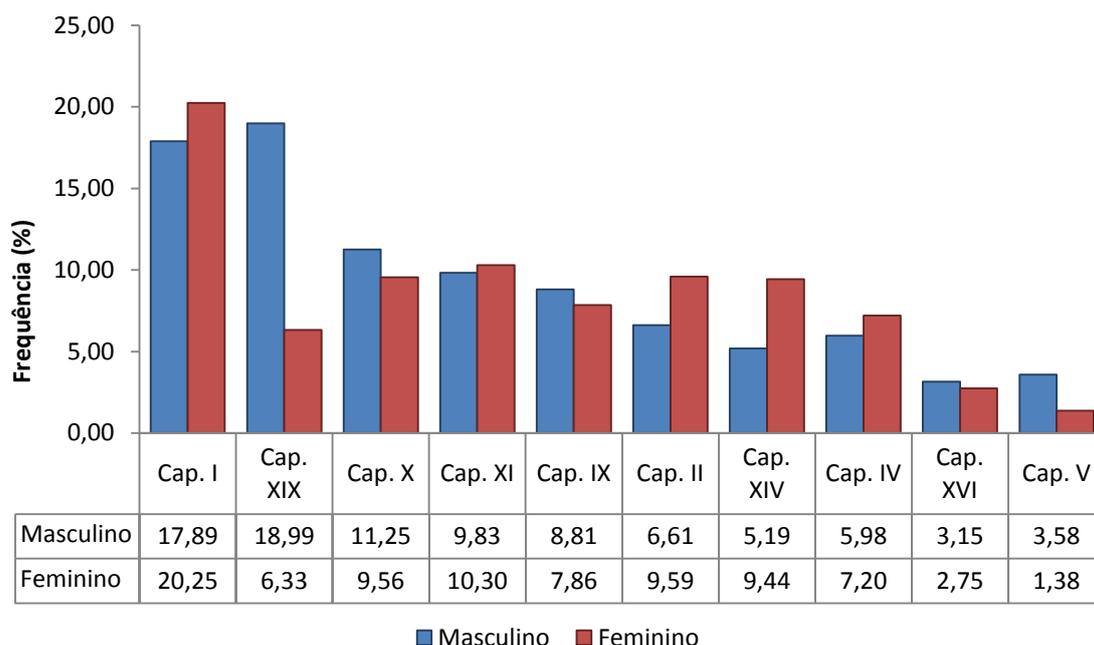
**Figura 2** – Frequências das internações hospitalares de residentes na 10ª Região de Saúde, segundo principais grupos de causas de internação(Cap. CID-10), entre 2007 e 2016.



Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em Outubro/2017 e sujeitos à revisão.

Ao desagregar as internações segundo sexos, percebe-se uma maior proporcionalidade das internações por lesões em consequência de causas externas (Cap. XIX) e de transtornos mentais e comportamentais (Cap. V) entre os homens, enquanto que as neoplasias e as doenças do aparelho geniturinário são mais frequentes entre as mulheres (Figura 3).

**Figura 3** – Frequências das internações hospitalares, segundo principais grupos de causas de internação(Cap. CID-10), estratificadas por sexo. 10ª Região de Saúde, 2007 a 2016.

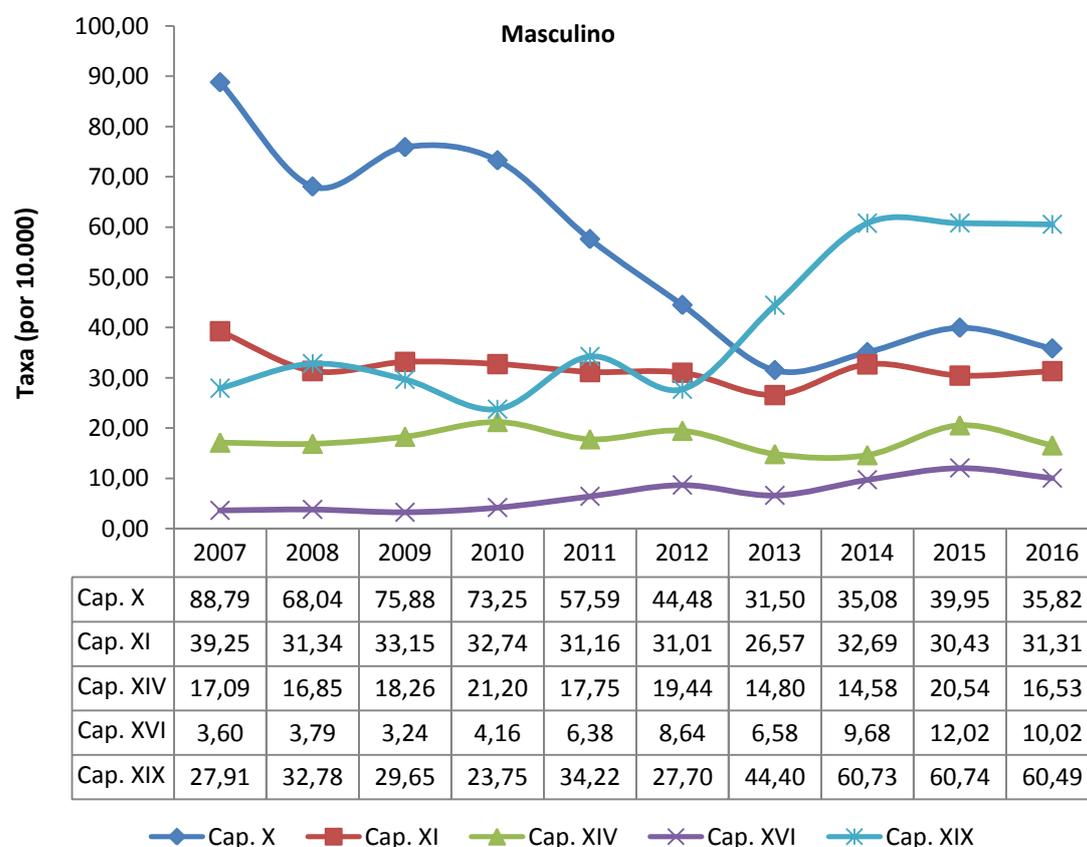
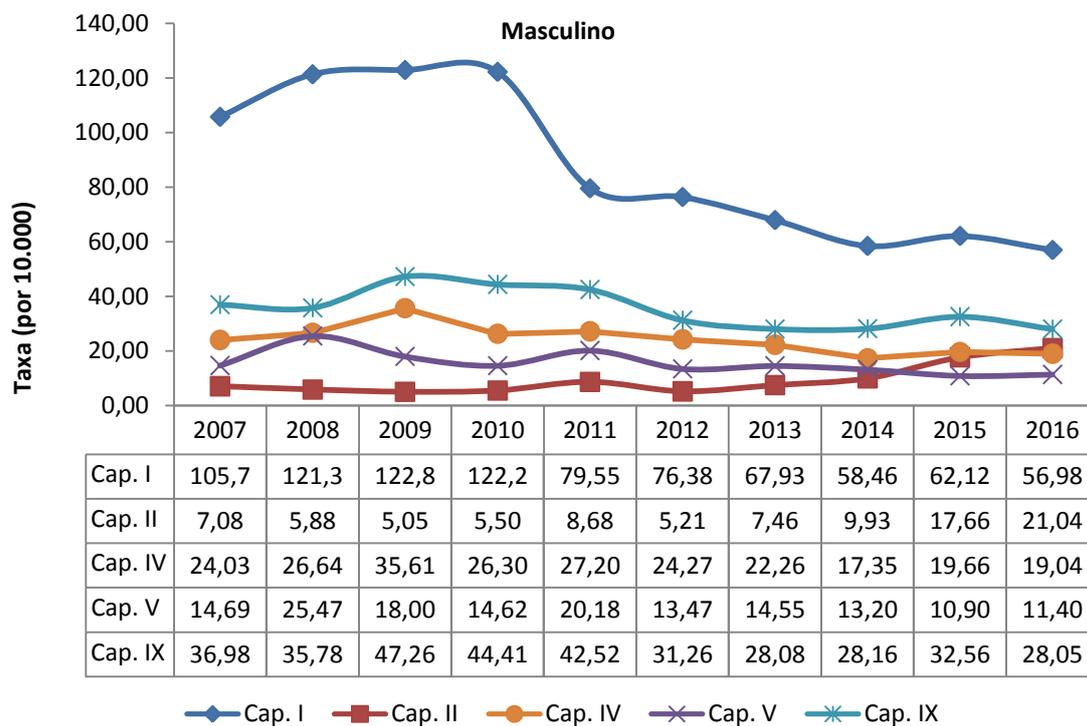


Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em Outubro/2017 e sujeitos à revisão.

As taxas de internação entre os homens expressam o aumento do risco relacionado às lesões em consequência de causas externas (Cap. XIX) e as neoplasias (Cap. II), por outro lado, há redução importante no risco envolvendo as doenças infecciosas e parasitárias (Cap. I) e as doenças do aparelho respiratório (Cap. X) (Figura 4).

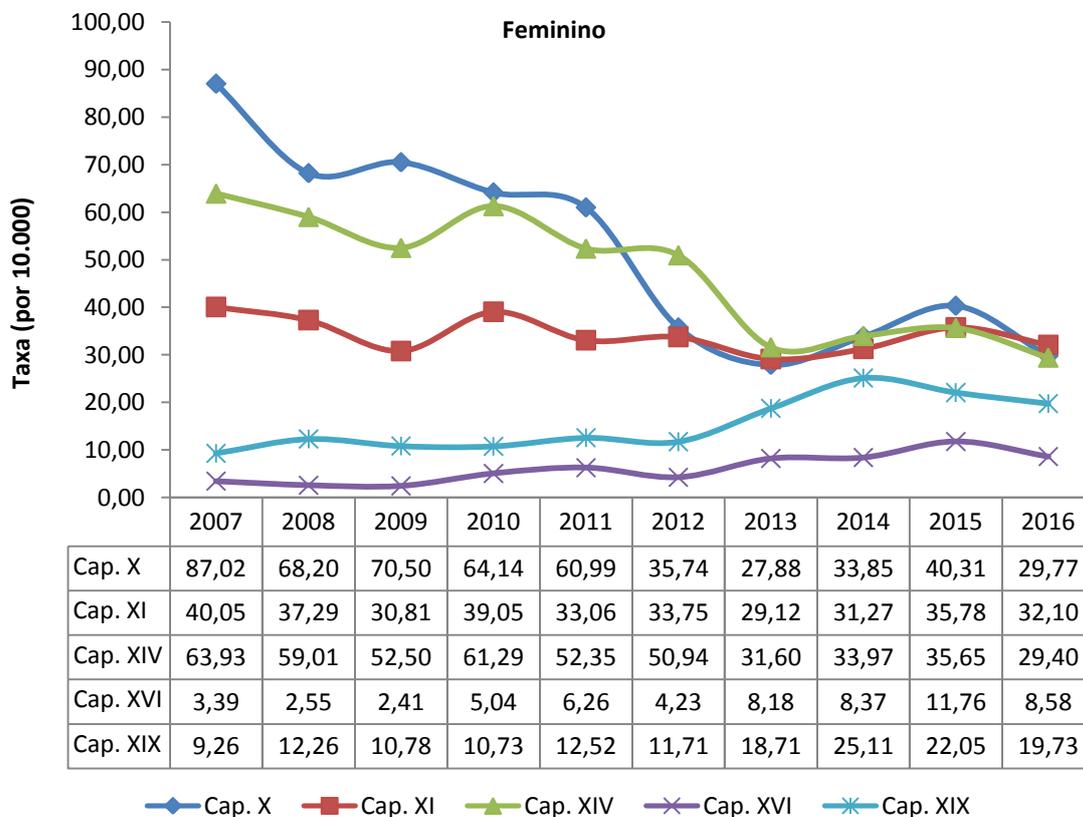
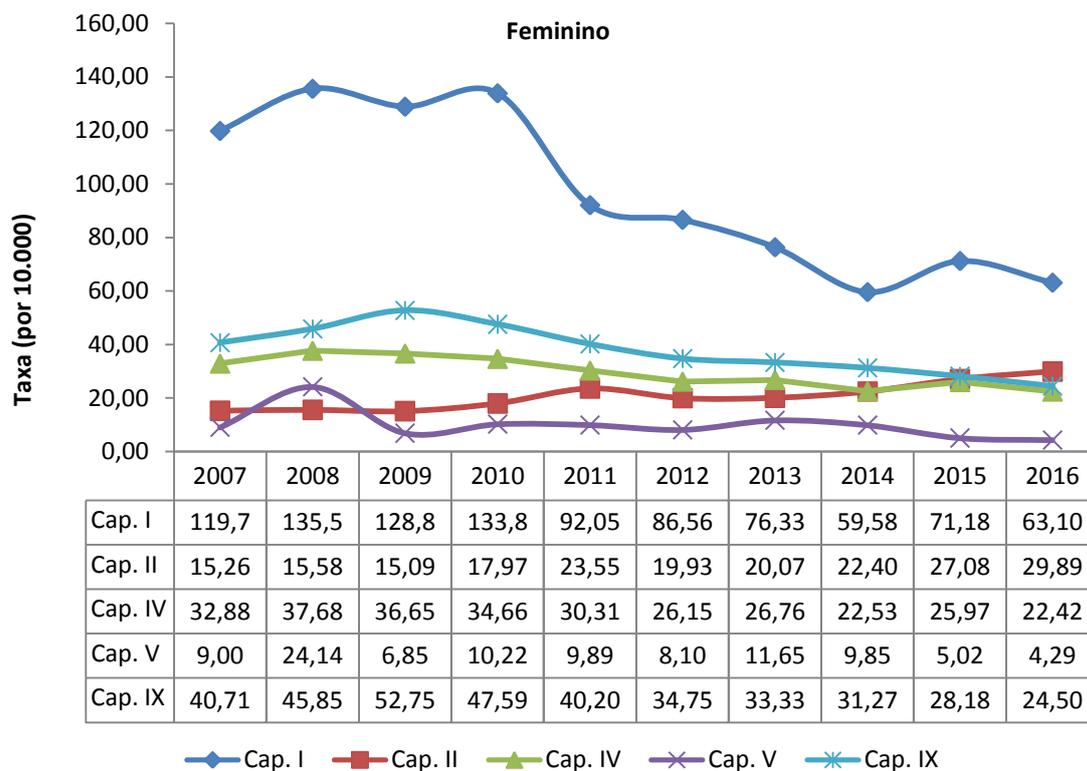
Entre as mulheres, as taxas são crescentes entre as lesões em consequência de causas externas (Cap. XIX) e as neoplasias (Cap. II), enquanto que reduções são verificadas entre as doenças infecciosas e parasitárias (Cap. I), as doenças do aparelho respiratório (Cap. X) e os transtornos mentais e comportamentais (Cap. V) (Figura 5).

**Figura 4 – Taxas de internação hospitalar entre homens, segundo principais grupos de causas de internação(Cap. CID-10). 10ª Região de Saúde, 2007 a 2016.**



Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em Outubro/2017 e sujeitos à revisão.

**Figura 5 – Taxas de internação hospitalar entre mulheres, segundo principais grupos de causas de internação(Cap. CID-10). 10ª Região de Saúde, 2007 a 2016.**



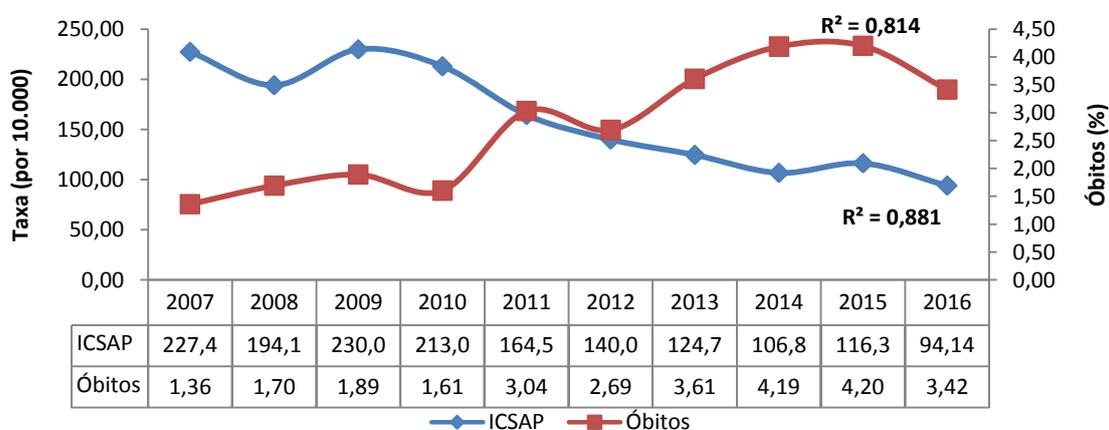
Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em Outubro/2017 e sujeitos à revisão.

## INTERNAÇÕES POR CONDIÇÕES SENSÍVEIS À ATENÇÃO PRIMÁRIA (ICSAP)

Entre 2007 e 2016, há uma sensível melhora quanto às internações por condições que a Atenção Primária à Saúde (APS) tem capacidade para resolver, sendo este um importante indicador de melhoria da qualidade da APS. Para o cálculo das taxas de ICSAP, são desconsideradas todas as internações para a realização de partos, uma vez que tal situação constitui-se em um desfecho natural do processo gestacional.

Nesse contexto, em 2007a taxa de ICSAP era de 227,46/10.000 hab., reduzindo para 94,14/10.000 hab. em 2016, e com forte tendência decrescente, no entanto, quando analisado o desfecho das ICSAP, observa-se tendência crescente quanto às altas hospitalares por óbito, uma vez que a proporção passa de 1,36% (2007) para 3,42% (2016) (Figura 6), sugerindo que a APS não tem sido eficaz em reduzir as complicações relacionadas às ICSAP, ou ainda refletindo um diagnóstico e/ou encaminhamento tardio e/ou falta de acesso oportuno à Atenção Especializada.

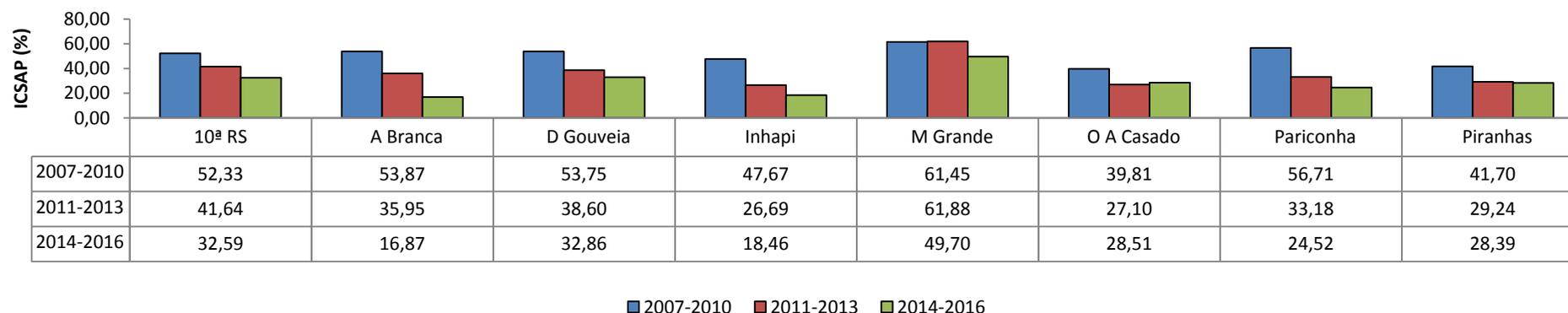
**Figura 6** – Taxas de internação por condições sensíveis à atenção primária (ICSAP) e frequências das altas por óbito entre tais internações. 10ª Região de Saúde, 2007 a 2016.



Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em Outubro/2017 e sujeitos à revisão.

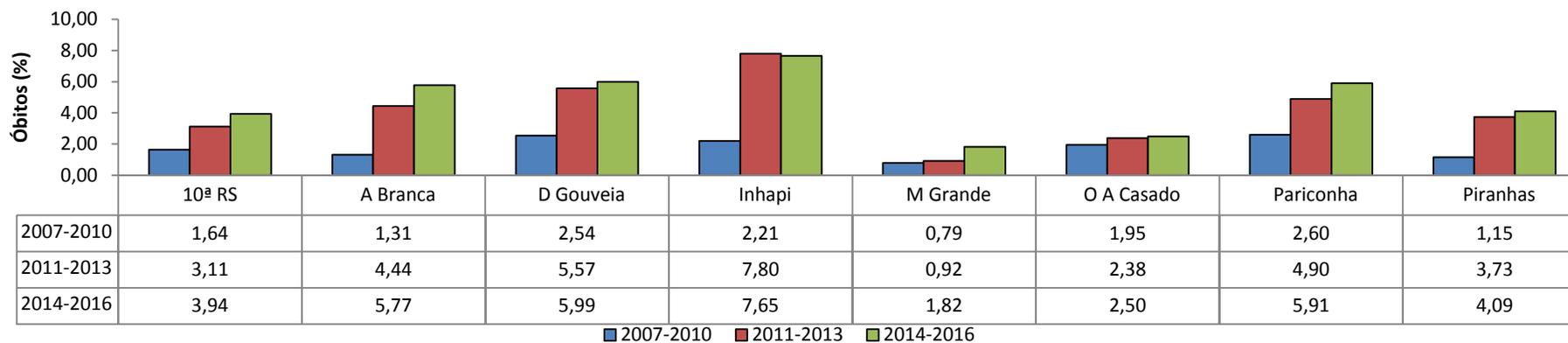
As frequências das internações nos municípios que compõem a região, em três diferentes períodos de tempo (2007 a 2010; 2011 a 2013; e 2014 a 2016), demonstram redução das ICSAP entre os residentes de todos os municípios e de forma semelhante, com exceção de Olho d'Água do Casado, onde houve discreto aumento no período 2014-2016 (Figura 7). Em relação às altas por óbito, percebe-se uma persistência nas frequências desde 2011, com Inhapi detendo as maiores proporções (Figura 8).

**Figura 7** – Frequências das internações por condições sensíveis à atenção primária (ICSAP), segundo município de residência, em diferentes períodos de tempo. 10ª Região de Saúde, 2007 a 2016.



Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em Outubro/2017 e sujeitos à revisão.

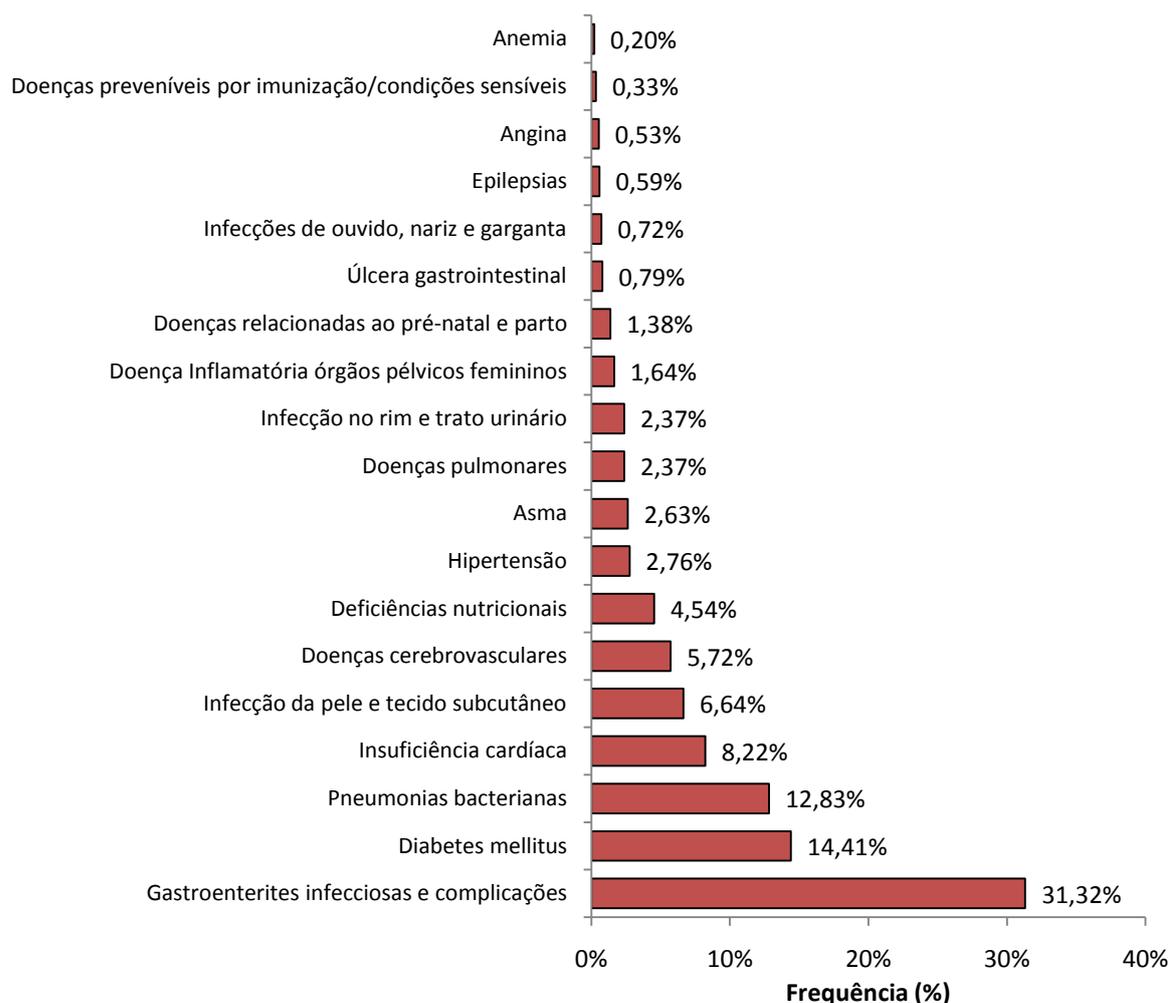
**Figura 8** – Frequências das altas por óbito entre as internações por condições sensíveis à atenção primária (ICSAP), segundo município de residência, em diferentes períodos de tempo. 10ª Região de Saúde, 2007 a 2016.



Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em Outubro/2017 e sujeitos à revisão.

Os principais grupos de ICSAP que ocasionaram internações entre os residentes da região em 2016 foram as gastroenterites infecciosas (31,32%), o diabetes mellitus (14,41%), as pneumonias bacterianas (12,83%), a insuficiência cardíaca (8,22%) e as infecções da pele e do tecido subcutâneo (6,64%) (Figura 9).

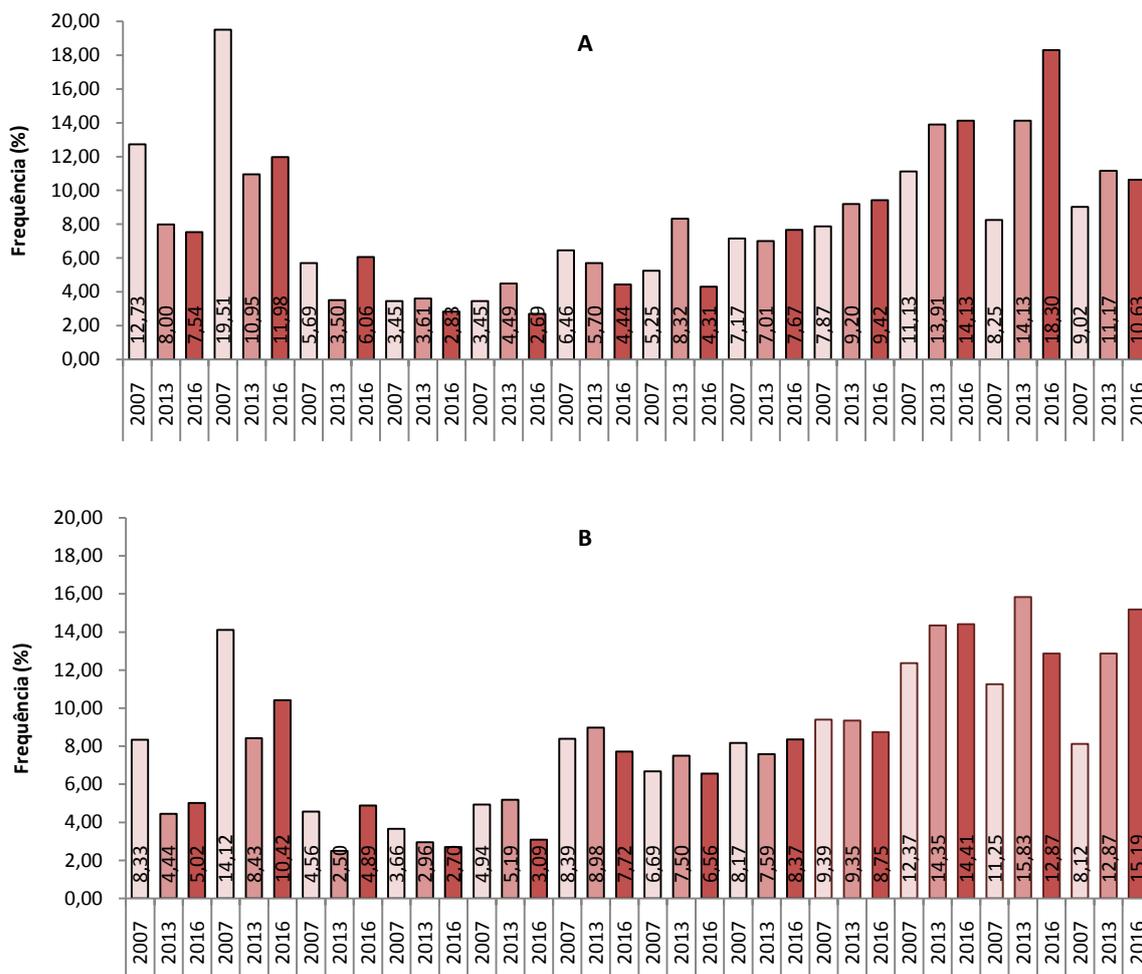
**Figura 9** – Frequências das internações por condições sensíveis à atenção primária (ICSAP) entre a população residente, segundo subgrupos de causas. 10ª Região de Saúde, 2016.



Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em Outubro/2017 e sujeitos à revisão.

Analisando-se as ICSAP segundo sexos e faixas etárias, observa-se que para ambos os sexos há um predomínio quanto à ocorrência em crianças e idosos, porém, considerando cada sexo separadamente em três diferentes anos do período analisado (2007, 2013 e 2016), as proporções são maiores entre as meninas e mulheres idosas enquanto que entre os adultos há predominância entre os homens (Figura 10).

**Figura 10** – Frequências das internações por ICSAP segundo sexos (A – Masculino; B – Feminino) e faixas etárias. 10ª Região de Saúde, 2007 a 2016.



Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em Outubro/2017 e sujeitos à revisão.

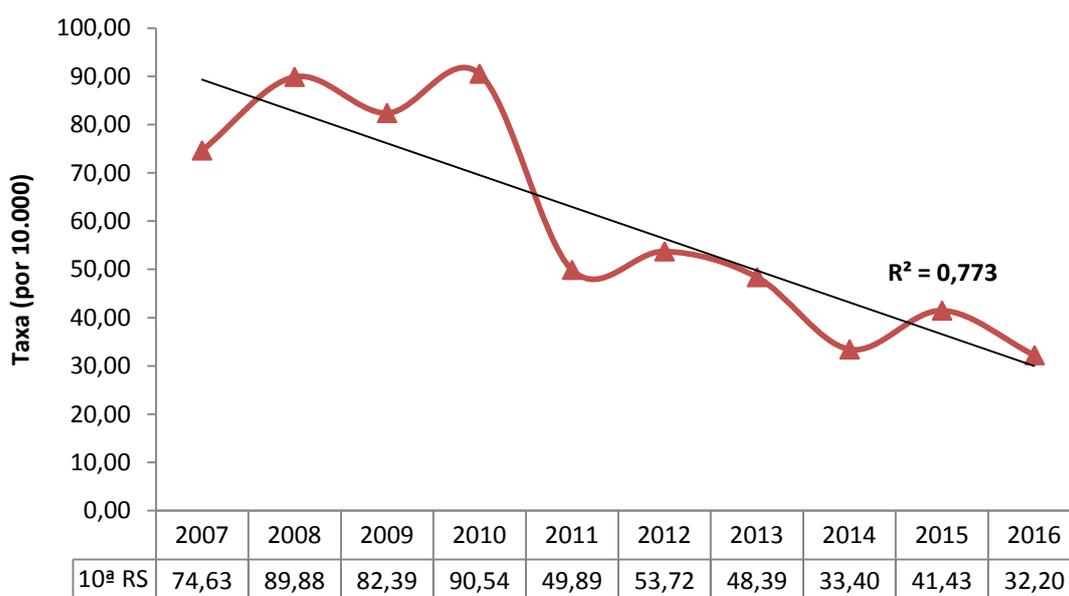
## **DOENÇAS RELACIONADAS AO SANEAMENTO AMBIENTAL INADEQUADO (DRSAI)**

Várias doenças guardam relação direta com o saneamento ambiental, compreendendo-se que podem ocorrer DRSAI sem haver demanda por internação, além de sub-registros. Além disso, é importante destacar que o presente indicador é resultado de um conceito mais amplo de saneamento, não sendo restrito ao saneamento básico, mas abrangendo vários outros aspectos, tais como o controle de doenças transmissíveis, incluindo o controle de vetores e a disciplina quanto ao uso e ocupação do solo.

Assim, foram considerados cinco grupos de doenças para a composição do indicador DRSAl: doenças de transmissão orofecal (A00-A01; A02-A04; A06-A09; B15); doenças transmitidas por vetores (A90-A91; A95; B50-B55; B57; B74); doenças transmitidas por meio do contato com a água (A27; B65); doenças relacionadas com a higiene (A71; B35-B36; H10); e, geohelmintíases e teníases (B67-B69; B71; B76-B83). Da mesma forma que as Internações por Condições Sensíveis à Atenção Primária (ICSAP), para o cálculo das DRSAl foram desconsideradas todas as internações para a realização de partos, uma vez que tal situação constitui-se em um desfecho natural do processo gestacional.

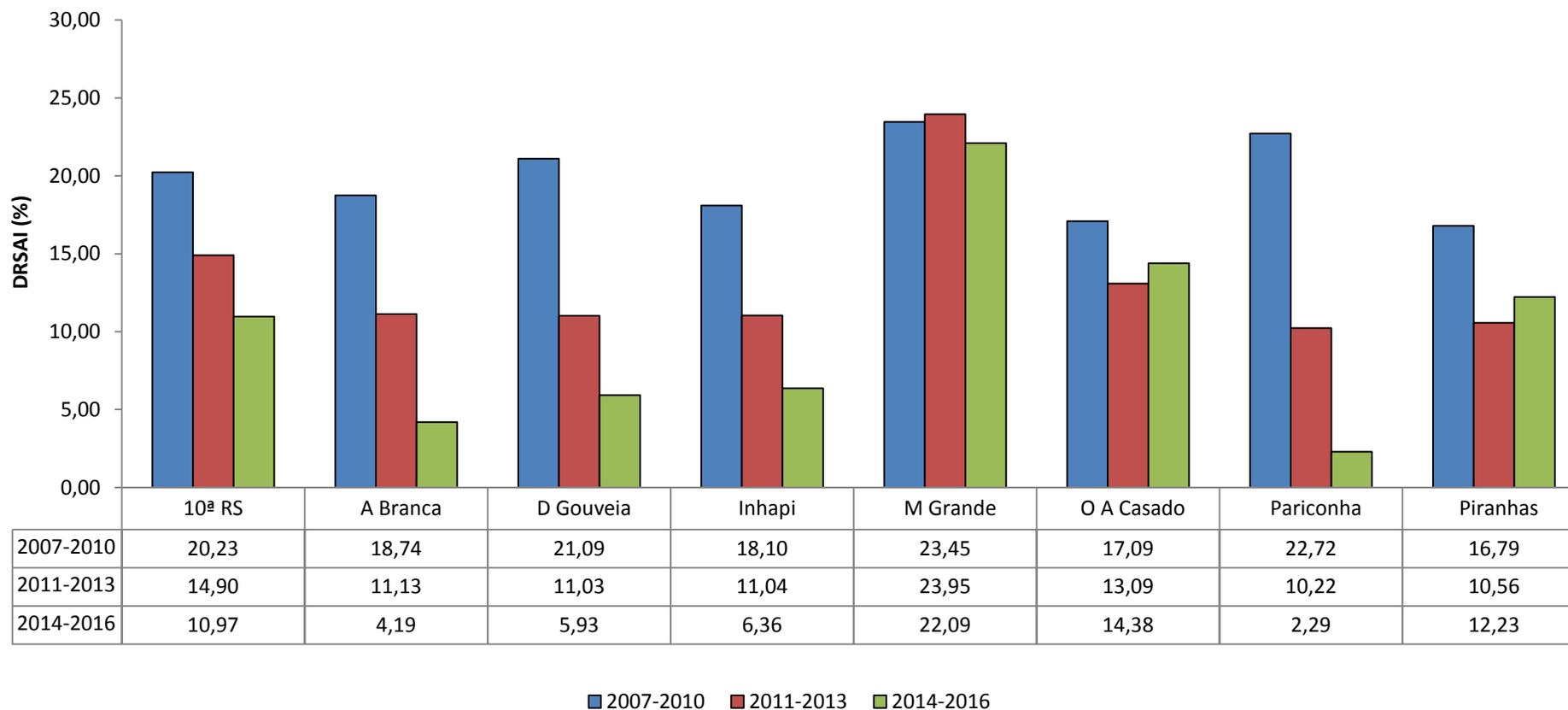
Entre 2007 e 2016, é observada uma importante redução quanto às internações por DRSAl na região de saúde e com forte significância (Figura 11), apesar das oscilações nas taxas ao longo do tempo, com a maioria dos municípios da região apresentando o mesmo perfil, porém com exceção de Olho d'Água do Casado e Piranhas, os quais apresentam aumento na frequência no período 2014-2016, e Mata Grande, que apesar de apresentar uma leve redução nesse mesmo período, possui frequências equivalentes em todo o período, correspondendo ainda às maiores proporções de toda a região (Figura 12).

**Figura 11** – Taxas de internação por doenças relacionadas ao saneamento ambiental inadequado (DRSAl). 10ª Região de Saúde, 2007 a 2016.



Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em Outubro/2017 e sujeitos à revisão.

**Figura 12** – Frequências das internações por doenças relacionadas ao saneamento ambiental inadequado (DRSAI), segundo município de residência, em diferentes períodos de tempo. 10ª Região de Saúde, 2007 a 2016.



Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em Outubro/2017 e sujeitos à revisão.

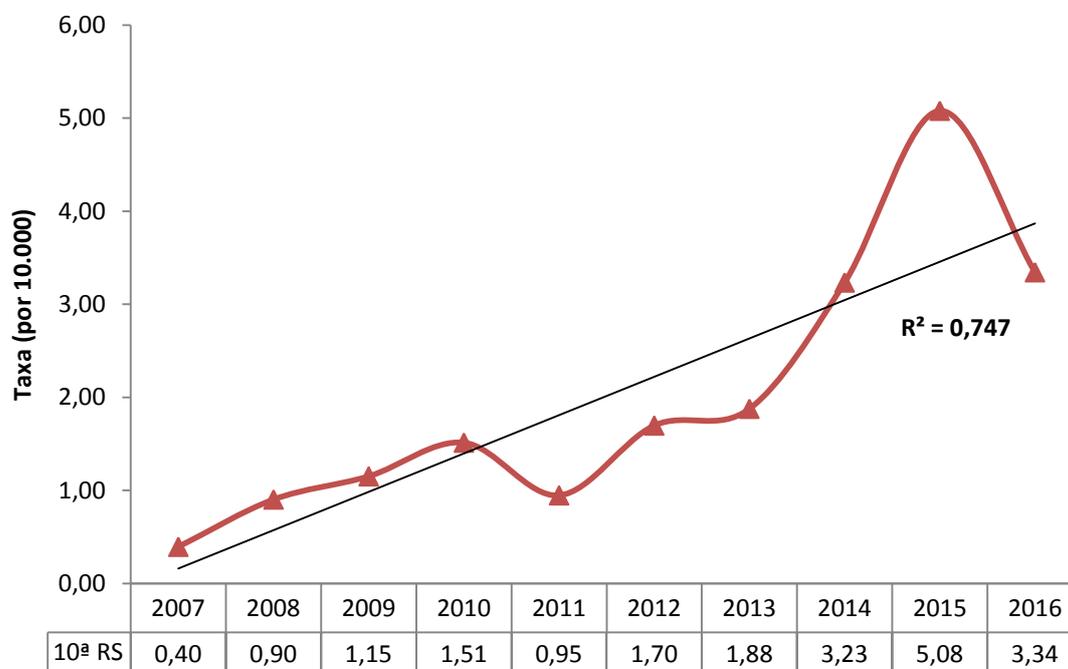
## DOENÇAS E AGRAVOS POTENCIALMENTE RELACIONADOS AO TRABALHO

Foram consideradas, para análise, as dermatoses (L98), as pneumoconioses (J60-J64) e os efeitos tóxicos de substâncias de origem predominantemente não-medicinal (T51-T65), sendo calculadas taxas de internação. É importante destacar que essas doenças/agravos podem não estar relacionados ao trabalho, entretanto, sinaliza para uma eventual necessidade de maior articulação com as unidades hospitalares, no sentido de detectar e esclarecer, por meio de investigação epidemiológica, a sua relação com a atividade laboral.

No período analisado, foram realizadas 321 internações de residentes na 10ª RS por tais doenças/agravos, observando-se um aumento nas taxas de internação em todo o período, exceto em 2016, quando há redução na taxa, mas ainda assim demonstrando uma forte tendência de crescimento (Figura 13).

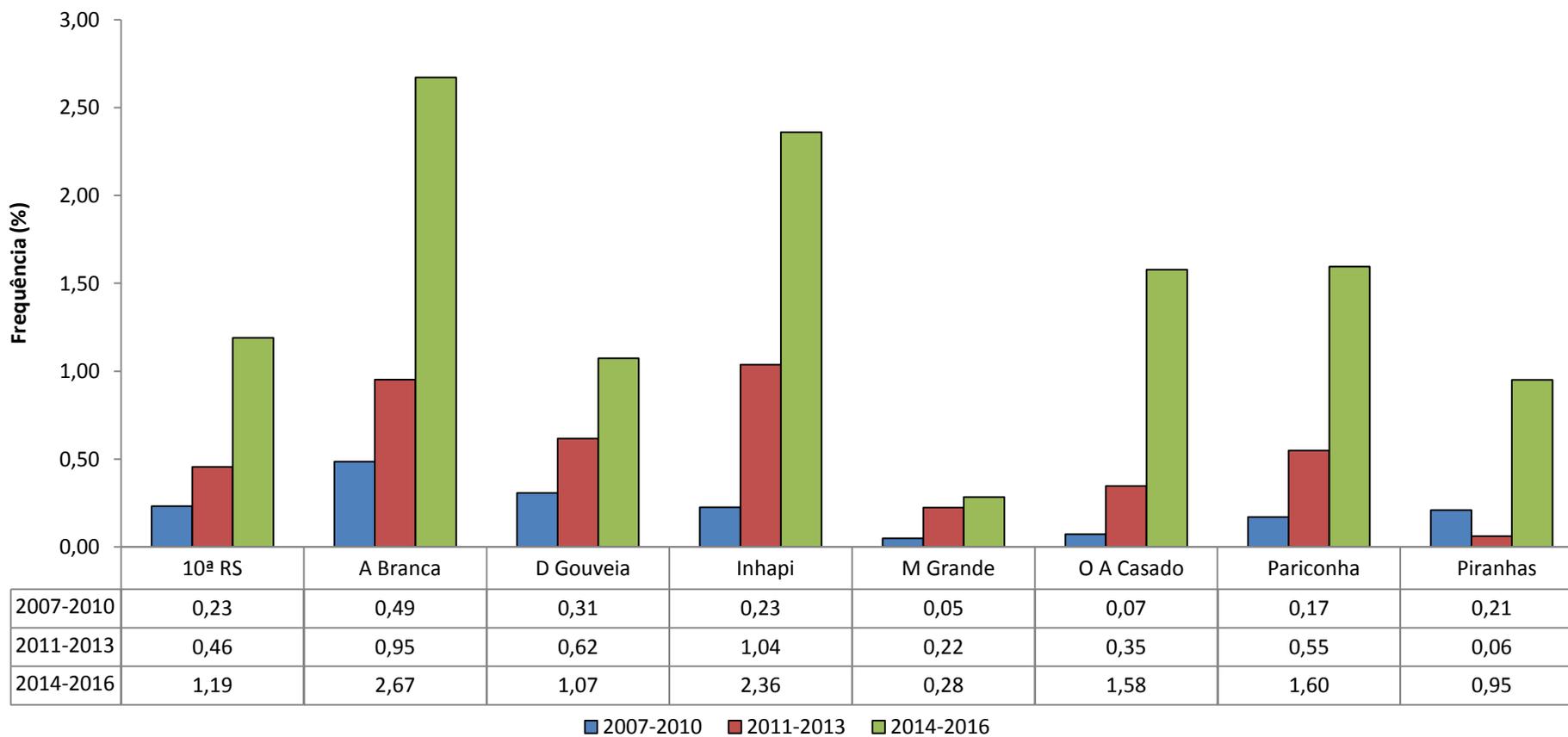
Entre os municípios da região, são evidentes as elevadas frequências entre residentes de Água Branca e Inhapi, além de que no período de 2014 a 2016 houve aumento nas proporções de todos os municípios da região (Figura 14).

**Figura 13** – Taxas de internação por doenças e agravos potencialmente relacionados ao trabalho. 10ª Região de Saúde, 2007 a 2016.



Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em Outubro/2017 e sujeitos à revisão.

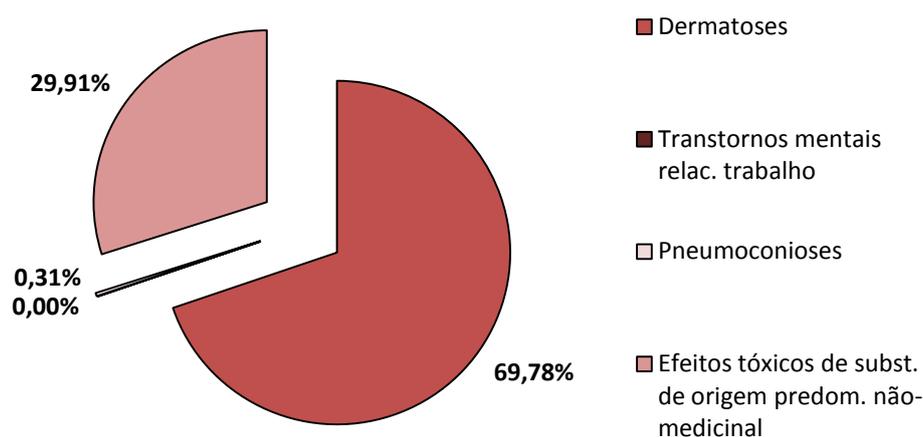
**Figura 14** – Frequências das internações por doenças e agravos potencialmente relacionados ao trabalho, segundo município de residência, em diferentes períodos de tempo. 10ª Região de Saúde, 2007 a 2016.



Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em Outubro/2017 e sujeitos à revisão.

A maioria das internações é decorrente das dermatoses (69,78%) (Figura 15), totalizando 224 internações em todo o período analisado. As internações por pneumoconioses – enquanto diagnóstico para emissão da AIH – são quase inexistentes, havendo apenas uma hospitalização em todo o período.

**Figura 15** – Frequências das internações por doenças e agravos potencialmente relacionados ao trabalho, segundo doença/agravo. 10ª Região de Saúde, 2007 a 2016.

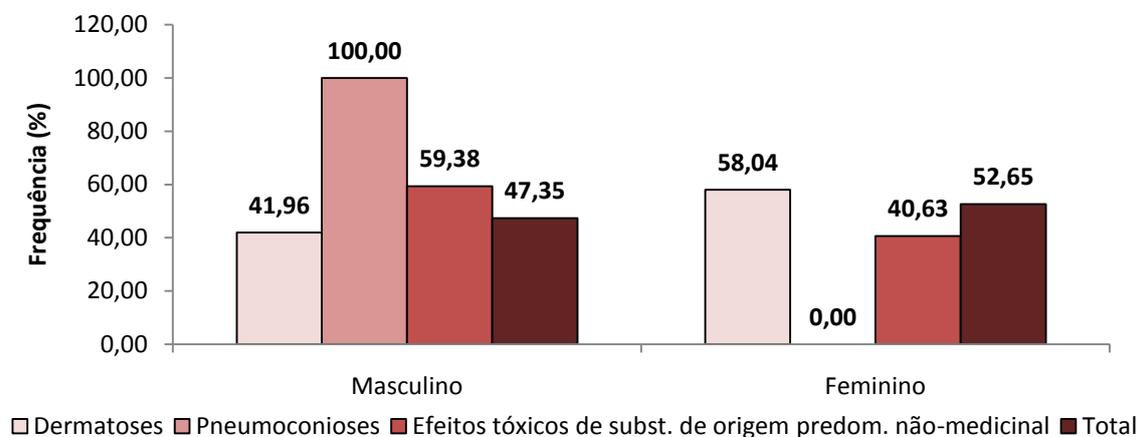


Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em Outubro/2017 e sujeitos à revisão.

As mulheres correspondem à maioria dos casos (52,65%), além disso, ao estratificar cada doença/agravo, percebe-se que as dermatoses são mais frequentes entre as mulheres (58,04%), enquanto que os homens são predominantes nas intoxicações (59,38%) (Figura 16).

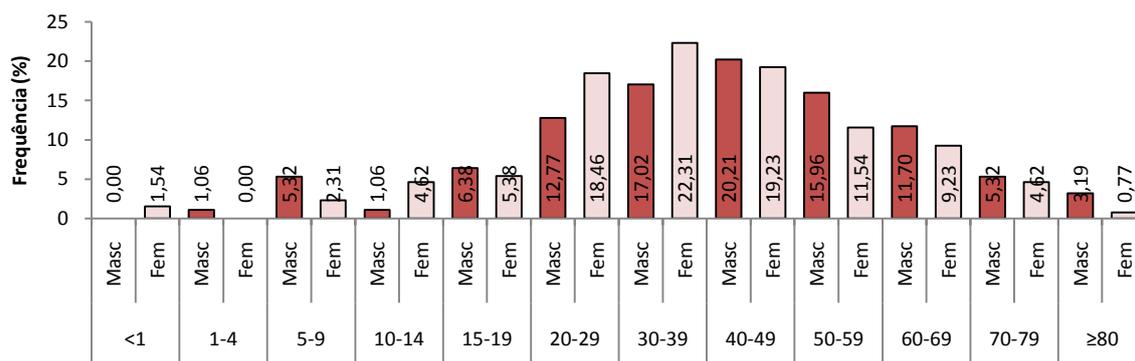
As dermatoses são mais prevalentes em indivíduos de ambos os sexos dos 20 aos 69 anos (Figura 17), enquanto que as intoxicações ocorrem predominantemente entre homens de 15 a 69 anos e entre as mulheres de 15 a 29 anos (Figura 18). É importante analisar a elevada frequência de intoxicações entre crianças de ambos os sexos de 1 a 4 anos e entre meninas de 5 a 9 anos, uma vez que essa ocorrência, a depender da idade, pode ser decorrente de acidentes domésticos, trabalho infantil ou ainda envolvendo animais peçonhentos.

**Figura 16** – Frequências das internações por doenças e agravos potencialmente relacionados ao trabalho, segundo doença/agravo, estratificadas por sexos. 10ª Região de Saúde, 2007 a 2016.



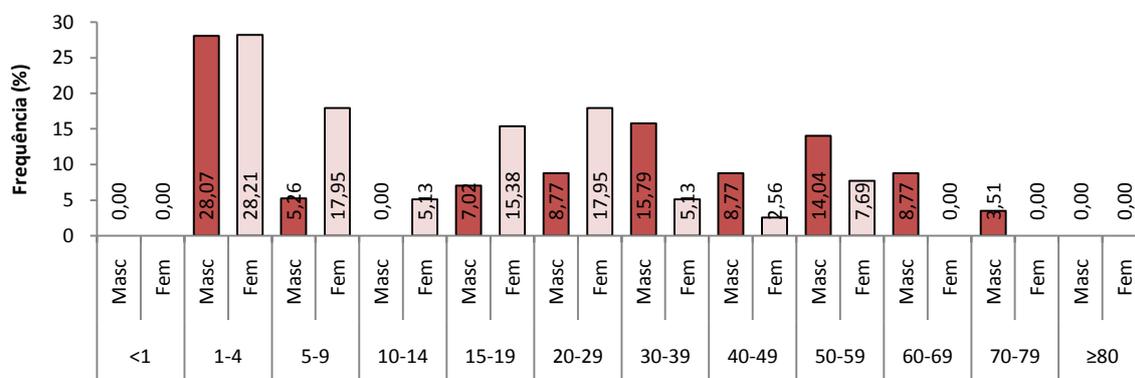
Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em Outubro/2017 e sujeitos à revisão.

**Figura 17** – Frequências das internações por dermatoses segundo sexos e faixas etárias. 10ª Região de Saúde, 2007 a 2016.



Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em Outubro/2017 e sujeitos à revisão.

**Figura 18** – Frequências das internações por intoxicações segundo sexos e faixas etárias. 10ª Região de Saúde, 2007 a 2016.



Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em Outubro/2017 e sujeitos à revisão.

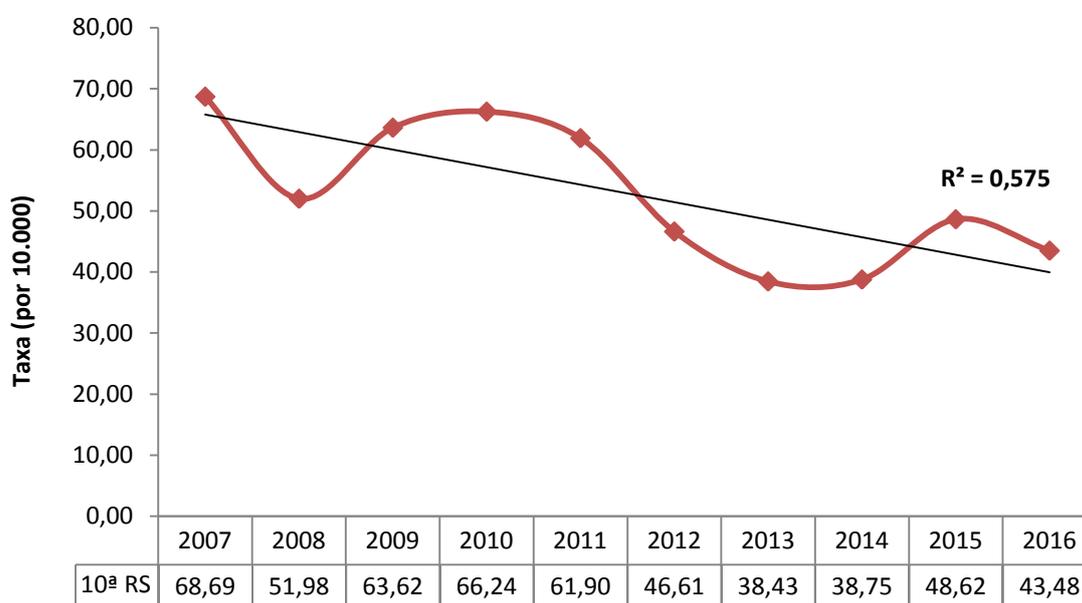
## DOENÇAS CRÔNICAS NÃO TRANSMISSÍVEIS (DCNT)

Para a análise das internações por algumas DCNT, foram calculadas taxas de internação e foram selecionadas as doenças cerebrovasculares (I60-I69), o diabetes (E10-E14), a hipertensão primária (I10), as doenças isquêmicas do coração (I20-I25), os cânceres (C00-C76; C80-C97; D45-D47), as doenças crônicas das vias aéreas inferiores (J40-J47) e os transtornos mentais e comportamentais devidos ao uso de substâncias psicoativas (F10-F19). Além disso, foram desconsideradas as internações para a realização de partos.

Nesse contexto, as taxas de internação têm perspectiva de decréscimo e com moderada significância entre os residentes da região (Figura 19).

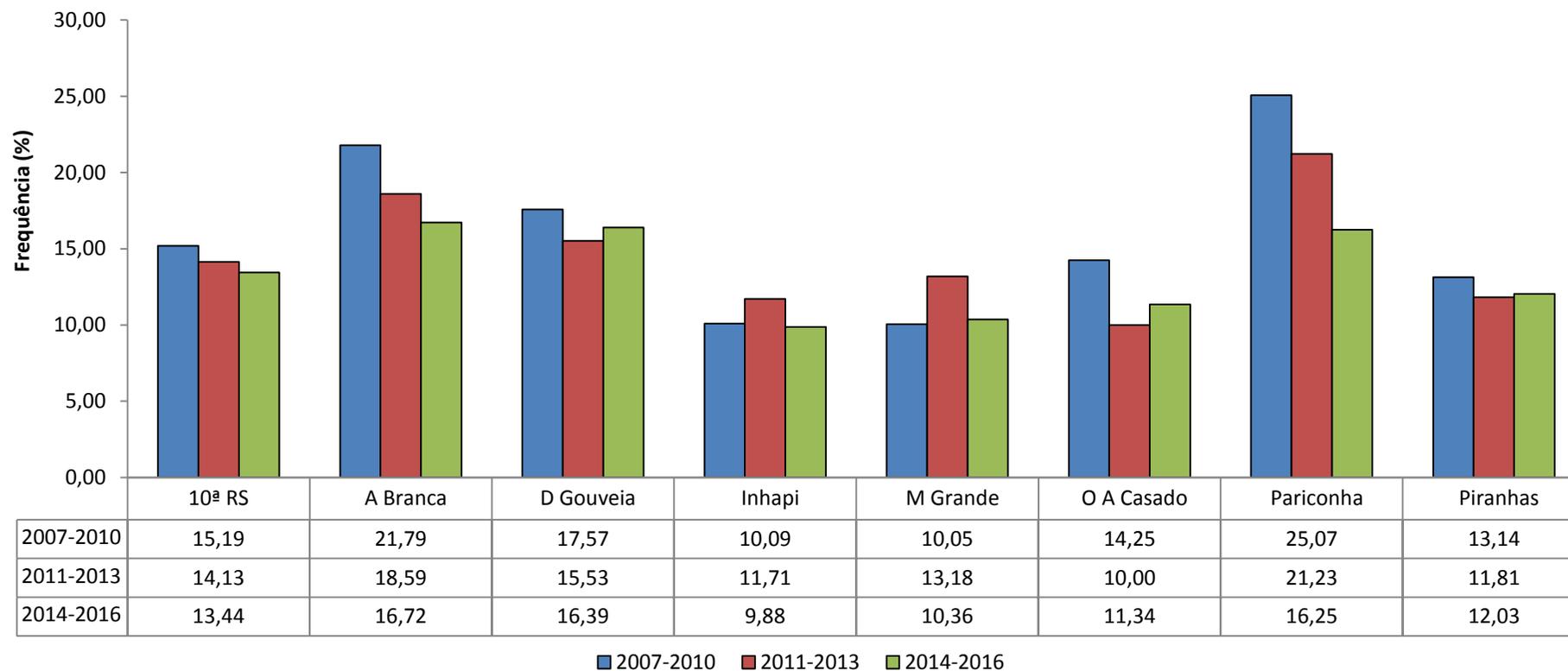
Analisando-se as frequências das internações nos municípios da região, em três diferentes períodos de tempo (2007 a 2010; 2011 a 2013; e 2014 a 2016), percebe-se estabilidade e homogeneidade nas proporções de todos os municípios, porém Pariconha detém as maiores frequências da região (Figura 20).

**Figura 19** – Taxas de internação por doenças crônicas não transmissíveis (DCNT). 10ª Região de Saúde, 2007 a 2016.



Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em Outubro/2017 e sujeitos à revisão.

**Figura 20** – Frequências das internações por doenças crônicas não transmissíveis (DCNT), segundo município de residência, em diferentes períodos de tempo. 10ª Região de Saúde, 2007 a 2016.



Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em Outubro/2017 e sujeitos à revisão.

Ao desagregar as DCNT segundo doenças selecionadas observa-se que as internações por câncer são crescentes na região, apresentando crescimento em todos os municípios e com frequências elevadas no período 2014-2016, especialmente entre os residentes de Água Branca (Figura 21).

As doenças cerebrovasculares mantêm-se estáveis na região, porém Delmiro Gouveia, Inhapi e Pariconha apresentam as maiores frequências da região (Figura 22).

As internações por diabetes sofrem reduções ao longo do tempo entre os residentes de Água Branca, fazendo com que o município possua a menor proporção da região no período de 2014 a 2016 (Figura 23).

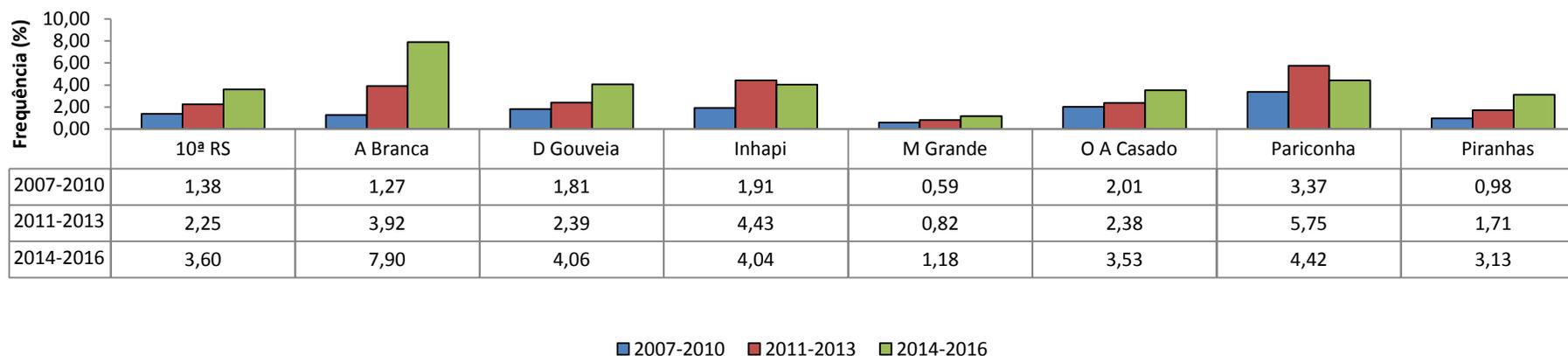
As maiores ocorrências de internações por hipertensão primária ocorrem entre os residentes de Mata Grande e Água Branca, porém a redução observada nesta última localidade no período de 2014 a 2016 a assemelha aos demais municípios da região (Figura 24).

Há aumento nas frequências de internações por doença isquêmica do coração em todos os municípios da região, porém, Mata Grande possui as menores proporções. Aumentos sucessivos são observados entre residentes de Água Branca, Delmiro Gouveia, Olho d'Água do Casado, Pariconha e Piranhas (Figura 25).

As doenças respiratórias crônicas apresentam reduções, especialmente no período 2014-2016, entre os residentes de todos os municípios da região. No período 2007-2010 as maiores frequências eram observadas em Água Branca e Pariconha (Figura 26).

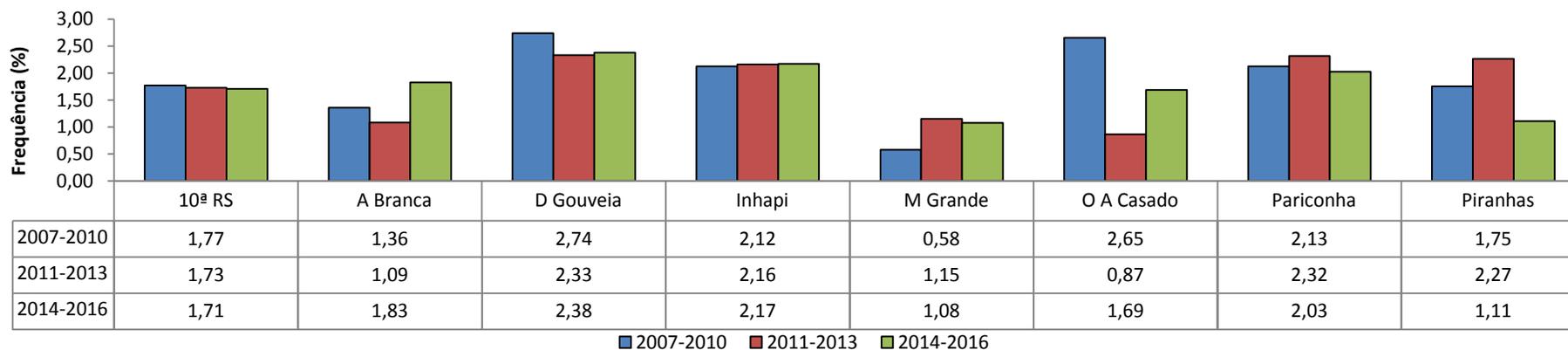
Os transtornos mentais e comportamentais em decorrência do uso de substâncias psicoativas mantêm-se estáveis enquanto causas de internação entre os residentes da região, porém, apesar das reduções verificadas entre os residentes de Pariconha ao longo do tempo, o município possui as maiores proporções da região, juntamente com Água Branca no período 2014-2016 (Figura 27), podendo guardar relação com etilismo crônico entre populações indígenas.

**Figura 21** – Frequências das internações por câncer, segundo município de residência, em diferentes períodos de tempo. 10ª Região de Saúde, 2007 a 2016.



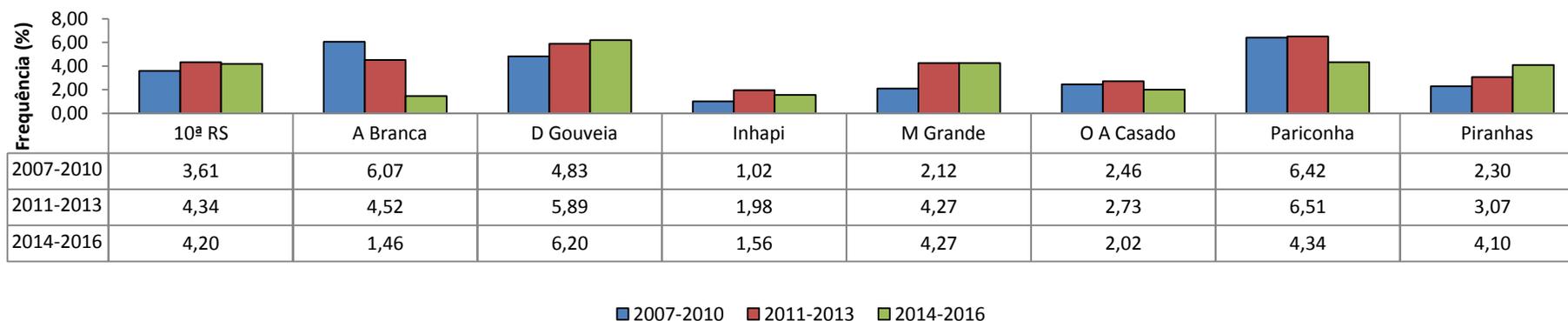
Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em Outubro/2017 e sujeitos à revisão.

**Figura 22** – Frequências das internações por doenças cerebrovasculares, segundo município de residência, em diferentes períodos de tempo. 10ª Região de Saúde, 2007 a 2016.



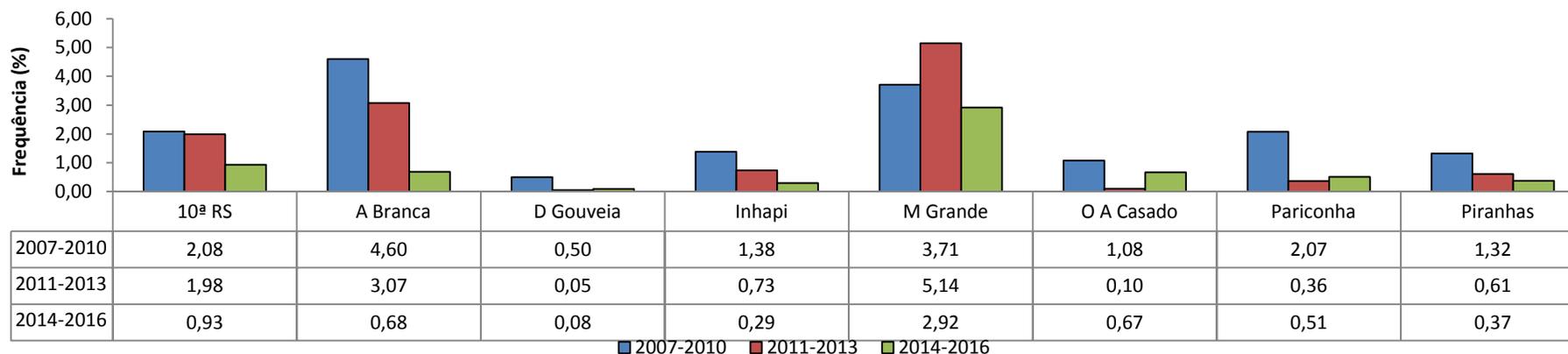
Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em Outubro/2017 e sujeitos à revisão.

**Figura 23** – Frequências das internações por diabetes, segundo município de residência, em diferentes períodos de tempo. 10ª Região de Saúde, 2007 a 2016.



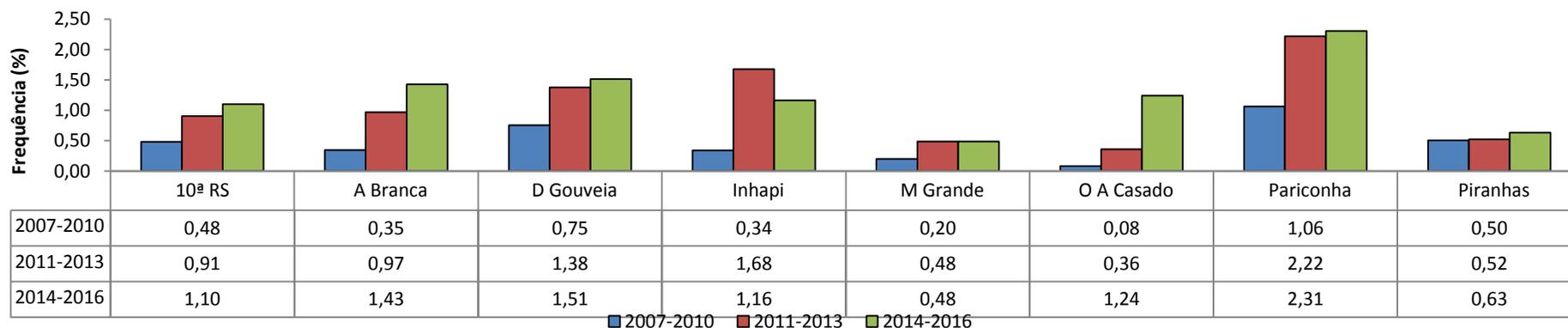
Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em Outubro/2017 e sujeitos à revisão.

**Figura 24** – Frequências das internações por hipertensão primária, segundo município de residência, em diferentes períodos de tempo. 10ª Região de Saúde, 2007 a 2016.



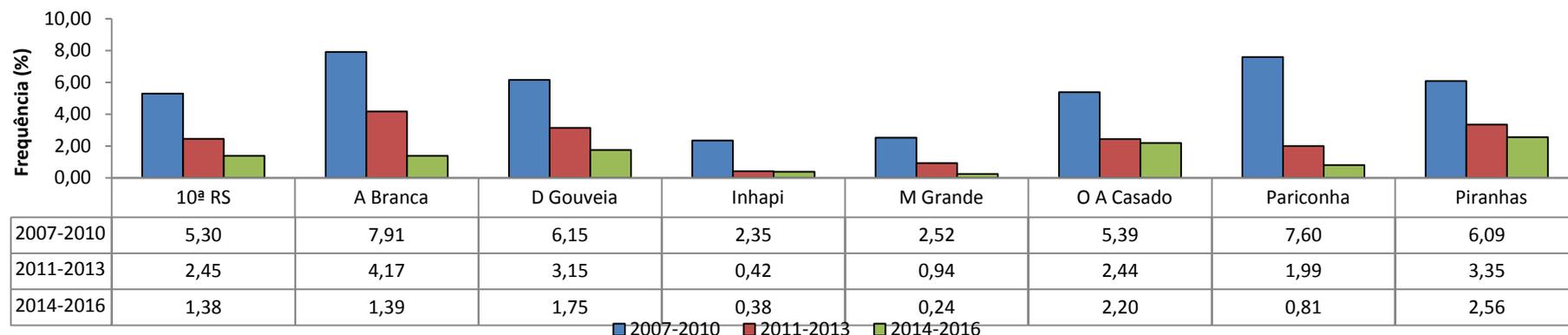
Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em Outubro/2017 e sujeitos à revisão.

**Figura 25** – Frequências das internações por doença isquêmica do coração, segundo município de residência, em diferentes períodos de tempo. 10ª Região de Saúde, 2007 a 2016.



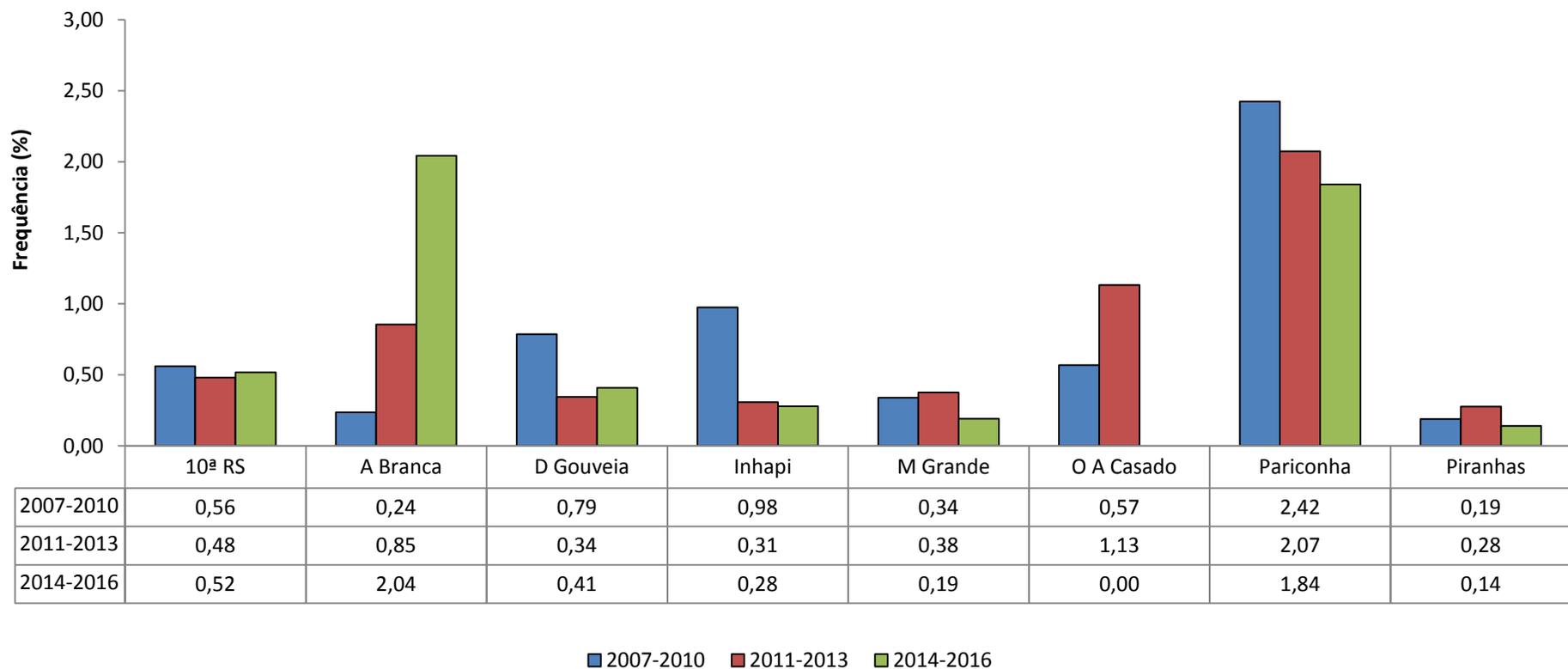
Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em Outubro/2017 e sujeitos à revisão.

**Figura 26** – Frequências das internações por doenças respiratórias crônicas, segundo município de residência, em diferentes períodos de tempo. 10ª Região de Saúde, 2007 a 2016.

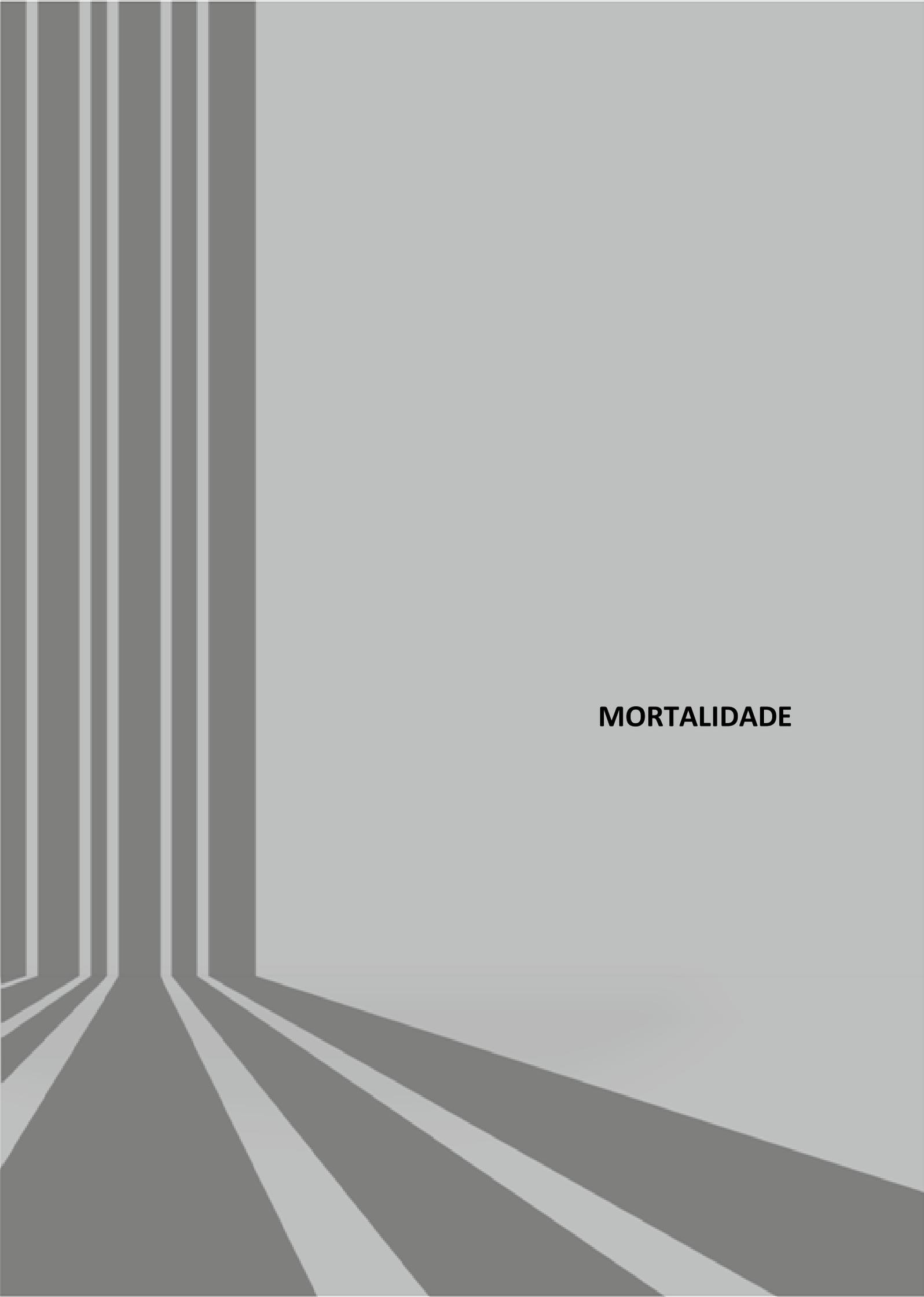


Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em Outubro/2017 e sujeitos à revisão.

**Figura 27** – Frequências das internações por transtornos mentais e comportamentais em decorrência do uso de substância psicoativa, segundo município de residência, em diferentes períodos de tempo. 10ª Região de Saúde, 2007 a 2016.



Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em Outubro/2017 e sujeitos à revisão.

The image features a minimalist, abstract design. On the left side, there are several vertical lines of varying thicknesses, creating a sense of depth and structure. The right side of the image shows a perspective view of a hallway or a series of parallel lines that recede into the distance, set against a light gray background. The overall aesthetic is clean and modern.

**MORTALIDADE**

## MORTALIDADE

Durante o período de 2007 a 2016, as causas de óbitos mais frequentes na 10ª RS do estado de Alagoas foram as codificadas no Capítulo IX (2.477: 29,9%), seguida pelo do Capítulo XX (1.194: 14,4%) e II(801: 9,7%) (Tabela 01; Figura 01).

**Tabela 01** – Frequência de óbitos por grupo de causas (CAP CID-10) na 10ª RS do estado de Alagoas, período de 2007 a 2016.

GRUPO DE CAUSAS	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2011	2012	2013	TOTAL
CAP I	34	38	45	26	22	29	45	21	30	28	318
CAP II	88	78	81	65	62	76	88	88	97	78	801
CAP III	1	8	6	6	5	2	2	1	6	8	45
CAP IV	67	59	66	68	72	57	71	83	82	75	700
CAP V	6	11	7	6	13	13	8	11	12	11	98
CAP VI	9	11	11	10	5	9	11	8	23	16	113
CAP IX	240	233	233	210	240	253	279	242	277	270	2.477
CAP X	55	33	41	46	51	46	57	73	74	83	559
CAP XI	31	23	26	16	18	25	27	40	30	26	262
CAP XII	0	1	2	0	3	0	3	3	4	5	21
CAP XIII	1	2	0	1	3	0	5	2	2	0	16
CAP XIV	9	7	6	12	14	9	19	15	22	23	136
CAP XV	1	3	0	0	2	1	3	5	2	0	17
CAP XVI	69	93	87	82	54	57	54	65	67	68	696
CAP XVII	9	11	9	10	14	2	9	6	16	12	98
CAP XVIII	65	69	81	91	69	101	91	40	55	67	729
CAP XX	96	104	107	130	122	121	125	143	120	126	1.194
<b>TOTAL</b>	<b>781</b>	<b>784</b>	<b>808</b>	<b>779</b>	<b>769</b>	<b>801</b>	<b>897</b>	<b>846</b>	<b>919</b>	<b>896</b>	<b>8.280</b>

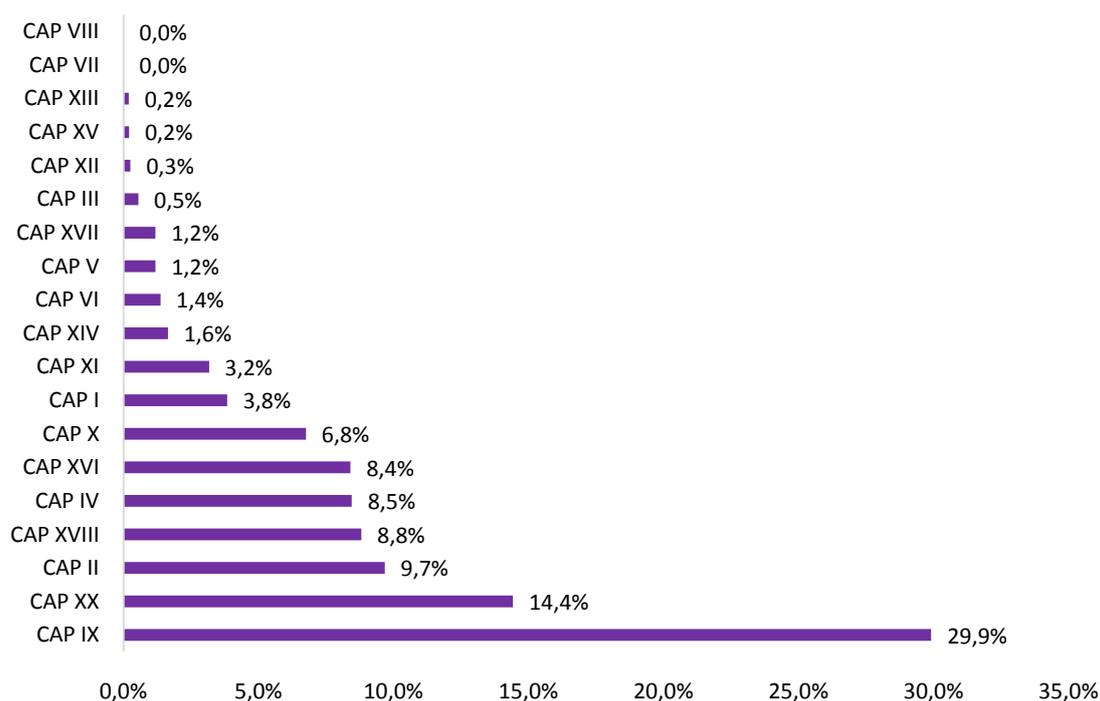
### GRUPOS DE CAUSAS SEGUNDO CAPÍTULO DO CID-10

I.	Algumas doenças infecciosas e parasitárias
II.	Neoplasias
III.	Doenças do sangue e órgãos hematopoiéticos e alguns transtornos imunitários
IV.	Doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas
V.	Transtornos mentais e comportamentais
VI.	Doenças do sistema nervoso
VII.	Doenças do olho e anexos*
VIII.	Doenças do ouvido e da apófise mastoide*
IX.	Doenças do aparelho circulatório
X.	Doenças do aparelho respiratório
XI.	Doenças do aparelho digestivo
XII.	Doenças da pele e do tecido subcutâneo
XIII.	Doenças sistema osteomuscular e tecido conjuntivo
XIV.	Doenças do aparelho geniturinário
XV.	Gravidez, parto e puerpério
XVI.	Algumas afecções originadas no período perinatal
XVII.	Malformações congênitas, deformidades e anomalias cromossômicas
XVIII.	Sintomas, sinais e achados anormais de ex. clínicos e de laboratório não classificados em outra parte
XIX.	Lesões, envenenamento e algumas outras consequências de causas externas*
XX.	Causas externas de morbidade e mortalidade
XXI.	Fatores que influenciam o estado de saúde e o contato com os serviços de saúde*

\*Excluídos por não ter ocorrido casos no período avaliado.

Fonte dos dados de mortalidade: SIM / Tabulados em 13/07/2017 – Dados sujeitos a alterações.

**Figura 01** – Mortalidade proporcional por grupo de causas (CAP CID-10) na 10ª Região de Saúde do estado de Alagoas, período de 2007 a 2016.

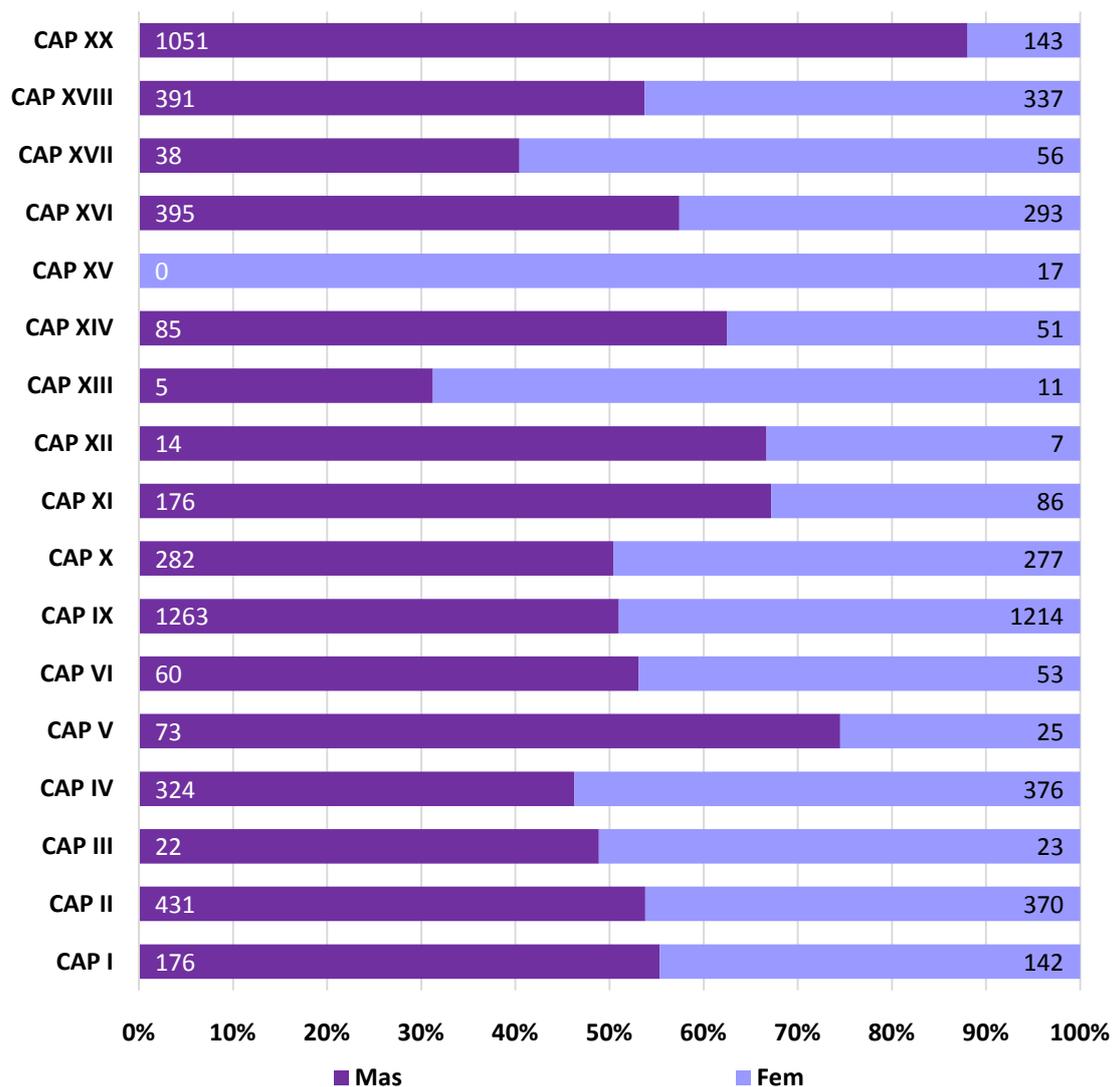


Fonte dos dados de mortalidade: SIM / Tabulados em 13/07/2017 – Dados sujeitos a alterações.

Avaliando os grupos de causas de óbitos por sexo, verifica-se uma diferença mais significativa quando observadas as causas codificadas no Capítulo XX (Causas externas de morbidade e mortalidade), onde, aproximadamente 90% dos casos ocorrem entre os homens, confirmando uma maior ocorrência de óbitos por causas externas, principalmente aquelas relacionadas a acidentes e homicídios entre os indivíduos do sexo masculino (Figura 02).

Entre os indivíduos do sexo feminino, com exceção das causas codificadas no capítulo XV (Gravidez, parto e puerpério – associadas exclusivamente as mulheres), observa-se que nos capítulos III (Doenças do sangue e órgãos hematopoiéticos e alguns transtornos imunitários), IV (Doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas), XIII (Doenças sistema osteomuscular e tecido conjuntivo) e XVII (Malformações congênitas, deformidades e anomalias cromossômicas) as mulheres são a maioria dos casos que evoluíram para óbito por estes grupos de causas na região, em especial com maior diferença na proporção em relação ao capítulo XIII (Figura 02).

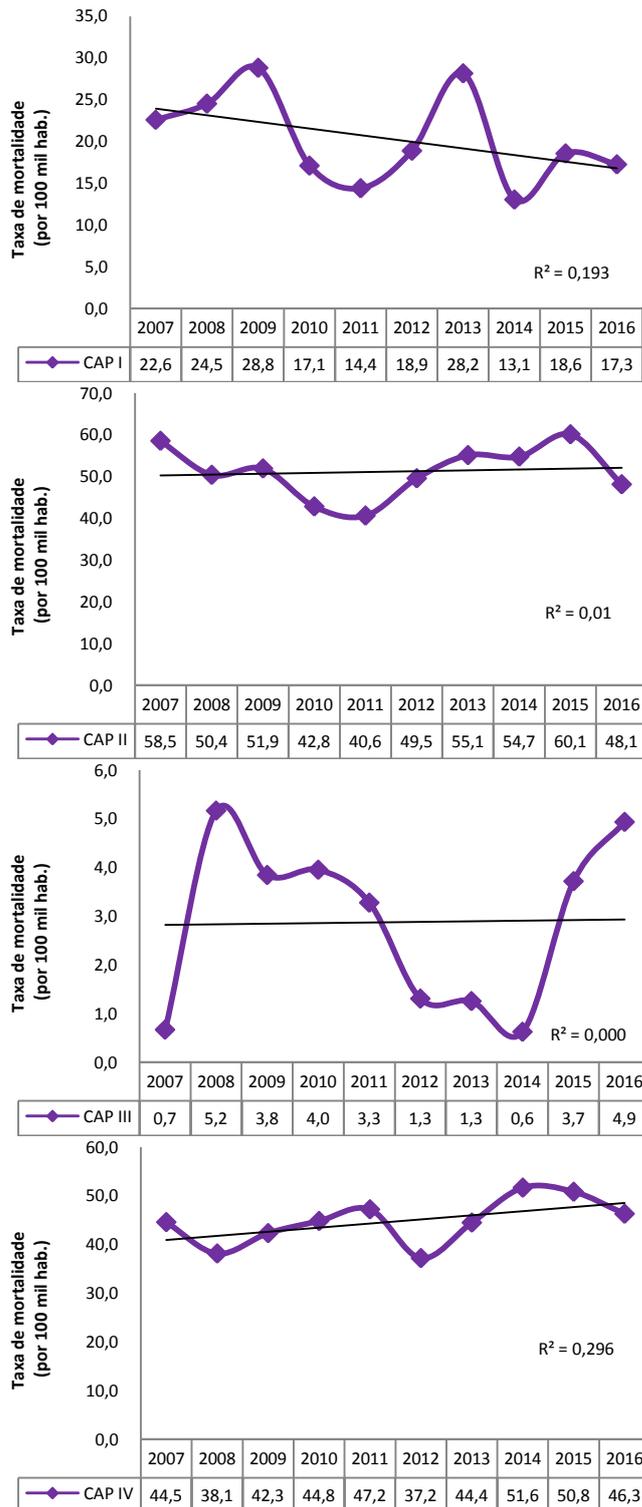
**Figura 02**– Frequência de óbitos por grupo de causas (CAP CID-10) na 10ª Região de Saúde do estado de Alagoas, segundo sexo, período 2007 a 2016.

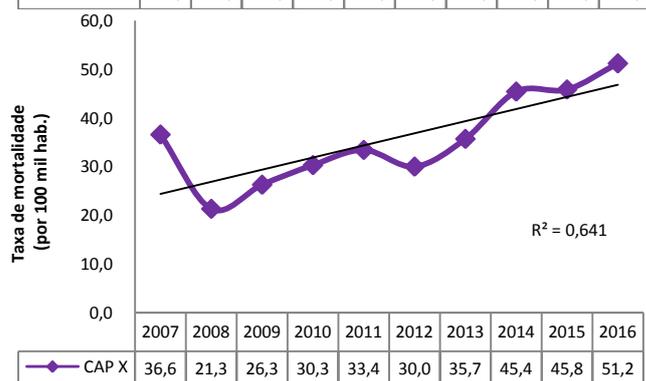
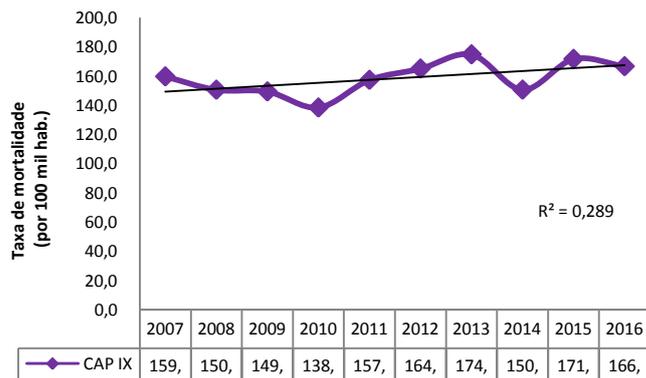
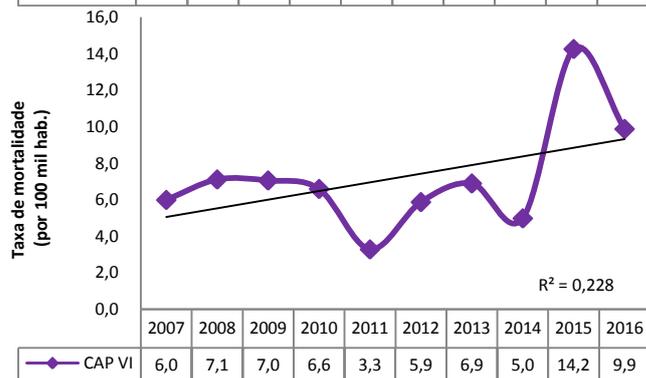
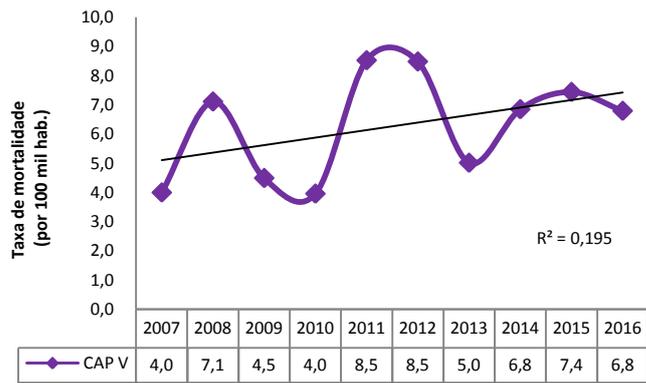


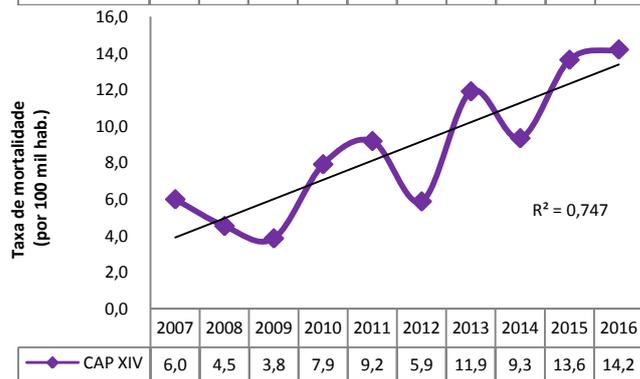
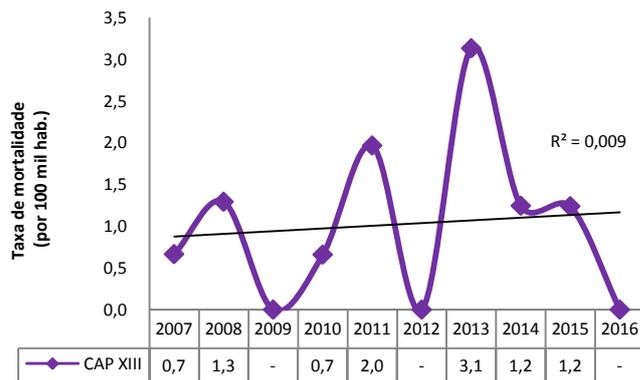
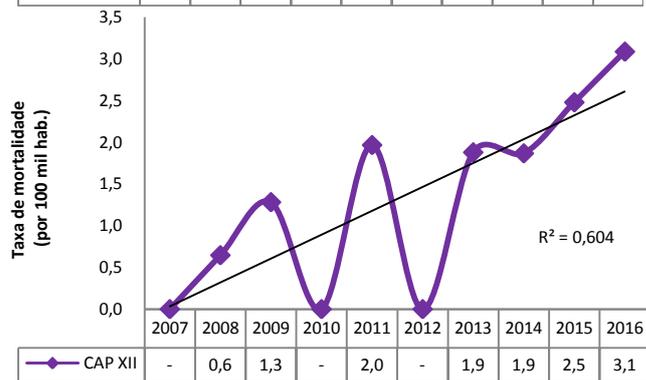
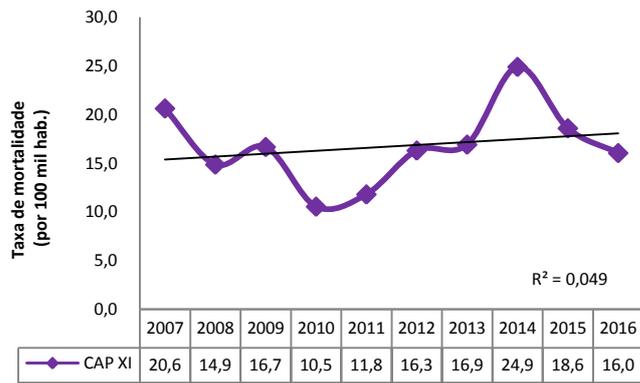
\*Excluídos os capítulos VII, VIII, XIX e XXI por não apresentarem casos no período avaliado.

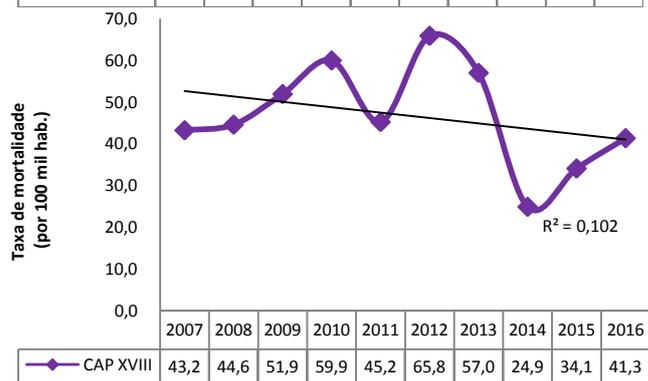
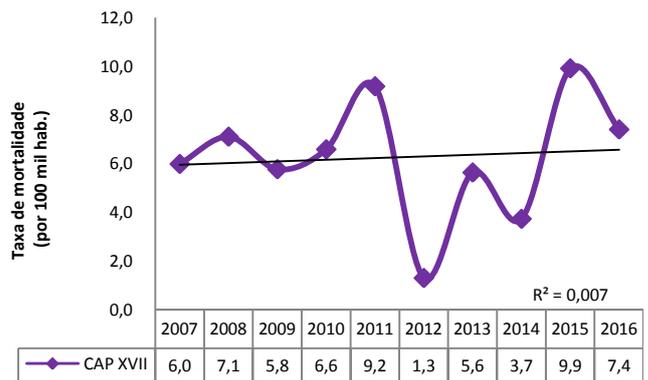
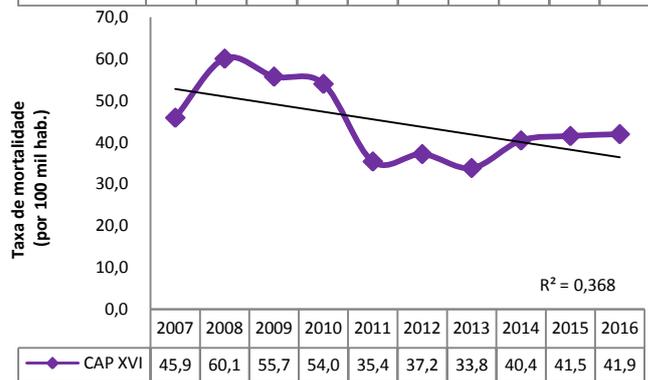
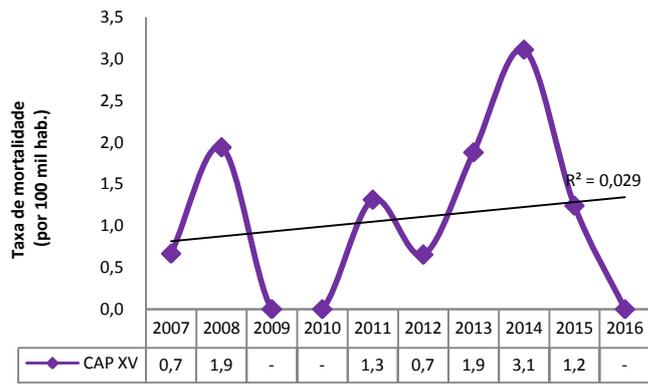
Fonte dos dados de mortalidade: SIM / Tabulados em 13/07/2017 – Dados sujeitos a alterações.

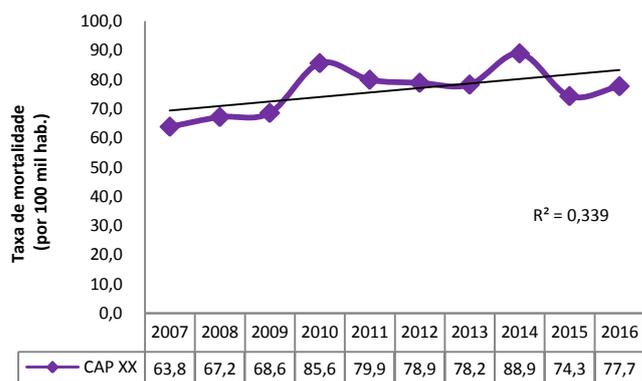
**Figura 03** – Tendência temporal da taxa de mortalidade segundo os grupos de causas (CAP. CID-10 \*) na 10ª Região de Saúde do estado de Alagoas, período de 2007 a 2016.











\*Excluídos os cap. VII, VIII, XIX e XXI por não apresentarem casos no período ou não possuírem taxas significativas. Fonte dos dados de mortalidade: SIM / Tabulados em 13/07/2017 – Dados sujeitos a alterações.

Observa-se na figura 03 a tendência temporal da taxa de mortalidade para cada grupo de causas codificadas no CID-10. Entre os três grupos de causas apontados como sendo responsáveis pelas maiores proporções de óbitos na 10ª RS (Capítulos II, IX e XX), nenhum deles apresentou tendência significativa de crescimento (Figura 03-CAP. II, IX e XX). As causas codificadas no capítulo XVI (Algumas afecções originadas no período perinatal), apesar de não apresentar tendência definida, demonstra uma redução das taxas ao longo do período avaliado (Figura 03 - CAP. XVI).

Ainda fazendo referência aos grupos de causas, especificamente ao capítulo XVIII, sabe-se que este pode, mesmo que indiretamente, medir o acesso e a disponibilidade da atenção à saúde para com a população, e ainda, a qualidade dos serviços responsáveis por diagnóstico e de esclarecimento das causas de morte no Estado. É importante salientar que as regiões que apresentam uma alta frequência de óbitos com causas não esclarecidas, certamente possuem fragilidades nos dados epidemiológicos de mortalidade do território analisado. Portanto, recomenda-se que o número de óbitos classificados como mal definidos apresente uma diminuição progressiva. Na 10ª RS, pode-se observar que o capítulo XVIII, que codificam as causas mal definidas, não apresenta uma tendência definida ao longo de todo o período, mantendo-se as taxas relativamente estáveis. Vale chamar atenção para o período entre 2012 e 2014, quando se observa uma redução significativa, no entanto, após este período a referida taxa volta a elevar-se (Figura 03 - CAP. XVIII).

**Tabela 02** – Frequência das principais causas de óbitos definidas na 10ª Região de Saúde do Estado de Alagoas, período de 2007 a 2016.

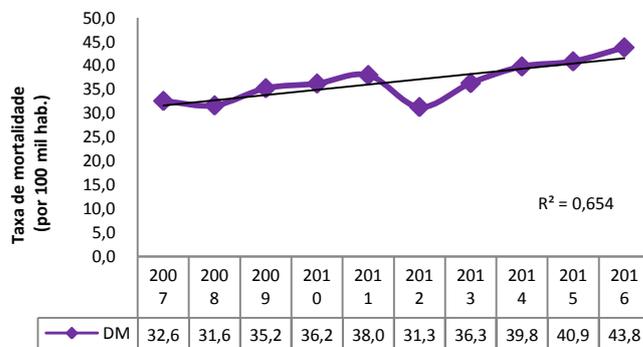
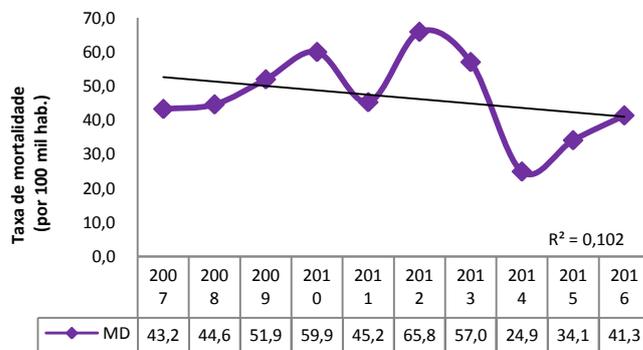
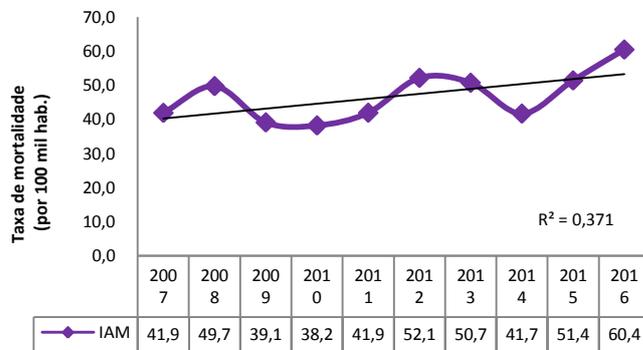
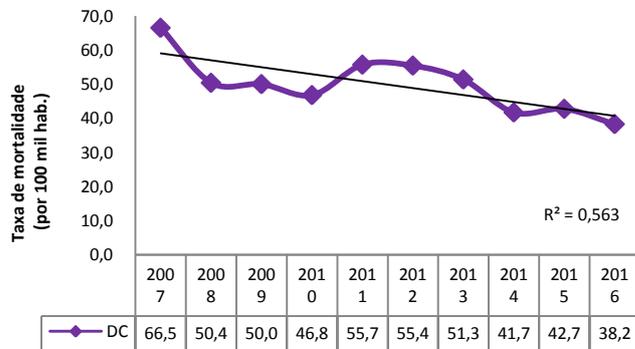
CAUSAS DEFINIDAS	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	TOTAL
Doenças cerebrovasculares	100	78	78	71	85	85	82	67	69	62	777
Infarto agudo do miocárdio	63	77	61	58	64	80	81	67	83	98	732
Mal definidas	65	69	81	91	69	101	91	40	55	67	729
<i>Diabetes mellitus</i>	49	49	55	55	58	48	58	64	66	71	573
Homicídios	42	45	47	75	52	60	47	55	50	55	528
Acidentes de trânsito transporte	24	36	36	31	40	49	41	61	43	42	403
Doenças hipertensivas	29	27	26	34	40	38	54	48	53	48	397
Causas Perinatais	35	50	53	50	26	27	29	34	30	30	364
Pneumonias	20	14	15	11	20	22	23	35	46	45	251
Insuficiência cardíaca	22	26	29	21	25	21	23	23	20	19	229

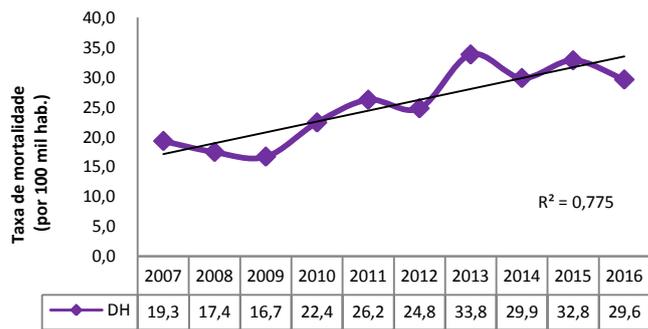
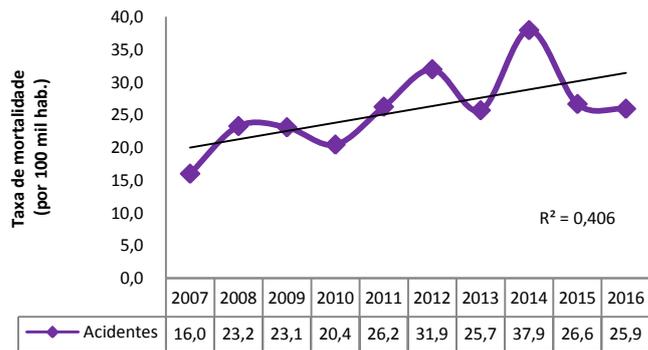
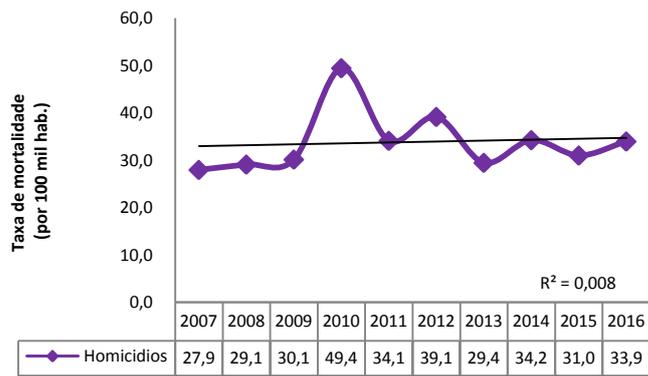
Fonte dos dados de mortalidade: SIM / Tabulados em 13/07/2017 – Dados sujeitos a alterações.

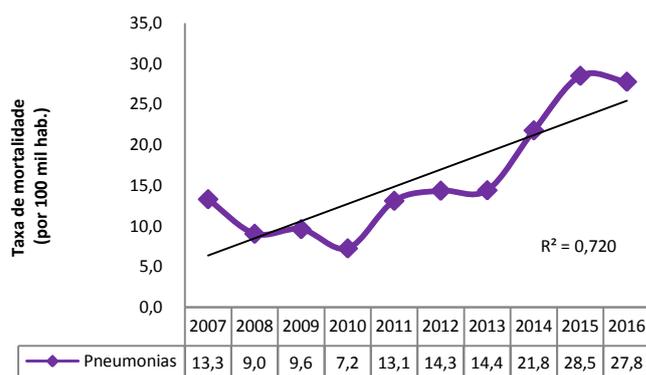
Entre as causas definidas de óbitos observadas na 10ª RS do estado de Alagoas, as doenças cerebrovasculares apresentam a mais alta frequência no acumulado dos últimos dez anos, seguido por infarto agudo do miocárdio e *diabetes mellitus* (Tabela 02). As causas mal definidas figuram com o 3ª lugar na RS.

Os óbitos por homicídios, além de figurarem como uma das principais causas de mortalidade da RS, sempre esteve presente em número elevado, o que garante a 5ª colocação no *rankin* das causas de óbitos da 10ª RS. Apesar de não se observar uma tendência significativa de crescimento da taxa no período, pode-se observar um discreto aumento ao longo do tempo, com um pico em 2010 (taxa de 49,4 óbitos por 100 mil habitantes). Tal fato não só sugere uma manutenção dos índices desta causa de mortalidade, como uma possibilidade de aumento real da mesma, a menos que se determinem ações de combate efetivas (Tabela 02; Figura 05-Homicídios).

**Figura 05**– Tendência temporal da taxa de mortalidade devido às principais causas determinadas de óbitos observadas na 10ª Região de Saúde do estado de Alagoas, período de 2007 a 2016 (DC-Doenças Cerebrovasculares; IAM-Infarto Agudo do Miocárdio; MD-Mal definidas; DM-Diabetes Mellitus; DH-Doenças Hipertensivas; CP-Causas Perinatais; IC-Insuficiência Cardíaca).







Fonte dos dados de mortalidade: SIM / Tabulados em 13/07/2017 – Dados sujeitos a alterações.

Das 10 causas de mortalidade definida mais frequentes, três apresentam tendência significativa de crescimento (Figura 05), sendo as mais fortes tendências: pneumonias ( $R^2=0,7208$ ) e doenças hipertensivas ( $R^2=0,7751$ ). A mortalidade por *diabetes mellitus* apresentaram uma moderada tendência de crescimento quando avaliada suas taxas ao longo do período ( $R^2=0,6544$ ). As causas mal definidas, como relatada, figuraram como a 3ª mais frequente, e ainda, de acordo com a análise de tendência temporal, espera-se a manutenção da frequência observada em todo o período (tabela 02; Figura 05-MD).

Observa-se na tabela 03 a Taxa Bruta de Mortalidade da 10ª RS do Estado e de seus respectivos municípios. Considera-se que esta taxa pode estar elevada devido às baixas condições socioeconômicas ou ainda ser reflexo de uma elevada proporção de pessoas idosas na população geral. No entanto, apesar do evidente crescimento observado da população idosa do Estado, acredita-se que a taxa bruta de mortalidade também esteja sofrendo influência em seu crescimento devido ao grande número de óbitos prematuros ocorridos por acidentes e homicídios (Tabela 02).

Entre os municípios que compõem a 10ªRS, observa-se tendência de crescimento para taxa bruta de mortalidade para Inhapi ( $R^2=0,8671$ ) e Piranhas ( $R^2=0,4033$ ) (Figura

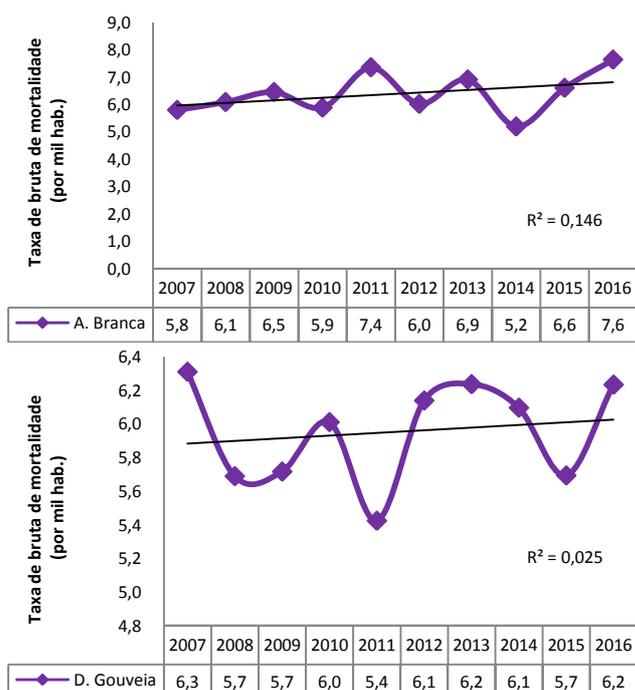
06). Para os demais municípios da RS não se observou tendência de aumento nem de declínio para este índice (Figura 06). É importante chamar atenção que o aumento desta taxa pode ser devido a uma baixa condição socioeconômica apresentada pela população.

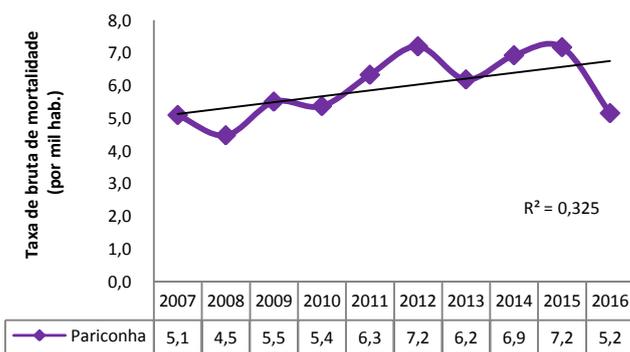
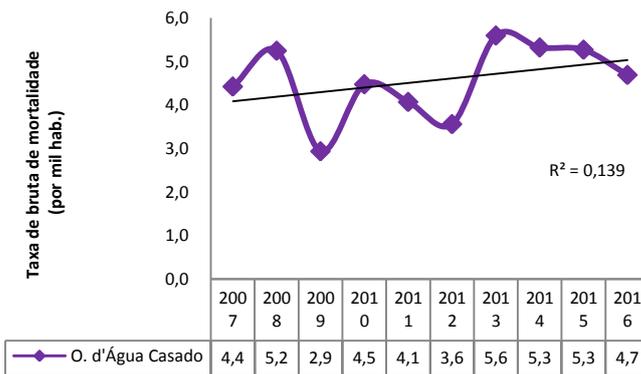
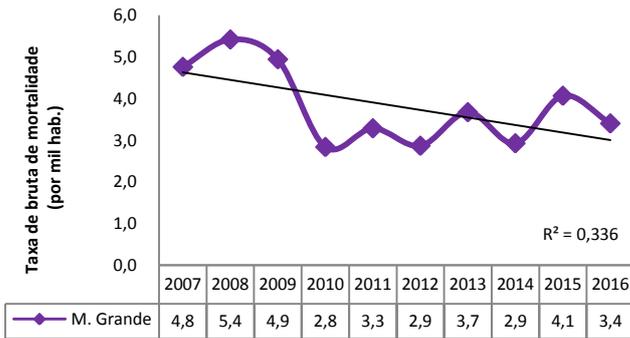
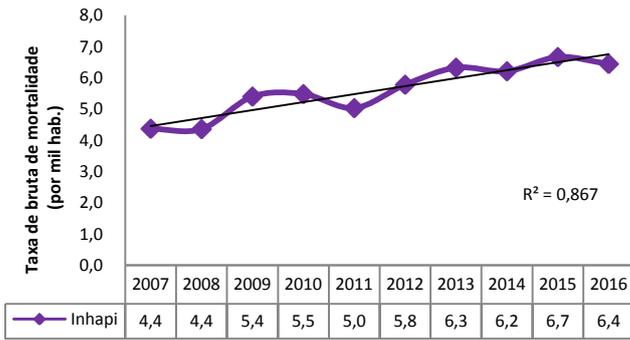
**Tabela 03** – Taxa Bruta de mortalidade (por mil habitantes) observada na 10ª Região de Saúde do estado de Alagoas, período de 2007 a 2016.

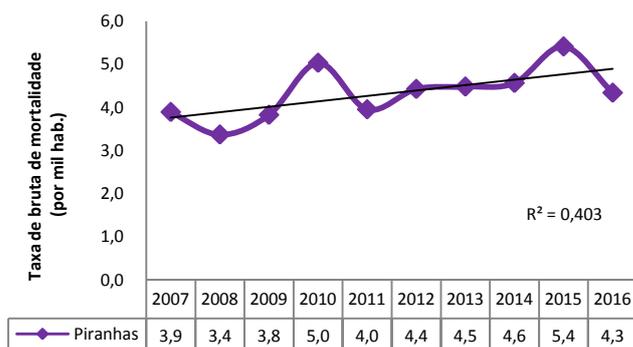
LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
10ª RS	5,2	5,1	5,2	5,1	5,0	5,2	5,6	5,3	5,7	5,5
Água Branca	5,8	6,1	6,5	5,9	7,4	6,0	6,9	5,2	6,6	7,6
Delmiro Gouveia	6,3	5,7	5,7	6,0	5,4	6,1	6,2	6,1	5,7	6,2
Inhapi	4,4	4,4	5,4	5,5	5,0	5,8	6,3	6,2	6,7	6,4
Mata Grande	4,8	5,4	4,9	2,8	3,3	2,9	3,7	2,9	4,1	3,4
O. d'Água do Casado	4,4	5,2	2,9	4,5	4,1	3,6	5,6	5,3	5,3	4,7
Pariconha	5,1	4,5	5,5	5,4	6,3	7,2	6,2	6,9	7,2	5,2
Piranhas	3,9	3,4	3,8	5,0	4,0	4,4	4,5	4,6	5,4	4,3

Fonte dos dados de mortalidade: SIM / Tabulados em 13/07/2017 – Dados sujeitos a alterações.

**Figura 06** – Tendência temporal da taxa bruta de mortalidade (por mil habitantes) observada na 10ª Região de Saúde do estado de Alagoas, segundo seus respectivos municípios, período de 2007 a 2016.







Fonte dos dados de mortalidade: SIM / Tabulados em 13/07/2017 – Dados sujeitos a alterações.

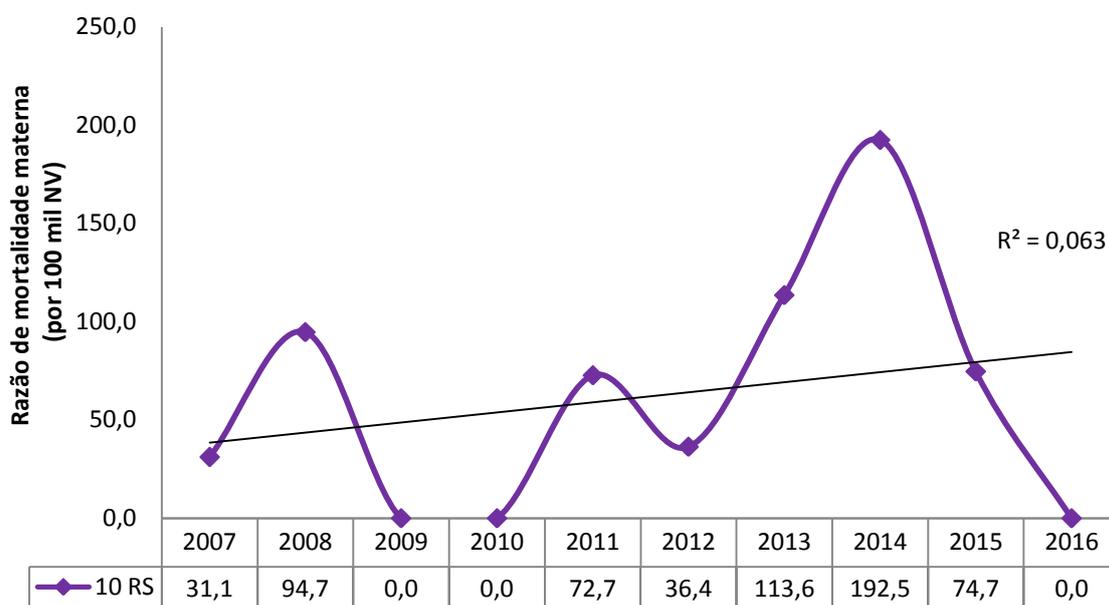
**Tabela 04** – Anos potenciais de vida perdido segundo algumas causas de óbito observado na 10ª Região de Saúde do estado de Alagoas, referente aos óbitos acumulados do período de 2007 a 2016.

LOCALIDADE	ANOS POTENCIAIS DE VIDA PERDIDOS (APVP) - ANOS		
	APVP TOTAL	APVP MÉDIO	MÉDIA DE IDADE AO MORRER
<b>Causas Externas</b>	40.553,0	36,4	33,6
<b>Homicídios</b>	19.209,5	37,2	32,8
<b>Doença do Aparelho Circulatório</b>	15.592,0	16,1	53,9
<b>Acidentes de Transporte</b>	11.971,5	34,5	35,5
<b>Câncer Primário</b>	8.262,0	19,4	50,6
<b>Diabetes Mellitus</b>	3.092,5	12,9	57,1

Fonte dos dados de mortalidade: SIM / Tabulados em 13/07/2017 – Dados sujeitos a alterações.

Os óbitos por causas externas representam para a 10ª RS do estado de Alagoas um prejuízo de mais de 40 mil anos de vida perdidos precocemente quando avaliados todos os óbitos ocorridos no período de 2007 a 2016. Avaliando especificamente os acidentes de transporte e homicídios, conclui-se que o impacto provocado pelos homicídios, no que se refere aos anos potenciais de vida perdido, é quase o dobro maior do que quando considerado os acidentes de transporte. Verificam-se na tabela 04 os anos potenciais perdidos de vida, a média de anos de vida perdidos por indivíduo e a média de idade que ocorreram os óbitos.

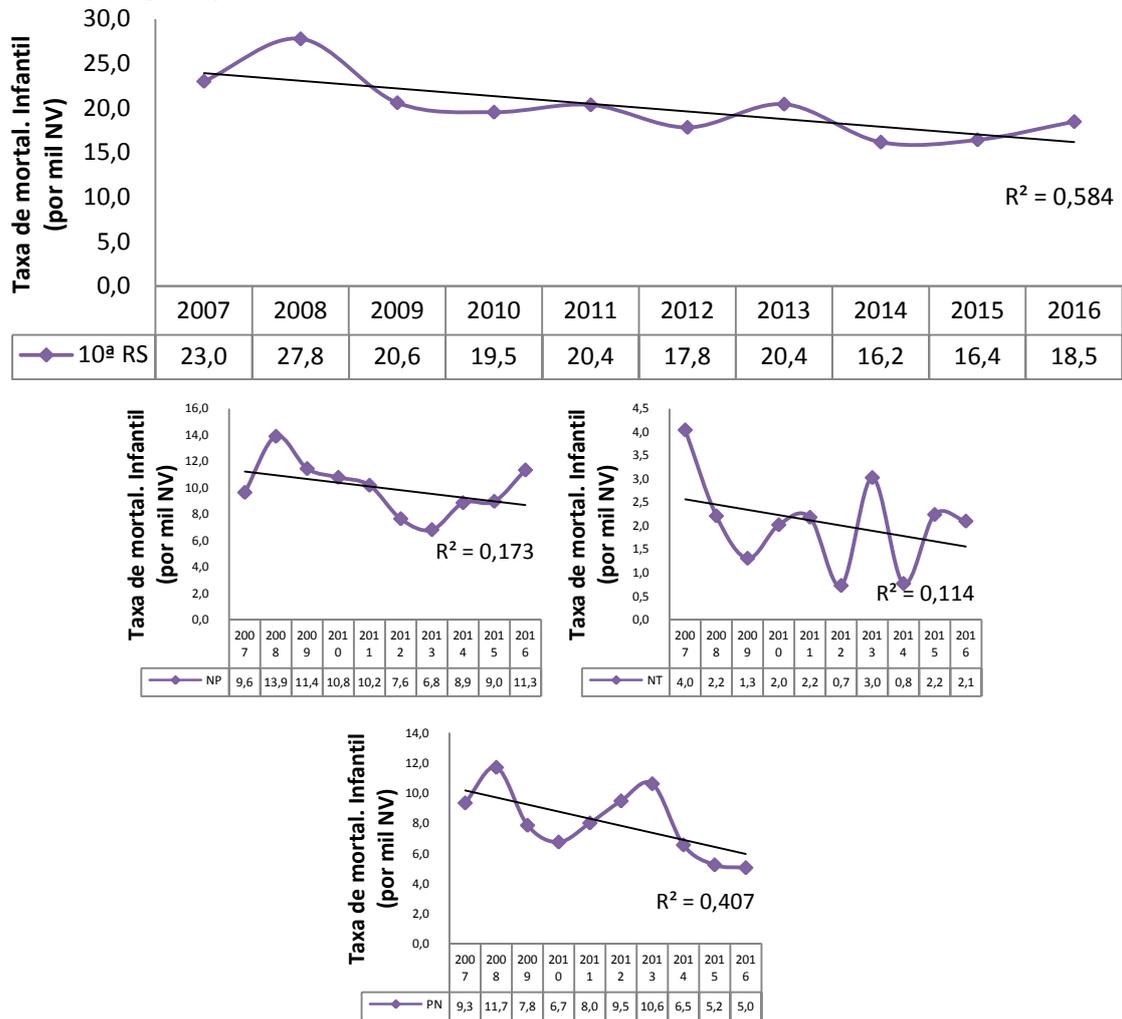
**Figura 07**– Tendência temporal da Razão de Mortalidade Materna (RMM) observada na 10ª Região de Saúde do estado de Alagoas, período de 2007 a 2016.



Fonte dos dados de mortalidade: SIM / Sinasc - Tabulados em 13/07/2017 – Dados sujeitos a alterações.

Na 10ª RS a Razão de Mortalidade Materna (RMM) não apresentou uma tendência definida quando avaliado o período 2007 a 2016, percebe-se uma grande variação no decorrer dos anos, chama atenção a taxa observada em 2014, devido ao seu elevado índice (figura 07). Em relação a mortalidade infantil, sua análise demonstra uma redução significativa para a TMI geral ao longo do período ( $R^2=0,5843$ ). Já para os componentes da MI, observa-se tendência de redução significativa apenas para a pós neonatal ( $R^2=0,4076$ ) (Figura 08).

**Figura08**– Tendência temporal da Taxa de Mortalidade Infantil (TMI), segundo seus componentes: Neo Precoce (NP); Neo Tardia (NT); Pós Neonatal (PN).10ª Região de Saúde do estado de Alagoas, período de 2007 a 2016.



Fonte dos dados de mortalidade: SIM / Sinasc - Tabulados em 13/07/2017 – Dados sujeitos a alterações.